

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: LINGUAGEM E IDENTIDADE
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS: LINGUAGEM E IDENTIDADE**

**ENTRE A MEMÓRIA SOCIAL E A IDENTIDADE: TRAJETÓRIAS DA UNIÃO DO
VEGETAL (UDV) NA AMAZÔNIA ACREANA**

**RIO BRANCO - ACRE
2015**

MARIA JONILDA ALVES DE SOUZA

**ENTRE A MEMÓRIA SOCIAL E A IDENTIDADE: TRAJETÓRIAS DA UNIÃO DO
VEGETAL (UDV) NA AMAZÔNIA ACREANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, Área de Concentração: Identidade, Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade, sob a orientação do Professor Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque.

**RIO BRANCO - ACRE
2015**

MARIA JONILDA ALVES DE SOUZA

**ENTRE A MEMÓRIA SOCIAL E A IDENTIDADE: TRAJETÓRIAS DA UNIÃO DO
VEGETAL (UDV) NA AMAZÔNIA ACREANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, Área de Concentração: Identidade, Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade, sob a orientação do Professor Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque – Presidente
(Universidade Federal do Acre)

Professor Dr. Hélio Rodrigues da Rocha – Membro Interno
(Universidade Federal de Rondônia)

Professor Dr. Francisco Pinheiro de Assis – Membro Externo
(Universidade Federal do Acre)

Data da defesa e aprovação: 30 de dezembro de 2015.

**RIO BRANCO - ACRE
2015**

© SOUZA, M. J. A., 2016.

SOUZA, Maria Jonilda Alves de. **Entre a memória social e a identidade: trajetórias da União do Vegetal (UDV) na Amazônia acreana.** Rio Branco, 2015. 101f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Identidade) - Universidade Federal do Acre, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S729e Souza, Maria Jonilda Alves de, 1980-

Entre a memória social e a identidade: trajetórias da União do Vegetal (UDV) na Amazônia acreana / Maria Jonilda Alves de Souza. -- Rio Branco: Universidade Federal do Acre, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, 2015.
101f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, área de concentração Identidade, linha de pesquisa Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque
Inclui bibliografia

1. União do Vegetal - Memória - Identidade. 2. Religião hoasqueira. 3. Amazônia acreana. I. Título.

CDD: 299.8098112
CDU: 398.3(9811.2)

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Aos membros da União do Vegetal, Núcleo João Lango Moura, por terem se disponibilizado a participarem das entrevistas.

Ao meu orientador, Professor Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque, pela paciência, compreensão, apoio e principalmente pela dedicação que tem em contribuir com seu intelecto, tanto nas orientações com seus alunos, quanto no Programa de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade como um todo, na qualidade de Coordenador.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, estendendo esse agradecimento aos professores que compuseram as disciplinas do Mestrado, os doutores: Gerson Albuquerque, Francisco Dalmolin, Lindinalva Messias, Miguel Ângelo e Milton Chamarelli.

Aos professores doutores Francisco Pinheiro e Hélio Rodrigues, que compuseram a banca de Exame de Qualificação.

Aos novos amigos que encontrei nessa trajetória do Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, turma 2013: Antonia, Márcia, Ivanilda, Elaine, Gizeli, Luciano, Cabral, Marinete, Jozafá, Silvia e Raquel; às queridas amigas Altaíza e Ítala.

Aos meus familiares e demais amigos pelo o apoio e compreensão pelos momentos de ausências.

Por fim, à grande força universal que move esse mundo.

RESUMO

A partir de referenciais teóricos e críticos embasados nas obras de Bakhtin/Volochínov (2014), Benjamin (1994), Certeau (2000 e 1990), Glissant (2005), Hall, (2003), Le Goff (1992), Nora (1993), Portelli (1997), Sarlo (2007) e Antonacci (2014), este estudo tem como foco central a relação linguagem e identidade na construção de identidades hoasqueiras na Amazônia acreana, em narrativas de membros da comunidade religiosa denominada União do Vegetal (UDV), cuja fundação data do início da década de 1970, em Rio Branco, Acre. A análise consistiu em descrever os elementos característicos das narrativas, bem como as representações identitárias feitas a partir da memória individual e coletiva daqueles que vivenciaram o início da organização dessa comunidade religiosa na cidade de Rio Branco. Para tanto, foi feita uma pesquisa qualitativa, que articulou documentos escritos com narrativas orais. Na produção das narrativas orais utilizou-se a metodologia da história oral e entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram realizadas com nove membros da UDV. Os dados contribuem para a compreensão da pluralidade das identidades amazônicas tendo em vista as diferentes espacialidades/temporalidades vividas e a experiência social.

Palavras-chave: UDV. Memória. Identidade. Religião hoasqueira. Amazônia Acreana.

ABSTRACT

This study is grounded on a theoretical framework which considers the perspective of different scholars based in the works of Bakhtin/Volochínov (2014), Benjamin (1994), Certeau (2000 and 1990), Glissant (2005), Hall (2003), Le Goff (1992), Nora (1993) Portelli (1997), Sarlo (2007) and Antonacci (2014). Its central focus is the relationship between language and identity in the construction of *hoasca* identities of members from a religious community called União do Vegetal (UDV), which foundation dates back to the early 1970s, in Rio Branco, Acre. The analysis consisted of describing the characteristic elements of narratives, as well as the identity representations made from the individual and collective memory of those who experienced the beginning of the organization of the religious community in the city of Rio Branco. Therefore, a qualitative survey was conducted, which articulated written documents with oral narratives. In the production of oral narratives we used the methodology of oral history and semi-structured interviews. Interviews were conducted with nine members of the UDV. The data contribute to the understanding of the plurality of Amazonian identities considering the different spatialities and temporalities lived by the subjects.

Keywords: UDV. Memory. Identity. Religion. Hoasca. Acrean Amazon.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

AC – Acre

CEBUDV – Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

CONFEN – Conselho Federal de Entorpecentes

DMD – Departamento de Memória e Documentação

EXPOACRE – Feira de Exposição do Estado do Acre

RO – Rondônia

SEBRAE - Serviços Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UDV – União do Vegetal

UFAC – Universidade Federal do Acre

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mestres fundadores das primeiras religiões hoasqueiras.....	15
FIGURA 2: Mestre Gabriel com familiares e discípulos na década de 1960 em Porto Velho (RO).....	33
FIGURA 3: Núcleo João Lango Moura.....	79
FIGURA 4: Espaço de memória (DMD) do Núcleo João Lango Moura.....	86

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	11
Capítulo I	
No intercâmbio floresta-cidade: a formação das religiões hoasqueiras.....	19
Capítulo II	
Memória oral e Itinerários históricos da UDV na cidade de Rio Branco – Acre.....	37
Capítulo III	
Entre laços de memórias e representações identitárias.....	75
Considerações finais.....	93
Referências.....	97

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A temática abordada neste estudo foi pensada a partir de nossas experiências na religião hoasqueira¹ União do Vegetal (UDV), cujo primeiro contato com os membros de uma de suas filiais se deu durante uma estadia nossa na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1997, onde tivemos a oportunidade de conhecermos a irmandade do denominado Núcleo Pupuramanta.² Foi nesse núcleo que tivemos o primeiro contato com o chá hoasca. Não imaginávamos que em meio à correria do dia a dia daquela “cidade grande” conheceríamos algo que há muito tempo faz parte do contexto sociocultural acreano.

A partir da primeira experiência, que consideramos bem marcante e significativa, surgiu a motivação para conhecermos mais a respeito dessa comunidade religiosa. Convivemos com a irmandade do Núcleo Pupuramanta durante três anos, o que nos possibilitou conhecer algumas histórias da trajetória do fundador dessa religião, com suas vivências e experiências nos seringais amazônicos. Mas foi no Acre, após nosso retorno, no ano de 2000, que pudemos conhecer um pouco mais a respeito, não somente dessa comunidade, mas de tantas outras comunidades que fazem parte do universo hoasqueiro.

O que nos surpreendeu foi sabermos que as religiões hoasqueiras tiveram início na Amazônia acreana a partir da década de 1930, porém, recordamo-nos que em nenhum momento de nossa trajetória escolar ouvimos falar alguma coisa a respeito dessas práticas religiosas nos livros de história do Acre, aos quais tivemos acesso. As abordagens faziam menção apenas à religião católica e às religiões protestantes, silenciando ou deixando à margem muitas outras práticas religiosas.

Estas e outras inquietações nos estimularam a aprofundar os estudos relacionados ao percurso identitário ou à memória da UDV no Acre. Nesse sentido, com nosso ingresso no Curso de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC), tivemos a oportunidade de conhecer e discutir algumas questões teóricas e metodológicas que contribuíram para o

¹ Hoasqueira, ayahuasqueira (nome mais utilizado nos escritos acadêmicos). Adotamos os termos hoasca (ou vegetal) e hoasqueira por serem próprios da terminologia utilizada no âmbito da União do Vegetal.

² Núcleo é o nome utilizado para referir-se aos locais onde acontecem os encontros entre os participantes da comunidade religiosa. Cada núcleo recebe um determinado nome, que tem um valor simbólico e espiritual para a comunidade, como por exemplo, o nome Pupuramanta.

direcionamento e a elaboração deste estudo.

As diversas leituras e discussões em sala de aula, com colegas e professores, bem como a participação em congressos e seminários foram de fundamental importância para uma melhor compreensão acerca de conceitos como cultura, linguagem, identidade, dentre outros, o que contribuiu para que pudéssemos refletir ainda mais a respeito das dinâmicas sociais e religiosas presentes na Amazônia acreana. A convivência com alguns dos primeiros discípulos da UDV no Acre foi um fator de grande importância para a decisão de iniciar um projeto de pesquisa em torno dessa temática: a partir dessa convivência nos interessamos em pesquisar sobre a memória social da UDV.

O Acre é um estado que, assim como vários outros espaços geopolíticos, tem sua história marcada pela trajetória de diferentes sujeitos e grupos sociais, com encontros e entrelaçamentos entre diferentes práticas culturais em riquíssima “zona de contato”³, resultando em um constante processo de transformações identitárias e singularidades sociais. Um dos marcos da história desse Estado foi o período da “economia da borracha”, quando grandes fluxos de pessoas transitaram por essa parte do continente americano, sendo a maior parte proveniente das chamadas províncias do norte, em direção aos seringais em formação, onde passaram a trabalhar na condição de extratores do látex. Com isso, muitos trabalhadores extrativistas, também conhecidos como seringueiros, passaram a ter contato com populações indígenas que habitavam as áreas de fronteiras entre Brasil, Peru e Bolívia. As aproximações resultaram em intercâmbios culturais através de usos e práticas, entre às quais o chá Hoasca, utilizado em rituais xamânicos indígenas para promover curas, contatos através de visões interiores com seres míticos e acesso ao mundo espiritual.⁴

O chá recebe denominações variadas conforme os grupos humanos que o utilizam em diferentes localidades, tanto do lado brasileiro quanto dos países de língua hispânica: Ayahuasca, Hoasca, Mariri, Vegetal, Daime, Cipó, Yagê, Kamarampi, são alguns exemplos dos mais conhecidos. Mas o termo “Ayahuasca” tem sido o mais utilizado nas bibliografias acadêmicas. Entretanto, utilizaremos para este estudo a denominação Hoasca ou Vegetal, que são os termos utilizados pelos

³ Tomamos emprestada a expressão “zona de contato” de Mary Pratt (1999, p. 32), para nos referirmos a “presença espacial e temporal conjunta de sujeitos”, cujas dimensões interativas resultam em assimilações de elementos culturais.

⁴ Luz, O uso ameríndio do caapi, 2002.

membros da UDV para se referir ao chá, que é preparado a partir da junção de dois vegetais amazônicos: o “cipó *Banisteriopsis Caapi*” e a “folha *Psychotria Viridis*”, conhecidos respectivamente na UDV como Mariri e Chacrona.⁵

As mais conhecidas fontes bibliográficas sobre o chá Hoasca indicam que seu uso entre extrativistas brasileiros, nas florestas das zonas fronteiriças, no início do século XX, resultou na formação de corpos doutrinários com elementos do catolicismo popular, da pajelança indígena e de religiões afro-brasileiras. A troca de conhecimentos entre índios e trabalhadores extrativistas, com lendas, mitos e histórias sincretizaram várias culturas. Surgindo a partir desses encontros e intercâmbios, as chamadas “religiões da floresta”.⁶

Os fundadores de duas das linhas do Daime, Raimundo Irineu Serra e Daniel Pereira de Mattos, ambos nascidos no Maranhão, imigrantes do início do século passado, lançaram seus fundamentos nos arredores da capital acreana, Rio Branco. Por sua vez, José Gabriel da Costa, proveniente da Bahia para trabalhar nos seringais amazônicos, deu início à sua doutrina na fronteira entre o Acre e a Bolívia, no Seringal Sunta, em 22 de julho de 1961, porém, não permaneceu nessa localidade geográfica por muito tempo, pois estabeleceu-se, posteriormente, na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia, onde instituiu o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.⁷

Chama a atenção que, não obstante ao fato de que a hoasca tenha sido introduzida na cidade de Rio Branco por Raimundo Irineu Serra, no ano de 1930 e, derivada deste grupo, em 1945, tenha sido instituída, por Daniel Pereira de Matos, a religião denominada Barquinha, no contexto atual, a UDV é amplamente reconhecida e integrada às principais lideranças hoasqueiras acreanas: ela passou a fazer parte do contexto sociocultural acreano a partir da década de 1970, através de um senhor de nome Luiz Máximo Chaves,⁸ discípulo de José Gabriel da Costa.

A UDV, assim como as demais religiões hoasqueiras, é uma religião que tem sua constituição marcada por dimensões simbólicas, tendo como uma de suas principais características a tradição oral, com a transmissão da doutrina e ensinamentos em suas sessões espíritas, por intermédio da palavra falada.

⁵ Bernadino-Costa, Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente, 2011.

⁶ Sobre estas questões, ver os estudos de Mandarino, Religiões Ayahuasqueiras: tradições e contradições, 2010.

⁷ Bernardino-Costa, *op. cit.*, 2011

⁸ Alencar, A expansão da UDV no Estado do Acre, 2007

Entretanto, alguns acontecimentos que marcaram sua institucionalização foram registrados ao longo do tempo, através de vários recursos, como documentos escritos, registros fotográficos, fonográficos, dentre outros, com o objetivo de manter a memória dessa comunidade religiosa. Para a guarda desses registros foi criado na UDV o Departamento de Memória e Documentação – DMD.

A partir das observações feitas durante a pesquisa, especialmente, das narrativas de alguns dos primeiros discípulos da UDV no Acre, foi possível investigar parte de suas trajetórias e experiências vivenciadas durante o processo de inserção dessa religião na Amazônia acreana, bem como suas contribuições para a construção da memória social da comunidade, com a organização do acervo documental e os registros que marcaram o processo de construção do primeiro Núcleo da UDV no Acre, que são guardados no espaço de memória da comunidade.

A pesquisa foi realizada no primeiro núcleo da UDV no Acre, denominado Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – Núcleo João Lango Moura⁹, e contou com a participação de nove membros da comunidade, que acompanharam o processo de construção desde seu início. A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas, que foram realizadas no período de maio a junho de 2014, abordando os temas relacionados ao objetivo central do presente estudo, que é abordar a trajetória de construção da UDV no Acre, para, a partir daí, analisar os elementos constitutivos dessa identidade religiosa, bem como as representações identitárias feitas pela memória individual e coletiva dos membros que participam dessa construção desde seu início e as percepções sobre espaço de memória da comunidade. Nossa expectativa é que os resultados desse estudo possam intensificar as relações sociais entre os membros da comunidade e desses com a sociedade acreana, bem como contribuir para uma maior preservação e valorização das memórias coletivas das inúmeras comunidades existentes nesse universo religioso.

Durante o processo de desenvolvimento do estudo e produção dos documentos orais, passamos por uma série de dificuldades. A primeira delas foi conseguir a aprovação do Comitê de Ética da UFAC. Aprovada na primeira, surgiu a

⁹ O Núcleo João Lango Moura está localizado no quilômetro zero da estrada do Mutum, Bairro Alto Alegre, em Rio Branco – Acre. O nome “João Lango Moura” refere-se a um personagem presente no sistema de crença da UDV.

necessidade de passar por outra comissão, a Comissão Científica da UDV,¹⁰ posto que somente poderíamos realizar as entrevistas após a autorização dessa Comissão. Autorizada, retomamos os contatos para agendar cada uma das pessoas a ser entrevistadas. A escolha recaiu sobre aqueles que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Isso porque muitos dos que fizeram parte dos primeiros anos de construção da comunidade se transferiram para outros núcleos, com isso, teríamos a colaboração de aproximadamente dez membros, sendo que um deles, com a idade bastante avançada, não pôde participar, porque, segundo informação de sua filha, ele já não se lembrava de muita coisa. Com isso, apenas nove membros participaram das entrevistas, os quais desde a primeira vez que falamos do projeto se mostraram dispostos a participarem.

Todo o caminho percorrido, desde a elaboração do projeto, a escolha do embasamento teórico para o corpo do texto, bem como para as análises das entrevistas, resultou no estudo que está previamente organizado em três capítulos. No primeiro, apresentamos o itinerário ou a trajetória histórica [e religiosa] da UDV na cidade de Rio Branco. No segundo, adentraremos no universo da UDV a partir dos relatos e memórias dos seus primeiros membros no Acre e, com base em seus depoimentos, analisamos os processos identitários daí decorrentes. E, por fim, a partir da contextualização e experiências narradas, no terceiro capítulo pontuamos o impacto do DMD e das narrativas orais, como resultado/produto da memória social dessa comunidade, que se socializa e se identifica por meio de uma prática religiosa em torno da hoasca na Amazônia acreana.

Figura 1: mestres fundadores das primeiras religiões hoasqueiras



Raimundo Irineu Serra, Daniel Pereira de Matos e José Gabriel da Costa.

Fonte: Disponível em: <http://goo.gl/ctkrJr>. Acesso em 03/08/2015.

¹⁰ A Comissão Científica da UDV apoia institucionalmente projetos de pesquisa acadêmica que tenham como foco a UDV, o Vegetal e sua irmandade. A Comissão é um órgão assessor da Coordenação de Relações Institucionais, através do qual o Centro se relaciona, produtivamente, com o meio científico e acadêmico (Alto Falante – Órgão Oficial da Diretoria Geral do CEBUDV, 2011).

Este estudo articula documentos orais e imagéticos, tomados aqui como interpretação ou representação do vivido, assim como narrativas orais também marcadas por uma ampla carga de subjetividade e de uma força simbólica que permitem antever processos históricos de significativa importância para a compreensão da pluralidade das identidades amazônicas e das próprias Amazônias enquanto espacialidades/temporalidades vividas, enquanto experiência social. Nesse sentido, ao longo de todo o texto, lançamos mão de algumas imagens fotográficas que, embora apareçam sem grandes análises, em nenhum momento são tomadas como referenciais “objetivas” da realidade. Temos consciência de toda a carga subjetiva dessas imagens, mas suas presenças no corpo deste estudo são justificadas porque, para muitos depoentes, elas permitem diálogos com o lembrado e o esquecido que é parte da mesma matéria,¹¹ possibilitando que visualizem experiências “perdidas” para além dos enquadramentos fotográficos.

Devemos ressaltar ainda que, embora cientes de que toda imagem é carregada de subjetividades, inserir no corpo deste estudo as imagens fotográficas que aparecem nas figuras de 1 a 4, seguindo os passos pioneiros da produção literária de “expressão amazônica”, possibilita abrir um diálogo crítico com um tipo de historiografia regional que, não somente “embraqueceu as raízes” da Amazônia acreana, mas silenciou sobre as religiosidades de mulheres e homens afrodescendentes, os negros filhos da “mãe África” que, em diáspora pelo continente americano foram produzindo significativas culturas, com base no “rastros resíduo”, no dizer de Édouard Glissant, ou em “memórias ancoradas em corpos negros”, na poética definição de Antonietta Antonacci.¹²

Para finalizar estas palavras introdutórias, trazemos a presença dos primeiros grandes mestres da ayahuasca, simbolicamente, representados em suas imagens fotográficas e o fazemos com a convicção de que, para além das motivações religiosas, a constituição de um centro de memória comunitária tem um papel fundamental para o enraizamento da comunidade onde esse centro é implantado. Isso nada tem a ver com os espaços de museus, vazios de significados e distantes do pulsar da vida diária. Não obstante, trabalhamos com a noção de que a memória

¹¹ Benjamin, Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, 1994; Poterlli, O que faz a história oral ser diferente, 1997; Sarlo, Tempo passado, 2007.

¹² Glissant, Introdução à poética da relação, 2005; Antonacci, Memórias ancoradas em corpos negros, 2014.

oral também se alimenta da representação visual ou imagética e é nesse sentido que as imagens que aparecem neste estudo dialogam com o texto.

1 – NO INTERCÂMBIO FLORESTA-CIDADE: A FORMAÇÃO DAS RELIGIÕES HOASQUEIRAS

No capítulo que ora apresentamos, procuramos dialogar com as questões de natureza teóricas que possibilitaram abrir caminhos para a problematização com o objeto e as fontes da pesquisa, como forma de situar, de maneira geral, o lugar de nossa fala e perspectiva de abordagem frente a outros estudos que abordam a temática das religiosidades hoasqueiras na Amazônia acreana. Também, procuramos situar uma breve revisão da literatura sobre o tema, especialmente, trazendo estudos sobre a hoasca, como forma de situar suas perspectivas e posicionar a especificidade de nossa abordagem frente a tais estudos.

Esta é uma pesquisa centrada em uma abordagem qualitativa, com a coleta de dados por meio da metodologia de produção do documento oral (história oral), por intermédio da técnica de entrevistas. Com essa perspectiva, partimos do diálogo com os estudos de Alessandro Portelli, para quem a “entre/vista” é não apenas “uma troca de olhares”, mas “bem mais do que outras formas de arte verbal”. Para esse autor, “a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo”.¹³ Pluralidade essa que implica em apreender a entrevista como

uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas.¹⁴

Em articulação com as proposições de Portelli, também pontuamos que toda fonte de pesquisa é sempre subjetiva, seja ela escrita, imagética ou oral, sendo que a partir da abordagem e “interrogação” das fontes, ou análise dos dados, o que prevalece são sempre representações, não “acontecimentos” ou expressão da

¹³ Portelli, Ensaios de história oral, 2010, p. 20.

¹⁴ Portelli, Forma e significado da História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade, 1997, p. 9.

“realidade objetiva”. As narrativas ou representações sobre o vivido ganham importância como dimensões da experiência humana. Nessa direção, nos inspiramos nos apontamentos de Roger Chartier, para quem “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros”.¹⁵ As vozes e memórias que os sujeitos trazem consigo apresentam uma carga de subjetividade, o que faz deste estudo um conjunto de representações e interpretações do vivido narrado por quem viveu.

Em Chartier teoria e prática são dimensões inseparáveis da existência humana e, nessa direção, ganha espaço sua proposta de história cultural que tem exercido grande influência nos estudos literários. História cultural que, para esse intelectual francês, dever ser pensada como “a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço”.¹⁶ Nessa linha de raciocínio tempo e espaço ganham conotação próprias, a partir de específicas narrativas, específicas formas de articulação do discurso e das formas de leitura e interpretação do social, posto que, para ele, as

estruturas do mundo social não são um dado objectivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objecto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o o dele se desviando.¹⁷

No processo de produção do documento oral, com base nas narrativas de sujeitos entrevistados, e os esforços empreendidos para sua análise e problematização, procuramos situar nossa abordagem incorporando as inquietantes proposições do autor de “A história cultural entre práticas e representações”, isto é, procurando não tomar a realidade como um dado, mas pensando sua própria formulação como parte desse jogo de representações ou de práticas discursivas, como forma de não ficarmos retidos em um tipo de debate que, mecanicamente,

¹⁵ Chartier, A história cultural - entre práticas e representações, 1990, p. 17.

¹⁶ *Ibidem*, p. 27.

¹⁷ *Idem*.

separa a “realidade” social de suas formas de representação, como nos aponta Roger Chartier.

Considerando a importância da narrativa para a formulação deste estudo, também dialogamos com Walter Benjamin, com o qual compreendemos que a arte de narrar foi, gradativamente, desaparecendo com a “sociedade moderna”. Para ele, as “experiências” foram desaparecendo e cedendo ao “lugar vazio” das “vivências”: “a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna”.¹⁸

A abordagem compartilha ainda de algumas concepções de Beatriz Sarlo, especialmente, no tocante ao “tempo da memória” ou o tempo em que os sujeitos narram, considerando que ao narrarem estão falando no tempo presente, posto que, em suas palavras, “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”.¹⁹ Na mesma direção Michel de Certeau destaca que “uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente”.²⁰

Transitar por esse amplo conjunto de abordagens teóricas implica em abrir possibilidades de análise das fontes que, em si, apontam um caminho para o resultado final do estudo. Essa compreensão parte da ideia de que a escolha teórica define o estudo no seu todo. Porém, no diálogo com os referenciais que norteiam a perspectiva de estudo adotada, devemos chamar a atenção para aspectos que consideramos relevante em alguns dos autores com os quais trabalhamos e que, de certa maneira, exerceram maior influência sobre o nosso olhar ou, para lançar mão da feliz metáfora de Stuart Hall, das subjetividades que governam nossos olhares.²¹

Nesse sentido, destacamos algumas importantes passagens de Ecléa Bosi, para quem ao escolhermos trabalhar com a memória – nesse caso, a memória oral – lançamos mão de “um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano”, embora correndo o risco de ir para o extremo de uma “ideologização” dessa escolha, tratando-a como “o avesso oculto da história política hegemônica”. Para essa autora, é preciso ouvir as palavras das “camadas da população, excluídas da história ensinada na escola”, com suas formas de memorização e produção de

¹⁸ Benjamin, *Magia e técnica, arte e política*, 1994, p. 10.

¹⁹ Sarlo, *Tempo passado*, 2007, p. 9.

²⁰ Certeau, *A escrita da história*, 2013, p. 8.

²¹ Hall, *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*, 2003.

memórias individuais e coletivas. Tais memórias podem ser trabalhadas como mediação “entre a nossa geração e as testemunhas do passado”, posto que a “memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza”.²²

Em nossa pesquisa, compartilhamos da busca desse tipo de memória, especificamente, porque cientes que as formas da escrita de uma história regional culminaram pelo silenciamento e apagamento da presença de práticas culturais que, por sua força e poder simbólica na mobilização de diferentes percepções, não tinham como passar despercebidas, a não ser como resultado de uma escolha epistemológica. Pelas vozes de velhos hoasqueiros podemos surpreender outras maneiras de diálogo com esses silêncios, esses apagamentos de impactantes experiências sociais e históricas, que a historiografia regional optou por ignorar. Trata-se de uma memória que pode nos apresentar a rica dimensão da “história de um passado aberto, inconcluso, capaz de promessas”. Um passado que, no dizer de Ecléa Bosi, não deve ser julgado “como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se pode arrancar o sim e o não, a tese e a antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado”.²³

A partir da percepção de Bosi, torna-se interessante acompanhar como essa autora, em outra obra, analisa suas incursões no trabalho com a memória de velhos da cidade de São Paulo. Para ela, esse não é um trabalho de amostragem quantitativa, mas do registro “da voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós”. Esse tipo de “registro alcança uma memória pessoal” que também se constitui como “uma memória social, familiar e grupal”. Nesse gravar, transcrever e analisar narrativas/depoimentos de vida, uma atividade lenta, cansativa, tensa e, ao mesmo tempo, envolvente, a autora chama a nossa atenção para as questões que dizem respeito à dimensão subjetiva das fontes de pesquisa, sejam elas orais, imagéticas ou escritas. Durante a pesquisa, afirma:

não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e

²² Bosi, O tempo vivo da memória, ensaios de Psicologia Social, 2003, p. 15.

²³ *Ibidem*, pp. 32-33.

lacunas. Os livros de História que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos grave em suas consequências que as omissões da História oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.²⁴

Com base na noção de que o tempo da memória é o tempo presente, compartilhamos da perspectiva pontuada por Ecléa Bosi, tendo em vista que os depoentes trabalham com aquilo que, para eles, foi significativo e, de alguma maneira, alterou sua vida e a vida da comunidade na qual está envolvido. É essa dimensão da lembrança, do “vivido narrado por quem viveu”, no sentido benjaminiano, que norteia nosso procedimento no presente estudo e esteve presente em todas as fases da pesquisa de campo. Isto quer dizer que partimos não da idealização da oralidade como superior à escrita e capaz de apresentar a “verdade” de “acontecimentos”, mas da possibilidade da produção e do uso do documento oral, como forma de ouvir vozes tornadas inaudíveis em diversos estudos sobre a Amazônia acreana.²⁵

Na dinâmica da análise da materialidade, ou seja, do acervo do Departamento de Memória Documental do Núcleo João Lango Moura e, principalmente, das narrativas e depoimentos dos entrevistados, partilhamos da abordagem de Jacques Le Goff, para quem

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.²⁶

²⁴ Bosi, Memória e sociedade: lembranças de velhos, 1987, p.1.

²⁵ Sobre essa questão ver Albuquerque, Trabalhadores do Muru, 2005.

²⁶ Le Goff, História e memória, 1992, p. 476.

Com este autor, podemos sugerir que, a organização de um “lugar de memória”, assim como o conjunto de depoimentos de integrantes da UDV no Acre, mais que um processo ou tentativa de preservação da trajetória histórica, apresenta traços marcantes de uma luta em torno de instrumento ou objeto de poder que passa pela reafirmação da dinâmica interna e da própria estrutura de organização física e simbólica dessa congregação em nível local, articulando-se com as formas hierárquicas de sua estrutura de um modo mais geral. Nesse sentido, a luta pela memória perpassa a dinâmica da afirmação identitária de distintos grupos humanos em tempos e espaços específicos.

Nessa mesma direção, procuramos dialogar com Pierre Nora, que pontua as gritantes diferenças entre história e memória, com forma de indicar a finitude de uma e a infinitude de outra. Mais que isso, para ele

diferentemente de todos os objetos da história, os lugares da memória não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou histórica; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. *Templum*: recorte no indeterminado do profano – espaço ou tempo, espaço e tempo – de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o lugar da memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.²⁷

Nora nos possibilita manter um diálogo com as complexas questões que envolvem a própria constituição de um “departamento de memória” ou um “lugar de memória”, na forma de suas palavras, em uma comunidade de mulheres e homens caracterizada inicialmente pela oralidade. Mais que um lugar de explicações finais, temos aí um lugar de múltiplas possibilidades de significação, de atualização das experiências vividas. Esse pensar nos aproxima da compreensão do uso da fonte oral, que, nos dizeres de Benjamin e Portelli, possibilita ao depoente operar com as marcas, as cores, as específicas condições do momento em que narra, atualizando e dando novos significados ao seu vivido/lembrado/narrado: o processo de re-

²⁷ Nora, Entre memória e história: a problemática dos lugares, 1993, p. 27.

significação é constante e interminável nos limites da experiência humana, da condição secular de todo ser humano, como nos ensina Hannah Arendt.²⁸

Em análise sobre a inserção de documentos orais em casas de memória de comunidades hoasqueiras, Albuquerque produz interessantes observações sobre o aparente paradoxo que aí reside, principalmente, tendo em vista os rápidos processos de homogeneização dos tempos atuais, nos quais, predomina uma lógica do “descarte” e, acrescentamos, do efêmero das tecnologias digitais. Para ele:

a questão que devemos formular é: qual o significado de inserir a oralidade ou o “documento oral” em casas de memória de comunidades que, historicamente, se organizaram com base em práticas de transmissão oral dos seus conhecimentos e saberes? Esse tipo de iniciativa parece um tanto contraditória, porém, não podemos nos surpreender que isso ocorra, especialmente, porque vivemos num mundo marcado pelo predomínio da linguagem escrita e de suas formas de organização/instituição do poder. Poder hierarquicamente estruturado e estruturante a partir da palavra escrita (...). As primeiras comunidades do Daime foram formadas por mulheres e homens da palavra falada, gesticulada; da escola oral que escreve/inscreve no e com o corpo; da “fala cabocla”, como preferem alguns. Ouviam as mensagens do mestre e internalizavam seus conhecimentos; “recebiam” os hinos e cantavam para os outros ouvirem; os que ouviam, repetiam, entoavam, cantavam, dançavam e, nesse processo coletivo, os produziam/reproduziam em seus corpos. Desse modo, a palavra era instrumentalizada pelos gestos, olhares, sons. A escrita nunca lhes fez falta e seus saberes/ensinamentos ecoaram com força para além das fronteiras de grupos de negros, afroindígenas e outras misturas que aí se socializavam.²⁹

Essa reflexão de Albuquerque indica não o caminho de uma hierarquização que estabeleça um patamar superior à oralidade em relação à escrita, posto que o mesmo parte da compreensão de um mundo marcado, irrevogavelmente, pelas muitas misturas culturais, linguísticas, étnicas. Ao contrário disso, o que o autor propõe, e que ganha relevância para a análise do tema de nosso estudo, é a utilização da oralidade como importante suporte para a preservação de práticas e

²⁸ Arendt, A vida do espírito, 2008.

²⁹ Albuquerque, Escutar interpretações e interpretar: memórias do povo da Ayahuasca, 2010, pp. 19-20.

saberes que não têm como ser traduzidos ou mesmo encarcerados pelas formas da palavra escrita. Nesse sentido, mais que a simples oposição, o que se apresenta entre uma e outra forma é a articulação de muitos suportes para a preservação da memória social e, portanto, estruturada a partir da dimensão infinita do passado.³⁰ Para os objetivos do presente estudo, tendo em vista as específicas condições de sua produção, optamos por abrir espaço para o uso da palavra oral, da memória individual/coletiva dos depoentes, mas sem a ilusão de trabalhar com a “voz pura”, incorporando a advertência de Michel de Certeau, que, ao discutir sentidos do que define como escritura e oralidade,

não postula dois termos opostos, cuja contrariedade poderia ser superada por um terceiro, ou cuja hierarquização se pudesse inverter. Não se trata aqui de voltar a uma dessas “oposições metafísicas” (escritura x oralidade, língua x palavra, etc.), sobre as quais Jacques Derrida dizia com razão que “têm como última referência (...) a presença de um valor ou de um sentido que seria anterior à diferença”. No pensamento que as instaura, essas antinomias postulam o princípio de um origem única (uma arqueologia fundadora) ou de uma conciliação final (um conceito teleológico), e portanto um discurso baseado nessa unidade referencial. Pelo contrário, sem que haja aqui o lugar para explicá-lo, suponho o plural como algo originário; que a diferença é constituinte de seus termos; e que a língua está fadada a esconder indefinidamente por uma simbólica o trabalho estruturante da divisão.³¹

As considerações de Certeau e seus interlocutores indicam que devemos ter cautela na forma como adotamos as fontes de nossa pesquisa para não cairmos nas armadilhas das idealizações em torno desse ou daquele documento. Mas, retornamos a Portelli ao destacar que predomina uma materialidade nos documentos escritos, materialidade essa que não deve ser confundida com objetividade, ou seja, para ele:

os documentos escritos são fixos, eles existem tenhamos ou não ciência deles, e não mudam uma vez que os tenhamos encontrado. Testemunho oral é apenas um recurso potencial até que pesquisas o chamem para a existência. A condição para existência da fonte escrita é a emissão; para

³⁰ Paoli, *Memória, história e cidadania: o direito ao passado*, 1992.

³¹ Certeau, *A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer*, 1994, p. 223.

fontes orais é a transmissão: uma diferença similar descrita por Roman Jakobson e Piotr Bogatyrev entre os processos criativos do folclore e aqueles da literatura. O conteúdo da fonte escrita é independente das necessidades e hipóteses do pesquisador; é um texto estável, que não pode ser apenas interpretação. O conteúdo das fontes orais, por outro lado, depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais.³²

Nessa apreensão de Portelli, destacamos o trabalho de elaboração ou produção do documento oral, posto que a entrevista, o momento do contato inicial e o processo de gravação do depoimento é algo que implica um duplo envolvimento entre pesquisador e depoente. O processo seguinte, de transcrição ou transcrição do depoimento, marcado pela inserção das formas da palavra escrita em um depoimento oral é, talvez, a parte mais difícil pelo trabalho árduo e por se constituir como um momento de tensão: qualquer descuido pode jogar fora todo o sentido da fala. Em seguida, como parte do último processo do ritual de preparação do documento para a problematização e análise, temos que apresentá-lo ao entrevistado/depoente para que autorize sua utilização no bojo do texto a ser apresentado publicamente. Mais que um trabalho que requer um constante posicionamento ético, atuamos em um terreno de produção intersubjetiva, no dizer de Portelli, que ganha importância para o resultado final do estudo proposto.

Este não é um estudo sobre a religião hoasqueira, mas sobre memória e identidade de integrantes de uma comunidade hoasqueira na cidade de Rio Branco. No entanto, embora seu foco seja acompanhar/analisar o processo histórico de formação de uma comunidade religiosa, por intermédio das narrativas de seus membros, trabalhamos com a premissa de que religião é parte da cultura e da experiência humana sobre a terra e, desse modo, não está dissociada dos processos de afirmação identitária e das narrativas de mulheres e homens que integram essa comunidade. Nesse sentido, transitamos em um terreno de fronteiras tênues, no qual o campo disciplinar é “alargado” ou, no dizer do de Flavio Senra, ao pensarmos desse modo e articularmos religião e cultura, indicamos a necessidade de “compreender a religião como feito próprio do gênio humano, tessitura de tramas de sentidos, símbolos e linguagens”.³³

³² Portelli, O que faz a história oral diferente, 1997, p. 35.

³³ Senra, Religião e cultura: memórias e perspectivas [apresentação], 2012, p. 7.

Em “Dialética da colonização”, Alfredo Bosi faz uma interessante discussão sobre a raiz das palavras cultura e culto, que, assim como colonização, “derivam do mesmo verbo latino *colo*, cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*.”³⁴ A articulação desses dois vocábulos com base na mesma raiz torna-se importante para situar questões que dizem respeito ao nosso interesse de pesquisa, ao dialogar com as narrativas de hoasqueiros no bojo deste estudo.

Na acepção de Bosi, a cultura e o culto, derivados de *colo* nos remete, em seu antigo sentido, a habitar/morar/cultivar a terra. Para o autor, que desloca sua reflexão entre diferentes temporalidades, a expressão *cultus*, como adjetivo deverbal referia-se “ao campo que já fôra arroteado e plantado por gerações sucessivas de lavradores” e, desse modo, “traz em si não só a ação sempre reproposta de *colo*, o cultivar através dos séculos, mas principalmente a qualidade resultante desse trabalho e já incorporada à terra que se lavrou”.³⁵ Nessa acepção, *cultus* sinaliza um processo que gera um produto como parte de uma mesma dinâmica, produzindo simultaneamente alimento e memória. Porém, indo mais ao fundo dessa discussão, Bosi acrescenta que:

cultus, *us*, substantivo, queria dizer não só o trato da terra com também o *culto dos mortos*, forma primeira de religião como lembrança, chamamento ou esconjuro dos que partiram. A Antropologia parece não ter mais dúvidas sobre a precedência do enterro sagrado em relação ao amanho do solo; enquanto este data apenas do Neolítico e da Revolução Agrícola (a partir de 7000 a. C., aproximadamente), a inumação dos mortos já se fazia nos tempos do Homem de Neanderthal há oitenta mil anos atrás (...). Convém amarrar os dois significados desse nome-verbo que mostra o ser humano preso à terra e nela abrindo covas que o alimentam vivo e abrigam morto: *cultus* (1): o que foi trabalhado sobre a terra; cultivado; *cultus* (2): o que se trabalha sob a terra; *cultus*; enterro dos mortos; ritual feito em honra dos antepassados.³⁶

Cultura e culto, alimento e memória, memória e identidade. O significativo estudo de Bosi nos conduz a um mergulho na raiz que dá sentido à existência humana e com a qual trabalhamos no coletar, transcrever, traduzir memórias de

³⁴ Bosi, *Dialética da colonização*, 1998, p. 11.

³⁵ *Ibidem*, p. 13.

³⁶ *Ibid.*, pp. 13-15.

praticantes de um culto articulador de identidades, a partir de um chá produto da cultura em íntima conexão com a natureza. Articulamos os sentidos tecidos por Alfredo Bosi aos sentidos pretendidos em nossa pesquisa sobre memória e identidade. Nesse processo, devemos retornar ao autor que nos convida a pensar a identidade como raiz, mas, também como processo, um processo que é alimento e resultado do movimento da experiência humana sobre e sob a terra, isto é, na vida e na morte. Para ele,

a possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz pelas mediações simbólicas. É o gesto, o canto, a dança, o rito, a oração, a fala que evoca, a fala que invoca. No mundo arcaico tudo isto é fundamentalmente religião, vínculo do presente com o outrora-tornado-agora, laço da comunidade com as forças que a criaram em outro tempo e que sustentam a sua identidade. A esfera do culto, com a sua constante reatualização das origens e dos ancestrais, afirma-se como um outro universal das sociedades humanas juntamente com a luta pelos meios materiais de vida e as conseqüentes relações de poder implícitas, literal e metaforicamente, na forma ativa de *colo*.³⁷

Em sintonia com Bosi, podemos dizer que, nos remotos “tempos arcaicos”, a esfera do religioso era a esfera que articulava não apenas possibilidades de afirmação do homem perante forças não-físicas, mas, também, das suas possibilidades de existência no mundo material, na concretude da vida física, terrena, no chão de sua história, com tudo o que isso implica, inclusive as dimensões do poder hierárquico presentes em qualquer religião. Se já não vivemos um tempo pretérito, um tempo em que as formas de enraizamento eram outras, um tempo em que as sociedades humanas ainda não tinham experimentado as violentas formas de “desenraizamento” dos tempos presentes, ainda temos a possibilidade de re-significar o vivido e encontrar as marcas identitárias que produzem coletividades em torno de certos valores e códigos de sociabilidade. Nessa dimensão, o presente estudo é uma tentativa de apreensão dos significados que as mulheres e homens entrevistados atribuem às suas próprias trajetórias na UDV. Trajetórias que, atualizadas, trazem seu “passado vivido” para o “tempo de

³⁷ *Ibidem*, p. 15.

agora” benjaminiano e, com isso, indicam características de suas identidades individuais e coletivas.

Ao enfatizar essas questões não deixamos de considerar a necessidade de ficar alerta contra toda forma de essencialismo, especialmente, porque temos clareza que trabalhamos no campo das questões que dizem respeito à cultura e, por se tratar de uma comunidade religiosa, a chamada “cultura popular”. Esse duo é ambíguo e, de acordo com Stuart Hall, deve ser tratado com reservas, devendo o pesquisador deixar muito claro o que isso quer dizer. Nenhuma cultura ou prática cultural é “autêntica” ou capaz de revelar-se “essencialmente em si mesma”, posto que, para Hall, “todas as formas culturais” são “contraditórias” e “compostas de elementos antagônicos e instáveis”.³⁸ Não é possível pensar a identidade à margem da cultura, tendo em vista que uma está estruturada em torno da outra. Nessa direção, chamamos a atenção para a noção de “popular” para esse intelectual diaspórico, um dos referenciais para nossa análise. Para ele, embora assumidamente de forma incômoda, tal definição deve considerar

em qualquer época, as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares. Nesse sentido, a definição retém aquilo que a definição descritiva tem valor. Mas vai além, insistindo que o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a “cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se de uma concepção de cultura que se polariza em torno dessa dialética cultural. Considera o domínio das formas e atividades culturais como um campo sempre variável. Em seguida, atenta para as relações que continuamente estruturam esse campo em formações dominantes e subordinadas. Observa o processo pelo qual essas relações de domínio e subordinação são articuladas. Trata-as como um processo: o processo pelo qual algumas coisas são ativamente preferidas para que outras possam ser destronadas. Em seu centro estão as relações de força mutáveis e irregulares que definem o campo da cultura – isto é, a questão da luta cultural e suas muitas formas. Seu principal foco de atenção é a relação entre a cultura e as questões de hegemonia.³⁹

³⁸ Hall, *op cit.*, 2003, p. 258.

³⁹

Intercâmbios e negociações constantes estão no cerne da noção de cultura ou das práticas culturais pensadas por Hall. As identidades refletem esse terreno móvel da vida e são tecidas como narrativas que dizem sempre algo sobre o sujeito, mas não sobre quem é o sujeito que está sendo narrado. Nessa perspectiva, não existem formas válidas para todo o sempre, nem universalidades, posto que as culturas são “formas de luta”, como insiste Hall, e as identidades refletem dimensões práticas dessas lutas que se entrecruzam constantemente. As identidades, afirma, estão sempre se deslocando “entre si” e tomá-las como um dado “natural” ou uma coisa fechada em si mesma implica em abrir mão do pensamento e da reflexão, assumindo fantasias e estereótipos com os quais nos rotulam e classificam e nos cerceiam a possibilidade de problematizar as formas de “identificação” e “imaginação” que enclausuram nossos corpos, vontades, desejos, sonhos, crenças.

Embora nosso foco não seja a discussão das práticas religiosas, procuramos produzir uma revisão da literatura sobre o tema, principalmente, com a finalidade dialogar com outras perspectivas de estudo e abordagens teóricas que ajudassem a pensar nosso objeto. Dentre os inúmeros e importantes estudos, alguns já publicados e muitos ainda na forma de tese de doutoramento e dissertação de mestrado, destacamos os que seguem como forma de possibilitar uma visualização, ainda que geral, sobre esse campo de estudo, que tem despertado a atenção de muitos pesquisadores e promovido o surgimento e impactantes reflexões sobre as religiosidades populares na Amazônia, com destaque para as comunidades hoasqueiras.

Em se tratando da formação das primeiras religiões hoasqueiras, buscamos esclarecimentos em estudos como o de Clodomir Monteiro, com a Dissertação de Mestrado “O palácio Juramidam – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, no ano de 1983. Clodomir é um dos pioneiros no campo de pesquisas acadêmicas sobre as religiões hoasqueiras. Em seu estudo ele registra a presença dessas religiões amazônicas, dando especial atenção ao seu objeto de investigação: o ritual do Santo Daime, que faz parte da doutrina fundada pelo maranhense Raimundo Irineu Serra, em 1930. Segundo esse pesquisador, o processo histórico de formação do Santo Daime, está ligado aos constantes fluxos migratórios inter e intra regional ocorridos no Acre, entre as

décadas de 1920 a 1940, durante o chamado “segundo ciclo da borracha”⁴⁰, período que inicialmente gerou um movimento migratório direcionado aos espaços rurais, porém, com as mudanças sociais e econômicas ocorridas na região, especialmente no Acre, com a expulsão de seringueiros e suas famílias de antigas colocações, o movimento foi direcionado para os espaços urbanos. Com isso, Clodomir conclui que o Santo Daime surge como um culto que responde as necessidade e pressões do contexto socioeconômico da Amazônia acreana daquela época, fazendo com que grupos que se situam entre populações aos quais ele nomeia de primitivo/rústicas e rústicas/urbanas, que também sofreram pressões do contexto macro-social amazônico, resultasse em uma formação sociocultural intermediária.

A cultura da hoasca sai então do contexto da floresta/rural e é inserida no contexto da cidade/urbano, sendo difundida inicialmente por Irineu Serra, através de sua doutrina, na cidade de Rio Branco, conferindo a essa cultura maior visibilidade.

Ainda no contexto rio-branquense, teve início à construção da segunda religião hoasqueira, denominada Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, comumente chamada de Barquinha, fundada pelo ex-discípulo de Irineu Serra, o também maranhense Daniel Pereira de Mattos, no ano de 1945. Sobre a trajetória de formação dessa comunidade religiosa temos como uma importante fonte de pesquisa a dissertação de mestrado de Rosana Martins de Oliveira, intitulada: “De folha e cipó é a Capelinha de São Francisco: a religiosidade popular na cidade de Rio Branco – Acre (1945-1958)”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, em 2002. Nesse estudo a pesquisadora apresenta referências históricas a respeito do processo de construção dessa religião, destacando a vivência religiosa dos participantes da Capela São Francisco e o imaginário elaborado por Daniel Pereira de Mattos a partir de suas experiências com o Daime.

A UDV, por sua vez, tem sua origem no contexto da floresta amazônica, na fronteira entre o Brasil (Acre) e a Bolívia (seringal Sunta), no ano de 1961, fundada pelo baiano José Gabriel da Costa. No entanto, essa doutrina foi institucionalizada na cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, sob o registro em cartório de Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, comumente chamada de União do Vegetal ou simplesmente UDV. Sua organização institucional é apresentada de

⁴⁰ Silva, O Palácio de Juramidan – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição, 1983, p. 18.

maneira bastante esclarecedora na dissertação de mestrado de Gabriela Ricciardi, intitulada “O uso da Ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura, na União do Vegetal (UDV), defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, em 2008. A pesquisadora descreve com bastantes detalhes a organização da estrutura material, a estrutura hierárquica, aspectos do sistema simbólico e de crença, a dinâmica dos rituais (que tem na tradição oral sua base), dentre outras características.

Sobre a presença da UDV na cidade de Porto Velho, Afrânio Patrocínio em sua dissertação de mestrado, intitulada: O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla: um estudo centrado na União do Vegetal, no Instituto Metodista de Ensino Superior, em 1995, ressalta algumas dificuldades enfrentadas por Mestre Gabriel e seus discípulos, dentre elas a de que o mestre e um de seus discípulos chegaram a ser preso. Naquela época o Governo brasileiro era comandado pela ditadura militar, período em que muitos cidadãos brasileiros ficaram sobre o julgo dos militares.

FIGURA 2: Mestre Gabriel com familiares e discípulos na década de 1960 em Porto Velho (RO).

Mestre Gabriel (de braços abertos) com familiares e discípulos em Porto Velho (RO) na década de 1960. Direito de imagens cedido pelo Departamento de Memória do CEBUDV. Foto: Cícero Lopes.
Fonte: Gabriela Ricciardi

A UDV é inserida novamente no contexto da Amazônia acreana somente na década de 1970, por intermédio de Luiz Máximo Chaves, cujas narrativas do início desse processo de construção serão abordadas no próximo capítulo desse estudo.

Com relação aos trabalhos publicados, chamamos a atenção para os livros de Vera Fróes, “História do Povo Juramidam: introdução à cultura do Santo Daime”, segunda edição, Suframa, 1986; Edward Macrae, “Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime”, Brasiliense, 1992; Wladimir Sena Araújo, “Navegando sobre as ondas do Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha”, Editora da Unicamp, 1999; Beatriz Labate e Wladimir Sena Araújo, organizadores, “O uso ritual da Ayahuasca”, em sua segunda edição, Mercado de Letras, 2004; Maria Betânia Albuquerque, “Epistemologia e saberes da Ayahuasca”, Edupa, 2011; Bernardino-Costa, organizador, “Hoasca: ciência, sociedade e meio-ambiente”, Mercado das Letras, 2011. Um texto que nos ajudou a refletir sobre a questão da memória em comunidades ayahuasqueiras foi “Escutar interpretações e interpretar: memórias do ‘Povo da Ayahuasca’”, de Gerson Albuquerque, 2010.

No tocante aos estudos acadêmicos que tivemos acesso, destacamos também os seguintes: Sandra Goulart, com a Tese de Doutorado “Contrastes e continuidades em uma tradição Amazônica: as religiões da Ayahuasca”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, em 2004; Isabela Oliveira, com a Tese de Doutorado “Santo Daime: um sacramento vivo, uma religião em formação”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, em 2007; Beatriz Labate, com a Dissertação de Mestrado “A reinvenção da ayahuasca nos centros urbanos”, defendida junto Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, em 2000; Maria de Fátima Almeida, com a Dissertação de Mestrado “Santo Daime: a colônia Cinco Mil e a contracultura (1977- 1983)”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, em 2002; Tatiana Carvalho, com a Dissertação de Mestrado “Em busca do encontro: a demanda numinosa no contexto religioso da União do Vegetal”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 2005; Rafael Santos, com a Dissertação de Mestrado “Efeitos da ingestão de ayahuasca em estados psicométricos relacionados ao pânico, ansiedade e depressão em membros do culto do Santo Daime”,

defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília, em 2006; Gabriela Ricciardi, com a Dissertação de Mestrado “O uso da Ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura, na União do Vegetal (UDV), defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, em 2008; Italva Miranda da Silva, com a Dissertação de Mestrado “Terreiros de Candomblé na Amazônia: lutas e solidariedades na construção de territórios e identidades”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, em 2009; Giullianna Mandarino, com a Dissertação de Mestrado “Religiões ayahuasqueiras: tradições e contradições”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, em 2010; e Kátia Rabelo, com a Dissertação de Mestrado “Daime música: identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina do Daime”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2013.

Diferentes temas e abordagens, diferentes perspectivas teóricas e campos do saber que, invariavelmente, conduzem a diferentes resultados e nos possibilitam situar nosso objeto de estudo no amplo conjunto que aí se estabelece. Em nossa visão, as práticas de religiosidade popular, que se afirmaram na contramão das instituições hegemônicas, se tornam concretas em espaços de sociabilidade e, nessa direção, situamos o trabalho com as memórias de integrantes da UDV na cidade de Rio Branco. Memória e identidade compõem o plano principal de nossa pesquisa. Memória dos processos de inserção de diferentes sujeitos sociais na União do Vegetal, reordenando suas identidades ou constituindo-as em processos ininterruptos.

2 – MEMÓRIA ORAL E ITINERÁRIOS HISTÓRICOS DA UDV NA CIDADE DE RIO BRANCO - ACRE

O primeiro núcleo e irmandade da UDV no Acre estão intimamente ligados à trajetória de seu primeiro membro nessa localidade, Luiz Máximo Chaves, que conheceu a UDV na década de 1970, em Porto Velho, da qual se torna sócio e, ao retornar a Rio Branco, recebe das mãos do fundador da União do Vegetal, Mestre Gabriel, uma garrafa com o chá hoasca, autorizando-o a beber e dar a quem ele quisesse.

Em Rio Branco, Luiz Máximo iniciou a distribuição do Vegetal, em julho de 1971, em sua própria residência. Inicialmente bebia o Vegetal sozinho e, posteriormente foi acompanhado por um de seus amigos, Alberto Furtado de Oliveira, primeiro discípulo da irmandade da UDV que estava iniciando no Acre, seguido de sua esposa, Odaiza Alexandrina, seus irmãos, cunhados e outros amigos que também começaram a participar das sessões e dos rituais aprendidos quando Luiz Máximo frequentava o Núcleo de Porto Velho.⁴¹

Na prática hoasqueira é possível perceber uma forte ligação entre a memória individual que cada indivíduo traz da experiência primeira com o chá e a constituição coletiva da própria religião que, entre si, se misturam. Cada indivíduo se identifica como sendo hoasqueiro e, a partir de sua primeira experiência, de certo modo, a representa. É por meio dos significados produzidos pelas pessoas que representam a UDV que se dá sentido às suas experiências e aquilo que são. E, como uma prática cultural, essa representação estabelece identidade, seja individual ou coletiva, pois gera respostas às suas questões. Nesse processo, o chá cria uma relação de pertença e a UDV se constitui como um ambiente social que os ajuda a enfrentar muitos desafios da vida cotidiana. Para além da questão religiosa, o que se estabelece é, lançando mão das reflexões de Hall, um conjunto de “certas identidades sociais”.⁴²

Essa relação de busca de alguma resposta espiritual – ou mesmo para resolver problemas de saúde – está presente na narrativa que cada um traz da sua

⁴¹ Alencar, *op. cit.*, 2007.

⁴² Hall, *op. cit.*, 2003, p. 285.

vivência com o chá, seja individual, seja coletiva. As narrativas que cada um faz de sua história pessoal, dentro da instituição reflete e refaz suas próprias identidades.

Por intermédio dessa capacidade de recuperarmos coisas do passado, vamos (re)contando histórias para nós mesmos, em um constante atualizar de experiências vividas. Ato esse que reflete não apenas uma experiência individual, mas um conjunto de experiências coletivas,⁴³ principalmente, quando produzido a partir de indivíduos ou grupos de indivíduos vinculados a uma espécie de “comunidade de destino”, no dizer de Ecléa Bosi,⁴⁴ ou quando produzido em grupos para os quais “a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração”,⁴⁵ ou como o que acontece em comunidades que possuem a tradição oral como forma de transmissão dos ensinamentos e experiências dos mais velhos para os mais novos.

A UDV, desde o seu início, se fundamenta na tradição oral. É pela oralidade que são conduzidos os rituais e transmitidos os ensinamentos. Embora existam textos normativos, documentos institucionais, boletins, as sessões e vivência da religião não se funda pela escrita que, neste sentido, tem um valor secundário. O que cada núcleo mantém ou utiliza durante suas sessões é o legado de ensinamentos orais deixados por Mestre Gabriel, e transmitido desde o período inicial de formação da UDV. A oralidade é o meio de transmissão, de preservação da memória na UDV. Memória aqui pensada na perspectiva apontada por Félix Azúa, ou seja, como

Faculdade do espírito que mantém unida nossa coerência, tanto individual como coletiva, e nos livra provisoriamente da desintegração. Só mediante a lembrança do que fomos podemos seguir sendo o que acreditamos ser. A “memória” é o outro nome do “significado”; entre ambas denominações permeia um salto do mito ao *logos*; ambas são, finalmente, “sentido”, quer dizer, direção apropriada até um lugar pretendido.⁴⁶

Compartilhando dessa compreensão, produzida na dinâmica da pesquisa, mas, também em nossa trajetória como membro da UDV, propiciou um contato com a documentação escrita, como forma de pontuar uma dimensão do percurso

⁴³ Halbwachs, A Memória Coletiva, 1990.

⁴⁴ Bosi, Memória e Sociedade: lembranças de velho, 1994.

⁴⁵ Benjamin, op. cit., 1994, p. 16.

⁴⁶ Azúa, Sempre em Babel, 2001, p. 32.

histórico de formação da UDV, especialmente, porque todo objeto de pesquisa deve ser “cercado” pelo maior número de fontes possíveis como forma do pesquisador buscar, a partir da problematização ou da interrogação dessas fontes, as respostas para suas questões, os dados novos, as coisas que “ficaram nas margens”.⁴⁷ Porém, a base mais importante para a formatação deste estudo, está ancorada na oralidade que possibilita aos depoentes se inserirem, como parte do estudo, no próprio contexto em que atualizam suas experiências de vida, seu passado.⁴⁸

Nesse aspecto, ressaltamos que é a trajetória individual/religiosa que norteia cada narrativa apresentada ou que está presente na forma como cada membro conta sua experiência, o “real” vivido que atualiza pela memória,⁴⁹ através de um relato oral daquilo que lembra – ou que quer lembrar – acerca de suas vivências, dos ensinamentos apreendidos. Aqui reside um dos conflitos experimentados durante a análise dos depoimentos, posto que, embora tenhamos clareza que toda narrativa é marcada pela subjetividade, pelas “imposições” e limites do próprio “tempo da memória – o presente –,⁵⁰ convivemos e dialogamos com sujeitos sociais hoasqueiros que tomam a palavra falada como algo sentido sem “deturpação”, como “reveladora” de sentidos, posto que proferida mediante efeito espiritual da hoasca, que “revela o mistério” e que abre a pessoa para falar (Mestre) e ouvir (discípulos) e aprender um ensinamento que é espiritual em sua dimensão religiosa, mas que, como parte dessa mesma dimensão, também é moral, posto que calcado em uma ética de própria congregação.

Embora não seja esse foco de nosso estudo, devemos pontuar que a questão não é apenas religiosa na proporção em que as questões concretas e as condições reais de vida das pessoas em seus “tempos de agora”, para utilizarmos uma acepção benjaminiana, estão presentes de forma inexoráveis em tudo aquilo que caracteriza ou marca seus vínculos à UDV ou a qualquer outra prática religiosa. Nela se imbricam o sagrado e o profano ou, no dizer de Hannah Arendt, íntima relação entre o imanente e o transcendente.⁵¹

Nos limites da proposta deste estudo, retomamos os nexos que articulam identidade e memória, a partir da premissa de que existe uma relação entre o

⁴⁷ Albuquerque, *Trabalhadores do Muru*, 2005.

⁴⁸ Benjamin, *op. cit.*, 1994; Sarlo, *op. cit.*, 2007.

⁴⁹ Potelli, *O que faz a história oral ser diferente*, 1997.

⁵⁰ Sarlo, *op. cit.*, 2007.

⁵¹ Arendt, *A vida do espírito*, 2008.

passado e o presente que configura não um “aprisionamento” das práticas sociais do presente ao “acontecimento” passado, posto que “o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios”.⁵² Essa perspectiva, que indica uma prática social móvel e dinâmica dos homens presentes em relação às pessoas e “acontecimentos” do passado, com diferentes nuances, aparecem nos depoimentos dos membros fundadores da UDV no Acre e nos permitem transitar por um tipo de memória que, cotidianamente, atualiza a identidade coletiva dos que compartilham suas vidas nessa instituição religiosa.

Assim sendo, este capítulo está estruturado em torno dos depoimentos das mulheres e homens entrevistados durante a pesquisa de campo. Seus depoimentos se constituem como narrativas de fundamental importância para as reflexões com a temática e os objetivos deste estudo e por essa razão assumimos o risco de derivar um pouco da tradicional forma de apresentação de estudos ou trabalhos acadêmicos do gênero dissertação. Essa deriva implica em apresentar trechos mais longos dos relatos de cada um dos depoentes para, no capítulo seguinte, analisar seus significados e relevância como parte do acervo do Departamento de Memória e Documentação do Núcleo “João Lango Moura” da UDV no Acre.

Reside nessa “deriva” uma escolha de natureza metodológica, fundamentada em dois eixos teórico-metodológicos: as proposições dos Estudos Culturais e o tipo de tratamento ou de relação com a fonte oral – ou documento oral – respaldado nas formulações de Alessandro Portelli. O primeiro com o objetivo de possibilitar a participação direta dos depoentes objeto/sujeitos do estudo no âmago do texto principal e não porque os entrevistados problematizem ou formulem análises concernentes aos pesquisadores, mas, fundamentalmente, porque atribuem sentidos às experiências vividas ou produzem significados no diálogo direto com suas trajetórias individuais e coletivas. O segundo porque o tipo de “fonte” com a qual estamos lidando nos coloca diante do desafio de pensá-las ou analisá-las de uma maneira diferente do usual. Portelli destacar que:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia (...), quer concorde em responder a uma

⁵² Le Goff, *op. cit.*, p. 423.

entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados.⁵³

No caminho pontuado por Portelli, pensamos que a inserção dos principais trechos dos depoimentos dos entrevistados, a partir dos quais produzimos o documento oral, fonte deste estudo, permite um entrecruzar de olhares/interpretações sobre o vivido que articula, no mínimo, três campos distintos: o da pesquisadora, que formulou as questões, transcreveu e selecionou os trechos; o dos entrevistados, que escolheram o que contar e o que ocultar ou que falaram do lembrado no momento da entrevista; e o do leitor ou dos leitores, sobre os quais não temos nenhuma possibilidade de controle ou de imposição.

A questão, portanto, ganha uma dimensão muito mais significativa porque não acreditamos que um estudo dessa natureza deva se destinar apenas aos ambientes acadêmicos, mas, ao contrário, deve retornar à comunidade sobre a qual foi produzido, além de circular nos meios escolares e outros ambientes sociais como forma de possibilitar o acesso a questões que têm a ver com a memória, com a identidade e com a própria história de uma das religiões surgidas do encontro de diferentes culturas e grupos étnicos, especialmente, negros e indígenas, tradicionalmente, tornados invisíveis e inaudíveis nos meios de circulação e difusão dos discursos que “inventaram” as Amazônias para o mundo e para todos nós que a habitamos.⁵⁴

Tal circulação possibilita um debate muito mais intenso em torno das falas dos próprios depoentes, aqui articuladas não como a história ou a “verdade dos fatos” narrados, mas como importante exercício de articulação entre memória e cidadania, como proposto por Edgar de Decca ao visualizar que a preocupação de

⁵³ Portelli, A filosofia e os fatos, 1996, p. 60.

⁵⁴ Nessa direção vale a pena conferir os estudos de Gondim, A invenção da Amazônia, 2007; e Rocha, Inaudíveis invisíveis: representações de negros na historiografia acreana, 2011.

diferentes grupos sociais e comunitários em preservar suas memórias instituindo espaços de guarda de fotografias, documentos e depoimentos orais nas próprias comunidades implica em uma espécie de “levante” contra os tradicionais espaços de preservação da memória oficial. Para ele, a ação deliberada de distintos grupos sociais em criar “novos lugares da memória”, das suas memórias, fez com que tal preocupação deixasse de ser “uma ação da memória” e passasse a ser uma “ação da história”, tendo em vista que “todos os grupos sociais passam a reivindicar um direito à história e, portanto, ao próprio passado”.⁵⁵

Esse direito ao “próprio passado” evidencia o aspecto político da luta pela memória como exercício e direito de cidadania. Nessa direção e na perspectiva de abrigar as múltiplas falas de nossos depoentes no corpo principal deste estudo – e não em notas de rodapé ou apêndices, como tem sido usual –, ampliando as possibilidades de diálogo com as formas como os mesmos representam suas trajetórias na UDV, atualizando-a no “tempo presente”, e com as formas como as analisamos frente à perspectiva deste estudo, destacamos as passagens que seguem. Mas antes de introduzirmos o leitor a cada uma das narrativas, faremos uma breve apresentação dos participantes da pesquisa.

Luiz Máximo Chaves é acreano, nasceu em 25 de agosto de 1939, na antiga Vila Plácido de Castro. É membro da UDV há 46 anos. Recebeu o primeiro copo de vegetal das mãos do Mestre Gabriel, na cidade de Porto Velho, no ano de 1969. Foi a partir da experiência vivida por ele após o contato com o chá (hoasca) e com o Mestre Gabriel que surgiu, em 1971, o desejo de distribuir o chá na sua cidade natal, conforme narra a seguir:

Eu morava aqui em Rio Branco, e passei por um período assim precisando de saúde. Eu pesava de 39 a 40 kg, era bem magrinho. Então achei que os médicos não tivessem mais condições, viajei para Manaus, mas fiquei em Porto Velho, na casa de uma senhora, que me recebeu muito bem quando estive lá. Me perguntou, porque o senhor, vendo a situação que eu estava, não procura um outro meio qualquer. Qual? Eu conheço um senhor que é muito procurado, chama-se Raimundo Pereira da Paixão. Vou te levar lá. Então vamos embora. Eu fui chegando na casa do Mestre Paixão, que conheci pela primeira vez, debaixo de chuva. Porto Velho não gosta de água... e ele me falou da União do Vegetal. Eu nunca ouvi falar. Aí ele disse: “você quer conhecer?” Eu disse: quero! Aí ele: então vou levar o senhor ao Mestre Gabriel. Então ele marcou um dia de quarta-feira. Eu cheguei lá, eram

⁵⁵ De Decca, Memória e cidadania, 1992, p. 132.

umas cinco horas, ele mandou a gente entrar e então fomos à casa de Mestre Gabriel. Era uma casa bem simples. Ali era a Sede da União. Então chegando, o Mestre Paixão me apresentou logo ao Mestre Gabriel, dizendo que eu vim do Acre a procura de saúde, aí o mestre Gabriel levantou-se, me deu a mão e disse: “deu pra chegar aqui, não morre mais”. O senhor quer beber o vegetal? - Não, eu não sabia o que era. Ele disse: “no Acre tem”. Mas o senhor aguarde aí. Então serviram um cafezinho, então chegou a hora da sessão, ele me deu um copo de vegetal. Aí meu amigo, eu senti o efeito. Aí no meio da sessão, o Mestre Gabriel chegou para mim e disse: “então, o senhor tem burracheira⁵⁶?” Eu não sabia o que era burracheira. “Tem miração?” Nunca ouvi falar. Aí ele explicou o que era miração e burracheira. Aí depois da sessão ele disse: “então venha sábado”. Sábado estava lá com Mestre Paixão; ele fazia tudo por mim. Aí rapaz, cheguei lá, bebi um copão. Então nesse dia recebi uma cura. Fiquei mais ou menos um ano bebendo o vegetal lá, aí depois voltei para o Acre, em 1971. Falei com o Mestre Gabriel que queria voltar para o Acre, porque já fazia tempo que estava longe da minha família, dos meus pais. Isso era em um sábado, após a sessão. Aí ele falou: o senhor vai quando? Aí eu disse: amanhã! Aí ele pegou uma garrafa com Vegetal e me deu e disse: “seu Luiz, pegue, leve, beba e dê pra quem você quiser!” Aí quando eu cheguei aqui, passei um tempo bebendo o vegetal sozinho, mas já fazia todo o ritual. Com um tempo depois o Alberto Furtado veio. No ano seguinte casei com a Odaíza, aí ela começou a beber o Vegetal, depois veio os irmãos dela, os funcionários da loja. No início eu ia buscar o Vegetal em Porto Velho, trazia uma garrafinha e quando acabava ia pegar outra. Me davam de pouco para trazer, era bem regrado. Até que na época que o Mestre Braga se candidatou, a gente se organizou para ir a Porto Velho, os irmãos da Instrutiva⁵⁷, para votar nele. Aí ele ganhou a eleição. Aí participamos de uma reunião e contei pra ele a situação que eu estava, né?! Aí ele disse: “agora vai mudar”. Aí ele me chamou e disse: “o senhor quer levar vegetal?” Aí eu disse: quero! Ele mandou colocar dez litros em um depósito e disse: “daqui para frente é do tanto que o senhor quiser! Beba e dê pra quem o senhor quiser. O senhor já tem a ordem, então eu estou só autorizando.” Dalí que começou a crescer mesmo. Aí o Mestre Paixão vinha e trazia vegetal para nós. Ele deu um grande auxílio para nós. Ele trazia o Vegetal, participava das sessões,

⁵⁶ A palavra burracheira é o nome utilizado na UDV para se referir ao efeito proporcionado pela ingestão do chá Hoasca.

⁵⁷ A palavra Instrutiva é o mesmo que Corpo Instrutivo, que é o nome que se dá aos membros que ascenderam o segundo degrau na hierarquia da UDV, que é organizada da seguinte forma: o início se dá Quadro de Sócios, que é formado por todos que se associam ao CEBUDV, seguido do Corpo Instrutivo, que é constituído por aqueles discípulos que fazem parte da UDV há mais tempo e têm um compromisso de participação maior nas atividades; na sequência vem o Corpo do Conselho, que é constituído por Conselheiros e Conselheiras, que prestam auxílio aos Mestres e, com os quais, formam a Direção do Núcleo. Seguindo a hierarquia vem o Quadro de Mestres que é o mais alto grau na hierarquia, sendo esse subdividido em diversos níveis, sendo o mais alto o de Mestre Geral Representante da UDV, que é o responsável pela UDV em nível nacional e internacional (RICCIARDI, 2008, p. 40-42).

ia lá para a minha fazenda. Quando nós pensávamos que não, nasceu a ideia... porque aqui já não cabia mais as pessoas. A gente ia para a minha fazenda, a Varandão e de lá saí para comprar um terreno. Aí meu sobrinho namorava uma moça que disse que o pai dela estava vendendo um lotezinho. O meu sobrinho já bebia o vegetal, foi sócio. Aí me levou na casa do sogro dele, aí fizemos negócio com ele, num lotezinho. Aí nós fomos limpar aquele lotezinho. Aí os vizinhos souberam que era um Centro Espírita... o pessoal tem um medo de espírito medonho. Alguns já estavam com as casas armadas, mas resolveram me vender. Aí compramos mais vinte metros. Aí um vizinho assombrou-se e quis vender também. Compramos cinco lotes. Aí fui falar com o vizinho que tinha o terreno maior, mas ele queria quatro mil. Naquela época quatro mil era muito dinheiro. Aí não dava! O dinheiro a gente conseguia fazendo bingo de bolos e pudins; nas sessões a gente fazia leilão americano; ia para o estádio José de Melo vender doce, pudim, churrasco, bolo... Tinha até advogado, o Edvaldo Sepetiba, que levava aquele negócio de assar churrasco arrastando. Na época era advogado, mas não tinha essa não... Aí o pessoal vendo, pensavam: vixi rapaz, essa família Sepetiba está baqueada, estão vendendo churrasquinho! Eles não sabiam o que era. Um dia eu lá limpando, passou um amigo meu e falou: "Luiz, rapaz, comprou esse terreno aí?" Aí eu disse: comprei rapaz! – "E por que não comprou esse outro pedaço aqui?" Aí eu disse: rapaz o homem cobrou caro demais, pediu quatro mil. – "Nesse pedacinho? Rapaz, aí não é um Centro Espírita que tu tá fazendo?" Falei que era o templo da União do Vegetal. Que é a mesma coisa de igreja. Aí ele disse: "rapaz, porque que tu não pega um bocado de espírito e joga aí dentro? – Joga uns espíritos nele aí!" Aí o homem estava lá dentro escutando tudo. Aí continuei limpando, quando foi seis horas, já estava escurecendo, ele chegou e disse: eu quero falar com o senhor! – Comigo? Ele: é. Aí fui lá e disse: fale meu amigo! Com aquela alegria minha. Tudo bom meu irmão? Agora vamos ser vizinhos. Aí ele: "é por isso mesmo que eu quero falar com o senhor. Quanto o senhor me dá nesse pedaço aí?" Aí eu disse que os irmãos eram pobrezinhos, que moravam nas colônias, uns ganhando um salariozinho para sustentar a família. Então não dava pra comprar. Aí ele disse: "não, eu vou lhe vender". O senhor me dá dois mil! Aí eu disse que comprava nas minhas condições. Aí ele falou: "diga lá!" – Eu lhe dou um cheque hoje de mil, para trinta dias e lhe dou outro de mil, para sessenta dias. Se o senhor não quiser ir receber no banco, pode ir lá na minha casa, que recebe. Aí fechamos o negócio e disse que ele podia tirar as coisas dele devagar, mas no outro dia quando eu cheguei lá não tinha mais nada. O caminhão levou tudo durante a noite. Ele estava era com medo mesmo! Aí um dia ele foi lá na loja falar comigo, já tinha até pago os cheques, disse que estava muito bem. Desde esse dia, nunca mais vi ele. Depois da compra dos terrenos, construímos o Núcleo de madeira. Aí uma vez o Mestre Braga veio aqui e a gente falou que queria fazer um preparo, aí ele disse: "não, só dá para fazer quando já tiver o lugar para isso". Aí a gente se empenhou. O pessoal começou a trabalhar

dobrado. O pessoal do interior é tudo trabalhador, são acostumados com o trabalho, era um pessoal aguerrido. O nome do Núcleo foi escolhido assim: eu liguei para o Mestre Braga, que era o Representante, disse para ele que o Núcleo já estava construído e estava precisando do nome, aí ele disse: “tá bom, eu vou ver isso aí”. Me perguntou se eu já tinha um nome, aí eu disse: João Lango Moura. Ele tinha me dado três nomes para eu escolher, me deu oito dias pra pensar. Aí com oito dias ele perguntou: “e aí comandante, já escolheu o nome?” Aí eu disse: já sim senhor, é João Lango Moura. Aí ele disse: “vou lhe dá mais oito dias”. Aí um dia eu estava almoçando e o telefone tocou, atendi, aí ele disse: “comandante, como é que tá aí?” Aí eu disse: rapaz tá bem! Aí ele disse: “e o senhor já escolheu o nome?” Aí eu disse: já, sim, senhor! Aí ele: “e como é o nome?” Eu disse: João Lango Moura. Aí ele disse: “é, então é esse aí mesmo!”⁵⁸

A experiência de Luiz Máximo, a busca pela saúde, o encontro com Mestre Gabriel e o uso do chá foi o princípio para a construção do posteriormente chamado Núcleo João Lango Moura.

Odaíza Alexandrina de Oliveira Chaves (esposa de Luiz Máximo) é acreana, nasceu em 29 de dezembro de 1948, na cidade de Brasileia. É membro da UDV há 43 anos.

Quando a gente bebia o vegetal aqui em casa, foi assim: o Alberto já bebia com o Luiz, aí eu casei com o Luiz e ele me falou algumas coisas sobre a União Vegetal, aí com dois meses depois eu comecei a beber. No início eu ficava só olhando, porque eu era Católica, depois comecei a beber. Aí chegou o Aquiles, que o Luiz mandou buscar ele no seringal. Aí nós tínhamos diversos funcionários: a Antonia e a Rosa, que moravam com a gente; a Angela Brasil; o Januário, que morava aqui em casa; Pedro Ribeiro, que passou um tempo; a Sonia Cavalcante, que trabalhava com a gente também. Aí a gente foi trazendo os mais próximos, os meus irmãos e os funcionários, para beber Vegetal junto com a gente. Na época nós tínhamos a participação de pessoas, como o Mestre Paixão, que vinha e ficava aqui um mês, dois meses, para dá assistência. O Mestre Braga também. O Mestre Adamir, quando veio a primeira vez ficou bem umas duas semanas com a gente. Os Mestres foram chegando também e dando assistência. A Mestre Pequenina veio para cá também. Então assim, nós tivemos uma grande participação dos Mestres, discípulos do Mestre Gabriel, que vinham para dá assistência. O Mestre Paixão foi o que ficou mais tempo dando auxílio para o Luiz; trazendo os ensinamentos nas sessões. O Mestre Braga também, que era o Representante na época. Aí vinham também o Mestre Monteiro, Mestre Pernambuco, Mestre Joanico. A

⁵⁸ Luiz Máximo, entrevista realizada em 21 de junho de 2014.

Mestre Pequenininha veio muitas vezes. Ficava aqui em casa, dirigia sessão, ia para Vila Plácido, ia lá para onde ela morou, para o seringal. Sempre que eles vinham, eles iam lá. O Mestre Zé Luís também veio algumas vezes; Mestre Florêncio; Mestre Herculano também vinha. Nos aniversário do Luiz, tinham vezes que tinham quatro ou cinco mestres do Conselho da Recordação. Vinham para os casamentos aqui também. Nós tivemos muita assistência. E com isso, foram trazendo as pessoas, os irmãos; os funcionários já iam trazendo suas famílias. É uma grande vitória! Porque a gente pôde ver as pessoas chegando. O Maciel foi uma pessoa que deu muita assistência. O Gonzaga foi o segundo mestre aqui, depois do Luiz, aí depois o Mestre Maciel. Era os três Luís: Luiz Máximo, Luís Gonzaga e Luís Maciel. Ficaram durante um bom tempo, os três comandando. A gente tinha muitas alegrias. O Mestre Zé Carvalho, a gente se encontrou com ele aqui, na época ele era conselheiro. Veio morar aqui, mas a gente só foi se encontrar um ano depois. Em Porto Velho, disseram para ele que o Luiz bebia vegetal aqui, aí a gente se encontrou e foi uma festa! Aí quando a sessão não era aqui em casa, era na casa dele. Ele auxiliou foi muito. E os irmãos tinham muita garra, para ver as coisas crescer mesmo! A coisa mais importante que eu achei foi dar assistência para os irmãos, cativar os irmãos, porque a gente sabia que aquela era uma pessoa que ia ficar com a gente e que ia trabalhar junto para crescer a obra. Então, a gente veio caminhando, aí depois o Luiz pensou em comprar uma área, na época o Mestre Zé Carvalho estava aqui. Aí o Mestre Zé Carvalho disse para o Luiz que tinha encontrado uma área, mas só que era longe. A gente bebeu vegetal muito tempo lá na nossa fazenda, a Varandão, porque era um lugar arejado, tinha um barraco de palha lá, para a gente beber o Vegetal. A gente foi para lá, porque aqui foi ficando pequeno. Aí depois foi que o Luiz comprou aquela área lá do Núcleo. Comprou primeiro aquela parte da frente, aí tinha a parte de trás, que a gente foi trabalhar para conseguir comprar, que ao todo dava treze hectares. Aí depois teve uma parte que foi vendida para interar o dinheiro para a compra da área do Núcleo Jardim Real. A gente trabalhava muito, porque o povo não tinha um poder aquisitivo muito bom, a maioria era assalariado. A gente trabalhava na feirinha do Sebrae. Primeiro foi construído o Núcleo de madeira. A estrada era muito ruim para lá, a madeira tinha que ser carregada de onde é o posto de gasolina até lá o Núcleo. Aí depois a governadora Iolanda mandou arrumar a estrada, aí foi ficando bom de a gente ir para lá. Antes também não tinha água, não tinha luz. Com a estrada ficou melhor. Aí fizeram Núcleo de madeira... e a gente trabalhando. Dia de feira a gente passava o dia todinho preparando bolo, galinha picante, vatapá. No domingo a gente só concluía e levava para feira. Quem conseguiu as primeiras barracas da feira foi a Ilda. A gente falou para ela que precisava de uma barraca para dar continuidade as nossas obras, aí conseguimos a barraca, depois mais outra barraca e mais outra. Botávamos as coisas para vender. Ia todo mundo para a feira e a gente se divertia. A gente chegava lá três horas e tínhamos que ficar com a alimentação

até às nove horas, mas sete horas a gente já tinha terminado tudo. Aí com o dinheiro construímos o núcleo de alvenaria. A maioria das coisas que construímos foi com o dinheiro dessa feira. Depois fomos para a feira agropecuária, ficamos um bom tempo, porque também dava um bom lucro. Todo ano a gente ia para lá vender. Assim... porque a maioria dos irmãos ou era desempregado ou ganhavam um salário mínimo, eram poucos os que tinham uma condição financeira boa. Então fomos construindo o núcleo de alvenaria, porque o de madeira já estava pequeno. O Mestre Florêncio veio uma vez e disse: “rapaz, constrói um outro núcleo, porque esse já está pequeno”. Nós tínhamos muito registros fotográficos dessa época. O Maciel ia fazer um Centro de Memória, então ele veio e escolheu muitas fotos, inclusive, ele tinha também alguns relatos; a gente passou para ele, porque ele queria fazer o Centro de Memória, só que quando ele faleceu a gente não sabe o que aconteceu com as fotos e os relatos. A gente anotava os nomes das pessoas que iam chegando, tinha um livro dos primeiros sócios, só que quando o Luiz passou a representação para o Maciel, também foram passadas algumas coisas. Depois que foi feito e escolhido o nome do núcleo, teve a primeira diretoria, inclusive, eu fui votada, fui a primeira mais votada para ser a secretária, mas como eu cuidava dessa parte de alimentação, aí o Mestre Paixão disse: “a senhora fica como ogã e o Januário como secretário”. O Januário foi o segundo mais votado, aí ele ficou como secretário. Então o Maciel pedia algumas coisas da gente, para registrar e construir o Centro de Memória, aí a gente foi passando algumas coisas. Os registros são muito importantes, porque muitas coisas, a gente já esqueceu, porque o tempo vai passando, e a gente trabalha também, aí vai esquecendo. Naquela época eu tinha vinte três anos, hoje estou com sessenta e seis; então a gente vai esquecendo, porque são outras coisas que vem. Mas muitas coisas, a gente passou para ele fazer e o que aconteceu foi isso. Depois que ele faleceu a gente não sabe onde ficou. Ele tinha muito interesse de fazer o Centro de Memória. Esse Centro que tem lá no Núcleo faz pouco tempo que foi feito. Naquela época ainda não tinha. Ele faleceu em dois mil e dois, com o desejo de fazer o Centro de Memória. Inclusive, aquela bandeira da União estava guardada aqui, que é a primeira. Algumas coisas, a gente guardava aqui, mas aí a gente passou para arrumar lá. Mas muitas coisas ninguém sabe. Hoje eu considero uma grande vitória. O nosso desejo era que mais pessoas conhecessem, vissem o valor da União. Mesmo naquela época, a gente já queria que mais pessoas conhecessem, porque salvou muita gente. Nós fomos criticados, mas só não fomos mais criticados porque tínhamos uma situação financeira boa. Porque uma das coisas muito importante na nossa vida é que a gente podia auxiliar os irmãos também. A gente auxiliava os da União e os que não eram da União também. Desde que nós começamos, a gente também começou a fazer a beneficência. As pessoas procuravam muito a gente. Por exemplo: vinha gente de Plácido de Castro, do Mamo... o Gilvan era uma das pessoas que auxiliava. Uma vez o Mestre Paixão veio para cá e adoeceu aqui, ficou

ruim, aí a gente chamou o Gilvan para atender o Mestre Paixão, aí ele veio. Aí toda vez que chegava aquele pessoal doente, a gente ligava para o Gilvan. Eu sei que ele deu muita assistência. O Gilvan é uma pessoa que deu muita assistência nessa trajetória. Aquele pessoal bem carente que vinha do Mamo, as crianças doentes, a gente ligava ou então ia lá; se precisasse internar, ele internava. Uma pessoa que deu uma assistência muito grande para gente, e outros irmãos também. Ficava um monte de gente aqui. Tinha gente que passavam mais de ano, aí quando ficava bom, a gente dava o dinheiro da passagem para a pessoa voltar pra casa. Então para mim foram coisas muito importantes na minha vida, na vida da minha família. Consegui criar minhas filhas, estão todas formadas, com duas faculdades, bons empregos. Tudo isso a gente conseguiu com a União do Vegetal. Outras pessoas também conseguiram, como a Rosa com os filhos dela. E outras pessoas também que estiveram aqui, todos estão bem de vida, a maioria. Isso porque encontraram orientação na vida. Tudo isso que a gente fazia era para que as pessoas pudessem viver melhor. Muitas vezes a pessoa não estava muito bem de vida, aí a gente procurava trazer, para ser mais um para auxiliar os outros. Procurávamos fazer com que as pessoas vivessem bem, dessem bons frutos, porque já naquela época a gente já via muita gente desorientada, aí a gente trazia para beber o chá, para se orientar, para viver bem. Uma das coisas que a gente muito aconselhava era: estudem! És tudo pelo estudo! Palavra do Mestre Gabriel. Então a gente aconselhava direto às pessoas a estudarem. E com isso a gente vem ganhando a amizade das pessoas, se sentindo bem, vivendo bem, podendo auxiliar os irmãos, podendo fazer as coisas boas e orientando as pessoas. Teve um senhor, que já até tinha bebido o vegetal, disse: “dona Odaíza, eu gastei tudo que eu tinha para educar minha filha, a senhora tem cinco e conseguiu educar todas, cada uma com duas faculdades. Como é isso? Como é que a gente faz isso? Escreva um livro, conselheira! Mostre! Fale alguma coisa para mim! O que posso fazer para poder orientar as pessoas? Porque eu também conheço pessoas que também não conseguiram orientar os filhos, não conseguiram educar, formar”. Aí eu disse: primeira coisa: a gente tem que obedecer a Deus. Colocar na cabeça da gente que a gente quer uma vida melhor, quer educar nossos filhos, quer fazer o bem. Nós temos que fazer o bem não só para nós, mas também para os outros. Temos que pensar na gente e nos outros. Se é bom para mim, então é bom para o meu semelhante. Quando eu cheguei, vi o desejo do Luiz de criar um núcleo da união do Vegetal, vi assim o esforço que ele fazia. Quando ele falava, os olhos dele brilhavam. Aí eu pensei, tenho que está do lado, tenho que fazer alguma coisa, tenho que dá assistência para esse homem. Muita gente também auxiliou, muitos mestres antigos auxiliaram a gente. O Mestre Glacus veio para cá, ele também foi uma pessoa que auxiliou muito a gente; ia para a feira com a gente. Foi um tanto de irmãos. A Eliana do Ximendes, Elizalda, Zeneide, Cristina, Toinha. A gente ficava aqui matando galinha a noite toda, para no outro dia levar para a feira agropecuária. Todo mundo

forte, graças a Deus! É de luta, não teve nada fácil! Digo sempre para as pessoas: nada é fácil, tudo tem um preço! Como a gente queria crescer na sociedade, queria que a União do Vegetal crescesse, para que as pessoas conhecessem e recebessem... então nós tínhamos que dá o suporte. O Luiz sempre foi uma pessoa muito líder, ele ia na frente e a gente acompanhando.⁵⁹

Alberto Furtado de Oliveira é acreano, nascido em 14 de abril de 1953, na antiga colônia Apolônio Sales, que, na época, era zona rural da cidade de Rio Branco. É membro da UDV há 44 anos.

Eu nasci na colônia, que antigamente era a Colônia Apolônio Sales, onde hoje é o bairro das Placas. Somos cinco irmãos, filhos da minha mãe, e temos mais três irmãos do segundo casamento do meu pai e mais dois da terceira mulher. Eu vim da colônia com sete anos, com toda família. Eu vim morar aqui no Bosque e até hoje ainda estou no mesmo local. Aqui era a famosa Fazenda Araripe, aqui onde está a Cohab do Bosque, eu morava próximo da Igreja Santa Inês. Eu sou autodidata, estudei só até a oitava série, do antigo Ginásio, quer dizer, me matriculei, mas não cursei a oitava. Eu fui estudante, fui vendedor, meio comerciante, fui ativista comunitário, ligado aos movimentos sociais da igreja católica, movimentos políticos. Sou um dos fundadores do Jornal Varadouro, trabalhei desde o início. Convivi nesse movimento do jornal e depois me tornei empresário. Aí eu atuei no ramo de empresa gráfica. Eu tinha uma empresa, a Gráfica Amazônia LTDA. Foram dezesseis anos. Fui fundador do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Acre, mas não me lembro bem se assinei ata. Da Federação das Indústrias do Estado do Acre fui um dos precursores desse movimento. Sou fundador, no Acre, também do PSDB. Exerci alguns cargos públicos também: de Diretor administrativo na Secretária de Transportes no Estado; fui presidente de Desenvolvimento e Colonização Agrária. A primeira vez que ouvi falar do vegetal, foi através de um amigo meu de um grupo de jovem da igreja Católica. Nós conversando, aí ele falou de um irmão de um amigo dele que trabalhava com o Luiz Máximo, que falou pra ele que o Luiz Máximo tinha ido a Porto Velho e tinha conhecido um chá de um aspecto bem interessante. Foi quando eu me interessei, e também eu já tinha escutado falar alguma coisa do Daime aqui do Acre, do Mestre Irineu, que eu conheço desde menino, mas nunca tinha ido ao Centro do Daime. Aí me interessei em procurar o Luiz Máximo, na época, através de contatos familiares que a gente tinha. Cheguei pra ele e disse: Luiz, dizem que tu bebes um chá aí bem interessante, que as pessoas podem de ter algumas percepções de coisas espirituais. Aí ele foi e falou a respeito do Mestre Gabriel e da União do Vegetal. Aí eu me interessei e fui beber com ele. Então a primeira pessoa aqui do Acre, que iniciou com

⁵⁹ Odaíza, entrevista realizada em 21 de junho de 2014.

ele e se associou na União, fui eu. Mas no início ainda não era a sociedade oficial ainda, e eu também ainda não era sócio oficial, eu me considerava porque estava junto. Aí vinha aqui o Mestre Paixão, aí começou a chegar outros sócios, mais isso depois de um certo tempo, não foi de imediato não, foi depois que ele casou com a Odaíza, aí começaram a chegar os irmãos dela, aí vinha o Mestre Paixão, o Mestre Adamir, o Mestre Zé Carvalho. Mas isso com um espaço de tempo. Aqui então era uma espécie de Distribuição de Vegetal, já ligada à Sede Geral, que era em Porto Velho, com início em 1971 e só foi oficializada com a inauguração do Núcleo João Lango Moura, em 1981. Mas antes de o Luiz começar a distribuir o vegetal no Acre, já havia umas pessoas em Plácido de Castro que beberam o vegetal com o Mestre Gabriel nos seringais e lá em Plácido de Castro, mas que não deram continuidade. Desde o início, nós participávamos na casa do Luiz. Ele ia buscar o vegetal em Porto Velho, e às vezes demorava alguns dias pra ir e voltar, porque naquele tempo a estrada de Rio Branco a Porto Velho não era asfaltada. Mas ficávamos, nós discípulos, por ali já conversando de como era a instituição, sobre a organização, o que poderia ser feito, como já funcionava lá em Porto Velho. No início também sofremos alguns estigmas por parte da sociedade, como sendo pessoas que eram usuários de um chá, que não era entendido como sendo usado para o aspecto religioso, mesmo aqui já tendo a tradição, com o Daime, desde 1930. E saíam algumas reportagens, falando coisas, falando mal. O Luiz chegou a ser acompanhado pela Polícia Federal, quando ia a Porto Velho. Então nesses períodos que surgiram muitos questionamentos, até já oficializada, tivemos um auxílio através de relações públicas. Na época, por exemplo, eu tinha atuado no campo do jornalismo alternativo aqui, de um grupo que ficou conhecido na sociedade local, de nome Varadouro. Esse grupo ganhou espaço na imprensa diária, e como eu tinha muito acesso a eles, entre os quais, o jornalista Elson Martins da Silveira, Sued Chaves e outros que eram do grupo, eu buscava fazer uma ligação com o pessoal, mostrando pra eles, que não era bem aquela verdade que surgia nas publicações e reportagens, eu explicava. Levei outros irmãos, aí a gente dava o material para a reportagem e aí eles, pelo respeito que tinham, publicavam. A memória na União possui dois aspectos: a memória voltada para o aspecto espiritual, com a assimilação dos ensinamentos, que são transmitidos de forma oral; e a memória voltada para o aspecto material, com os registros históricos, que é da sociedade em si. Por exemplo, a criação do nosso Núcleo, é uma memória; os estatutos que vêm organizados pela Sede Geral, também é uma memória, que é o início; aí vem a criação dos núcleos, com a organização dos departamentos, a organização da Diretoria; aí vem a criação dos núcleos nos municípios, como os daqui, que faz parte da memória da criação do primeiro núcleo. Outro exemplo que me recordo, em relação à memória relacionada aos aspectos materiais, é dos registros em cartório dos primeiros casamentos realizados em nosso núcleo e alguns outros acontecimentos dentro das práticas cotidianas que estão na memória da sociedade. É

interessante ressaltar a criação do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre⁶⁰, que tem a responsabilidade de transmitir, da maneira mais fiel possível, os ensinamentos recebidos. E dentre os mestres antigos, que fazem parte desse Conselho, acho que somente uns três sabiam ler e escrever. Mas isso é porque no que se refere ao aspecto espiritual, os ensinamentos são distribuídos de acordo com os graus de memórias, que é a capacidade de assimilar os ensinamentos sobre o efeito do chá. O início da UDV no Acre foi marcado por atividades comunitárias muito participativas. Era um número reduzido de pessoas, mas todas imbuídas de um espírito de participação, organização e crescimento. Não se pensava em que dimensão chegaria o que estamos vivendo hoje, mas era algo que havia uma forma de confraternização entre as pessoas. Ir à casa do seu Luiz era uma forma de se encontrar pessoas que estavam tendo possibilidade de conhecer uma nova forma de convivência entre as pessoas; de compreensão dos ensinamentos espirituais; e uma forma também de trabalhar e organizar os procedimentos. Para mim uma das coisas que me chamou muito a atenção foi a doutrina espírita, o significado da ligação do chá com a natureza, os ensinamentos espirituais e a forma de convivência humana. Eu sempre gostei de conviver em ambiente de aproximação com as pessoas, isso me cativou muito! E as respostas espirituais que eu encontrei também. Algo como: mostrar que do meio da floresta foi encontrado duas plantas que unem as pessoas. Eu sempre fui observador da doutrina espírita. No Rio de Janeiro, eu já tinha participado de reuniões em alguns centros que eu visitei, isso me chamava atenção, e a identidade espiritual da União é bem marcante.⁶¹

Antônia Alves da Silva é amazonense, nasceu no dia 10 de março de 1956, no seringal Val Paraíso, localizado no Município de Boca do Acre. É membro da UDV há 40 anos.

Deixa eu lhe contar a minha história! Eu cheguei aqui no Acre, eu tinha uns nove para dez anos, vim com uma tia minha que estava morando aqui, aí ela arranhou um emprego para mim em uma casa de família. Sou amazonense, do município de Boca do Acre. Nasci em Boca do Acre, minha mãe me ganhou lá, mas a referência é o seringal Val Paraíso. Mas que eu nasci mesmo foi no seringal Val Paraíso, na Colocação por nome Escondido, bem distante (...). A minha mãe se juntou com meu pai ela tinha uns dezesseis anos. O meu pai é filho de cearense, e o pai dele era seringalista, tinha dois seringais. O meu avô quando conheceu a minha avó, ela era filha única, casou com ela. Aí quando ela casou, o pai dela deu um seringal de presente para ela, aí quando ela morreu, o meu pai e

⁶⁰ O Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel é um organismo interno responsável pela preservação dos ensinamentos/doutrina deixados por Mestre Gabriel, cuja transmissão é feita de forma oral, isto é, não são compreendidos em livros (Andrade, 1995, p. 163).

⁶¹ Alberto Furtado, entrevista realizada em 07 junho de 2014.

meu tio eram pequenos, aí meu avô se juntou com uma mulher que era muito ruim, era uma madrasta muito ruim, aí meu pai fugiu de casa, ele tinha uns oito anos. Aí ele veio nos navios que vinham de Manaus e passavam no Purus, porque todo navio que vinha para o Acre passava pelo Purus, e esse seringal Val Paraíso é na beira do Purus. Aí ele pegou o navio e veio bater na Boca do Acre. Aí quando ele chegou lá, ficou no navio ajudando os carregadores e lá tinha um carregador por nome Mundico, que viu aquele menino e perguntou se o pai dele estava por ali, e ele respondeu que não. Disse que tinha fugido de casa e não tinha onde morar. Aí contou a história dele. Aí ele disse: “rapaz, vai lá pra casa, que lá eu tenho uns três garotos da tua idade, porque ele já criava dois”. Aí ele foi para a casa do Mundico, que era casado com a dona Zeza. A Zeza era uma mulher bem baixinha, mas trabalhadeira que não era brincadeira. Aí meu pai foi para lá. Aí ele adotou mais um, aí eram quatro meninos. Meu pai aprendeu a tocar violão sozinho. Quando eu fui a Boca do Acre, a dona Zeza ainda era viva, bem velhinha. Eu fui saber a história do meu pai, do tempo que ele viveu com eles. Aí ela disse assim: seu pai era um homem muito inteligente, ele construiu o violão dele e aprendeu a tocar sozinho (...). Quando a minha mãe conheceu o meu pai ela tinha dezesseis anos e ele já tinha uns dezoito anos. Aí a primeira filha sou eu. Somos três irmãos. Quando meu pai morreu, minha mãe tinha vinte e três anos. Nós éramos todos pequenos. Ficamos sem casa, sem nada (...). Aí eu vim para Rio Branco com nove para dez anos, trazida por uma tia minha. Aí fui trabalhar em uma casa de família. Nesse emprego eu conheci o Gilvan, porque a casa dele era bem em frete da que eu trabalhava. Aí trabalhei em outros lugares, fui para a casa do Oscar Fecuri, que foi quando eu conheci o Jonas. Aí fui trabalhar na casa do professor Vitor, o melhor professor de matemática da Universidade naquela época, fiquei lá um tempo. Depois fui procurar outro emprego, foi quando conheci o seu Luiz Máximo, na Casa Phebo (...). No dia que eles mudaram para a Casa Phebo, a Odaíza me chamou para morar lá. Morei quatorze anos com eles e trabalhei quatorze anos com o seu Luiz na loja. Ele dava o vegetal na época e a casa dele era sempre cheia de gente. A primeira vez que eu bebi foi na casa dele, no ano de 1975, eu tinha dezesseis para dezessete anos. Foi assim: o seu Paixão vinha pra casa dele, aí quando chegava um certo horário eles se recolhiam num quarto, aí bebiam o chá, trancavam a porta para ninguém ver, aí dava aquele silêncio por um tempo, aí depois começava a tocar músicas, conversar, fazer chamadas... Aí um dia fiquei sem dormir e fiquei observando, aí depois quando terminou, no outro dia eu disse assim para ele: o que é que vocês faz mesmo ali dentro daquele quarto? Porque toca músicas, aí depois vocês falam, cantam... e o que é mesmo? Aí ele foi me explicar do chá. Aí eu disse: a gente pode beber, participar? Aí ele disse: pode! Aí eu disse: eu quero! Aí bebi o chá (...). O Centro de Memória foi assim: o Maciel, como ele foi representante, aí ele fazia muitas viagens para Brasília, aí o seu Paixão teve a ideia de fazer o quadro das pessoas, aí foi feito alguns

quadros dos mestres da época. Esses quadros já vieram depois, quando já tinha o povo de São Paulo, depois que já tinha o núcleo de alvenaria. Aí depois entrou o processo dos quadros das conselheiras. Na época ainda não tinha o Centro de Memória. Tinha alguma coisa assim... as pessoas recordavam tudo que tinha acontecido, porque a maioria estava ali. Hoje é que tem a necessidade, porque as pessoas esqueceram das coisas. Por exemplo, tem coisas que ninguém se lembra mais, tem pessoas que não se lembram mais, então é necessário que exista um arquivo que registre os acontecimentos da época. Mas o Centro de Memória de cada núcleo tem que ter alguma coisa mais atrativa, para poder os sócios frequentar. Precisa ter alguma coisa, porque às vezes fica um pouco isolado por acolá, fechado e tal. É porque hoje é o seguinte: muitos sócios querem saber de novidades, querem está dentro de algumas coisas que também não dá espaço para eles conhecerem as histórias dos núcleos. A gente vê isso hoje. Naquele tempo, as pessoas jovens, quando chegava um mestre antigo, arroteavam eles para ouvir as histórias e os acontecimentos. E a gente perguntava, interagia, ficava até tarde nisso. Hoje quase ninguém faz isso, quando termina uma sessão é todo mundo querendo ir para casa, porque tem que trabalhar. Naquele tempo a gente amanhecia na frente do Núcleo João Lango Moura conversando, e todo mundo também trabalhava. A gente queria saber das coisas. A gente ficava conversando de como via determinado ensino, como que é isso, e fulano falou isso... Aí chegava em casa, tomava um banho e ia trabalhar. Hoje ninguém está muito interessado nisso não (...). Eu entendo que memória é lembrar os antepassados, viver o presente e está preparado para o futuro, porque a nossa memória é um arquivo de tudo o que a gente vive. E dentro desse arquivo a gente ainda é um desconhecido, que pelo despertar da luz é que a gente vem encontrando e descobrindo nossos arquivos, vem conhecendo os nossos arquivos. E esses arquivos faz parte do nosso conhecimento espiritual. Porque a memória já está dizendo: que em mim mora toda a existência da minha vida e tudo que eu faço.⁶²

Rômulo Beleza Hitzschky é rondoniense, nasceu no dia 30 de novembro de 1967, na cidade de Porto Velho, capital de Rondônia. É membro da UDV há quase 40 anos.

A minha chegada na União se deu a partir de um acontecimento lá em Porto Velho, que foi a separação dos meus pais. Mas antes disso, na convivência do meu pai com minha mãe, houve assim... meu pai sempre saía à noite e em uma dessas saídas dele, ele conheceu o Mestre Gabriel. Ele conheceu a União. Aí ele bebeu o vegetal com o Mestre Gabriel durante um ano lá. Ele é sócio fundador do Núcleo. Ele era fotógrafo do Núcleo João Lango Moura. Muitas das memórias, muitas fotos lá, foram feitas por ele. Aí ele conheceu a

⁶² Antônia, entrevista realizada em 21 junho 2014.

União, aí minha mãe ficou reclamando, porque ele saía à noite e chegava de madrugada. Aí ele disse: “vamos lá onde eu vou, conhecer”. Aí ela estava grávida de mim, de oito meses. Aí quando ele levou ela lá, grávida de oito meses, bebeu um copo duplo de vegetal. Aí ela disse que bebeu o vegetal e não sentiu nada de burracheira. Aí ela disse que das vezes que ela bebeu, foi só lá pela terceira ou quarta vez que ela veio sentir burracheira. Eu sei que passou esse tempo, aí eles não ficaram na União, porque meu pai era fotografo, ele era viajante, fazia muitos trabalhos de fotografias nos municípios, nos Estados; ele fazia quadros, pinturas, slides; fazia reprodução de fotografias. Então ele andava pelos municípios: Humaitá, Manaus, Rio Branco, Sena Madureira... Por isso que o casamento dele com minha mãe não ficou muito sólido. Ele andava muito. Aí, teve uma certa vez que ele veio para o rumo do Acre e por aqui conheceu outra pessoa e ficou. E a minha mãe e a família dele moravam lá em Porto Velho. Moravam lá, mas minha avó era cearense e meu avô era uma mistura de alemão com polonês. Então nós temos essa descendência. Aí quando ele veio para cá, encontrou o Mestre Paixão fazendo compras lá pelo mercado, porque ele vinha sempre aqui, antes do início mesmo do Núcleo. Então ele encontrou o Mestre Paixão, que convidou ele para voltar a beber o chá, aí ele aceitou e veio e ficou comungando o vegetal, era sócio, aí ficou sendo o fotografo oficial. Ele fazia todas as fotos. Pode ter certeza que as fotos daqueles mestres antigos todos, foi ele quem fez. As fotos estão lá no Centro de Memória. Fazia os quadros e tudo. Ele estava só aqui; eu ainda não estava com ele nessa época. Ele veio e já estava separado da minha mãe, já estava com outra pessoa. Aí ele tinha uma loja de fotografia lá na Praça da Bandeira. Ele fazia fotografia três por quatro, fazia nos casamentos, fazia todos esses serviços. O nome da loja de fotografia era Fotorama. Aí com muito tempo depois ele ficou lá na Casa do Estudante, com fotos estudantis. Aí trabalhou um tempo lá, depois ficou trabalhando no Jornal O Rio Branco. Mas antes desses acontecimentos, de ele ir trabalhar no Jornal O Rio Branco, eu vim para a companhia dele, que minha mãe estava um tanto adoentada e precisava se tratar, teve que viajar. E eu e meus dois irmãos estávamos dando muitas despesas e não estava dando muito para conciliar. Somos três irmãos pela parte de pai. Eu sou o mais velho dos irmãos. Aí eu vim para a companhia dele, fiquei trabalhando com ele, eu fazia fotografias também; revelava filme, aprendi a fazer. Naquele tempo colorido era difícil fazer, não tinha química aqui, aí ele fazia a química. Nessa época eu tinha uns doze para treze anos. Aí ele me chamava para beber o Vegetal, dizia: “vamos lá na União”. Aí eu dizia: hoje não. Aí até que um dia ele disse: “quer ir?” Aí eu disse: quero! Aí eu vim lá para a casa do seu Luiz, o encontro era lá na casa dele. Aí eu conheci muita gente, teve muita gente que me motivou. Fui bem recebido. Eu não conhecia o chá e nem nada, tava lá, né?!. Aí eu conheci o Alcides, que foi bem receptivo. O seu Luiz nesse dia não estava, nessa sessão. Ele gostava muito de futebol do Rio Branco, ele tinha ido assistir ao jogo de futebol. Aí nesse dia a

sessão foi com o Mestre Paixão, na casa do Mestre Luiz Máximo. Aí estava o Maciel, o Ailton, o Gonzaga; tinha muita gente. Eu tinha de treze pra quatorze anos. Aí eu comecei a beber o chá. Aí o pessoal da União conseguiu comprar um lotezinho de terra, para fazer... era pré-núcleo naquela época, era de madeira e o lote era cinquenta por cinquenta, se eu não me engano. Era ali mesmo onde é o Núcleo, era só um lote. Aí fomos trabalhando ali. Toda quarta-feira tinha jogo lá no estádio, aí a gente fazia lanche, churrasquinho, cachorro-quente e suco, para vender. Aí, nos finais de semana, a gente ia para a praça, porque naquele tempo tinha feirinha na praça. Para fazer as coisas, a gente ia para a floresta tirar bambu, para fazer os espetinhos para o churrasquinho. Eu fazia suco, fazia pudim também. Na época o convívio entre as pessoas foi algo bem marcante, porque era o início, as pessoas eram bem unidas; a burracheira era diferente; era aquela alegria, era bem legal mesmo. E aí foi crescendo esse movimento. A gente cada vez se empenhando mais para conseguir. Ali do lado do Núcleo era uma cerâmica, uma olaria, por isso que tem aquele barro ali, porque já tinha tirado toda aquela matéria orgânica, era cavado mesmo. Ali onde é a casa do caseiro era a casa da cerâmica, e ali onde é o campo de futebol, o pessoal tirava barro dali; era um monte aquilo ali, era bem alto. Aí o pessoal lá perguntava: “o quê que é isso mesmo?” Aí o seu Luiz dizia assim: “aqui é um Centro Espírita!” – “Centro Espírita? – Mexe com cabôco... essas coisas?” O pessoal ficava com medo. Aí eu sei que o homem lá ficou meio assim com medo, porque era negócio de espírita. Aí ele chegou uma vez e fez uma proposta de venda de doze hectares, que ia até do outro lado da estrada. Eu sei que o rapaz que vendeu lá a área ficou bem agradecido de ter vendido para a União, disse que o dinheiro rendeu tanto, que foi bem abençoado, que gostou mesmo de ter vendido para a União aquela terra. Aí foi motivador, porque a gente pagou parcelado, a gente batalhava, batalhava... Foi trabalho! A gente ia para a exposição vender lá; assava galinha; fazia tanta coisa. Eu era uma das pessoas que ficava lá, dormia lá para vigiar. Era intenso naquela época, mas todo mundo feliz. Sei que a Conselheira Odaiza era a cabeça, tipo assim, era empreendedora mesmo desses trabalhos. E temperava frango de um dia para o outro, ficava bem gostoso o nosso frango; quando a gente ia assar o povo não comia só um não. A gente fazia tanto eventos, fizemos o do festival do Papai Noel lá no Horto; veio alguns irmãos de fora, faziam pintura de Papai Noel. A gente fazia várias promoções, aí nessas promoções sempre entrava a alimentação, que era o ganho maior. Foram conquistas que vieram acontecendo. Teve um intervalo em que eu fui para o exército. Na época de namoro eu me afastei um pouco, porque conheci a Rosa e ela era de outra igreja, ela é evangélica. Aí para eu conquistar ela, fui mais para a igreja dela, aí me afastei um pouco, aí fiquei uns dois ou três anos um pouco afastado, mas sempre ia beber o chá. Eu já estava com uns vinte dois ou vinte três anos. Fiquei afastado, mas não totalmente, de vez enquanto eu ia. Nessa época o meu pai já tinha morrido. Ele morreu de acidente de moto, ele ia voltando do

trabalho para casa, naquele tempo não exigia capacete, aí ele passou por um ônibus, ali na bola preta, e quando ele ia passando pelo ônibus, uma pessoa saiu detrás do ônibus e ele bateu só de raspão nela, mas aí se desequilibrou e estava sem capacete, bateu a cabeça no meio fio, aí deu traumatismo craniano. Ele ainda ficou no hospital uns três dias, mas não resistiu e faleceu. Aí seu Luiz deu maior apoio nessa época, lutou muito por ele lá, pagou despesas hospitalar, mas não teve jeito! Eu morava lá no seu Luiz, fui morar lá porque a convivência com minha madrastra não estava muito boa, aí falei com seu Luiz que estava querendo trabalhar, aí meu pai falou com ele, inclusive assinou até um termo de guarda para o seu Luiz, aí ele tinha esse termo de guarda, aí eu fiquei morando com seu Luiz. Lá morava um tanto de gente, tinha um quarto bem grandão que era só para as mulheres, com muitas camas, aí tinha o quarto do seu Luiz e mais um outro quarto que era dos visitantes, aí eu ficava nesse quarto que era dos visitantes. Passou muita gente, mas aí o pessoal ia casando e ia saindo. O seu Luiz dava muito apoio, até para o pessoal dos municípios, de Plácido de Castro, do Mamo e de outros lugares aí. Quando eu conheci minha esposa, estava morando lá, estava no exército, mas morava lá. A Aparecida, sobrinha do seu Luiz, fazia um curso de magistério, aí conheceu a Rosa lá, aí elas foram fazer um trabalho lá, aí eu conheci ela e gostei dela, aí comecei ir pra igreja dela (...). Tivemos muitos momentos bons. O Maciel era um irmão que batalhava pela as coisas da União, naquele tempo não tinha energia elétrica para lá, era na base da lamparina, do motor de luz, aí quem abastecia o motor era o Maciel e eu, às vezes só eu, às vezes só o Maciel; era toda sessão a gente tinha que ir; quando dava nove horas a gente tinha que ir abastecer. Nas festas do dia dez de fevereiro ele organizava gincanas, com corridas de cinco quilômetros, de oito quilômetros, tinha premiação. Aí uma vez quem venceu a corrida foi o Manoel Alves, aí depois eu venci as duas seguidas, aí o pessoal disse que eu venci porque estava preparado, porque estava no exército, aí na última vez eu nem recebi a premiação, porque disseram que eu estava em vantagem e os outros em desvantagem, por isso que eu nem recebi a premiação, aí eu só recebi uma vez a premiação. Antes de trabalhar com seu Luiz na loja, eu fui trabalhar com o Maciel na oficina de autoelétrica (...). Lá embaixo no seu Luiz era a loja e atrás era depósito de mercadoria, aí muitas das vezes eu levava essa mercadoria, distribuía nas lojas, ele tinha umas oito lojas, roupas para crianças e perfumaria, nesse tempo ele vendia sabonetes, alfazema. Ele foi uma das pessoas que recebeu a representação da Phebo. Era o melhor vendedor. Começou vendendo na mão perfumaria da Phebo, aí foi convidado pelo dono para ser representante. Ele sempre tratava bem as pessoas, era maninho, era amigo... e a dona Odaiza também, era mãezona desde o início. Aconteceram algumas coisas ruins também, como a interferência do CONFEN, que suspenderam por uns três meses, sei que a gente ficou um tempão sem realizar sessões. Foi a nível nacional, mas parece que Rio Branco era a mente de tudo, porque muitas das

coisas de documentação saíam daqui, de Porto Velho também, mas aqui tinha muita influência, acho que porque tinha as outras também, era forte, tinha o papel do Mestre Irineu, tinha todo esse pessoal. A gente ficava até constrangido de falar que era da União, que bebia o chá, porque o pessoal falava que era droga, isso e aquilo. A gente ficava assim, na da gente mesmo. Mas muita gente perguntava se a gente era crente, pelo comportamento. Naquela época foi um movimento mesmo para a União chegar onde chegou. O meu pai tinha uma amizade com o Mestre Herculano, porque o Mestre Herculano era amigo dele. O Mestre Herculano era fotógrafo também na época. Assim, a memória... tudo que era datas o meu pai fazia foto, eu não tenho muitas fotos, porque muita coisa se perdeu e nessa época a gente ainda não tinha o Centro de memória, ficava mais com as pessoas mesmo, cada um ficava com algumas, mas ele doava mais os quadros, ele fazia os quadros, quando chegava algum mestre antigo. Lembro que fazíamos leilões de galinhas depois das sessões, para arrecadar dinheiro, só com os irmãos mesmos, bem pouquinho irmãos. Naquele tempo o vegetal era guardado lá na casa do seu Luiz e era dentro de baldes de cinquenta litros. Logo no início vinha de Porto Velho, mas era pouco, eram dez litros; não tinha esse armazenamento que hoje tem, de colocar na geladeira, no refrigerador, decantado, naquele tempo não (...). A doutrina era forte a respeito de cigarro e bebida, porque naquela época o pessoal fumava e bebia muito. Hoje em dia a maioria já chega sem fumar. Naquela época é porque o pessoal tinha costume, vinham do interior, aí fumavam pra espantar os mosquitos, e a cachacinha do lado.⁶³

Jonas Abud Neto de Jesus é acreano, nasceu no dia 04 de março de 1959, na cidade de Rio Branco, capital do Acre. É membro da UDV há 32 anos.

Eu cheguei na União do Vegetal no dia 27 de outubro de 1983, esse ano inteira trinta e dois anos de União. Eu vim convidado pelo o irmão Davi, ele já era sócio da União do Vegetal. Mas quando eu cheguei na União do Vegetal, que ele me convidou, eu não tinha essa coisa de espiritualidade, de querer evoluir espiritualmente não, eu estava procurando um lugar para eu deixar de beber, deixar de fumar, porque eu não conseguia mais parar de fumar, de beber, de injetar coisas na veia. Eu vivia buscando um lugar onde eu pudesse largar as drogas ilícitas que eu usava, e aí foi com esse objetivo que eu cheguei na União do Vegetal. Eu não cheguei assim: ah, porque é um caminho espiritual... eu não tinha nada de espiritualidade não, eu era muito racional, muito cartesiano. Aí, quando ele me convidou, foi um dia de quarta-feira, que era para atender um secretário de Estado, era o secretário Rubens Branquinho, me parece que ele era secretário de obras; aí foi um dia de quarta-feira com a sessão dirigida pelo Mestre Luiz Máximo, no Núcleo, e essa pessoa veio convidada

⁶³ Rômulo, entrevista realizada em 21 de junho de 2014.

pelo Conselheiro Alberto Furtado. Aí nessa primeira sessão que eu bebi o vegetal... eu quando cheguei em casa joguei a carteira de cigarro fora e não quis mais saber de fumar, naquele dia eu parei de fumar, na primeira vez que eu bebi o vegetal. Ninguém me doutrinou, nem nada, mas eu encontrei uma força, que eu não sabia de onde vinha, hoje eu entendo, mas naquele momento eu não entendi, eu parei de fumar! Aí ia ter outra sessão, no final de semana, aí eu pedi para o mestre para eu ir, aí ele disse: pode ir! Foi em um sítio, no sítio do Mestre Edivaldo. Aí eu fui e me senti bem na sessão. Aí eu fiquei sabendo que ia ter uma sessão no dia primeiro de novembro de 1983, no Núcleo, aí eu cheguei para o seu Luiz e disse assim: o senhor deixa eu participar da sessão? Aí ele disse: "não, senhor! O senhor pode participar se o senhor se associar". Aí eu pensei: rapaz, é o seguinte, eu vou me associar e seu eu não gostar, não vou mais. Isso era o meu pensamento. Aí eu fui lá na casa dele, me associei e estou até hoje na União. Aí no dia primeiro de novembro do ano seguinte, em 1984, eu fui convocado para o Corpo Instrutivo, eu tinha uns vinte e quatro anos, por aí; eu, o Gilvan e a Fátima Nobre fomos convocados. Aí, no ano de 1990, eu fui convocado para o Corpo do Conselho, em 1991 eu fui convocado para o Quadro de Mestres e, em 1997, para a Representação do Núcleo, e isso sem falar também nos cargos de diretoria que eu ocupei. Aí eu comecei a entender depois de um tempo o que é esse caminho da União do Vegetal, naquele princípio eu não tinha ideia do que era um caminho espiritual. Eu estava ali, estava bebendo o vegetal, estava me sentindo bem e tal. Aí depois eu fui começando a entender, quando fui convocado para o Corpo Instrutivo. Aí depois que eu fui convocado para o Corpo Instrutivo, passei quase seis meses sem assistir a sessão instrutiva, porque assim... quando eu cheguei na União do Vegetal eu era namorador e às vezes na sessão eu não estava presente, aí o mestre teve paciência comigo, aí até que eu recebi o primeiro ensino. Aí comecei a levar mais a sério a União do Vegetal, entender o que é, aí comecei a buscar essa espiritualidade que eu não sabia até o momento, não tinha ideia nenhuma. Aí, em 1986, construí minha família dentro da União do Vegetal, casei com a Elizalda, em 1986, e, em 1987, nasceu a Ariana. O Núcleo João Lango Moura foi fundado em 1981, aí eu cheguei em 1983, não tinha muita coisa construída. Os terrenos que a gente tem hoje, naquela época ainda não tínhamos, tinha só um pedacinho, aí fomos comprando aos poucos. Eu acompanhei tudo isso aí, as compras dos terrenos, as construções de alvenaria... na época que eu cheguei só tinha o templo mesmo, de alvenaria já, mas as outras dependências era tudo de madeira. Aí teve um ano que eu fui presidente do Núcleo, aí nós tínhamos um ônibus, que transportava os irmãos para ir a sessão, ia nos pontos buscar as pessoas. Aí na época que eu fui presidente, o Maciel trouxe a ideia de vender o ônibus e com o dinheiro do ônibus a gente construiu o refeitório, aí nós vendemos o ônibus por oito mil reais, e quando entreguei a presidência do Núcleo tinha esse dinheiro, aí o Maciel foi eleito presidente e com esse dinheiro construiu o refeitório (...). A gente ainda não

tinha essa percepção de criar o centro de Memória para guardar a memória do Núcleo. A memória praticamente era oral, porque não tinha nada escrito. Aí teve uma época que nós resolvemos escrever um livrozinho. Nós pegamos as atas do Núcleo, com as datas principais e fomos construindo o livro, foi até criticado por alguns, mas esse livro circulou, distribuimos para algumas pessoas. É o que eu lembro, assim fora as atas. Começamos a fazer um trabalho, assim muito artesanal. Antigamente tinha uns quadros, de um lado e outro, mas só que era muito grande. Hoje em dia a Sede Geral determinou que dentro do tempo tem que ter a foto do Mestre Gabriel, do fundador do Núcleo e do presidente. Aí criar um Centro de Memória para guardar a memória do Núcleo. A gente não tinha tanto essa percepção, mas na época que eu cheguei também não tinha tanta gente formada, eram mais trabalhadores, funcionários... Na época que eu cheguei, chegou um advogado, que era o Mestre Edson Carneiro, depois chegou o Gilvan, que era doutor, aí tinha o Alcides Pinhalva, que era Engenheiro Civil, que auxiliou muito na questão dessa organização. O Gilvan era muito organizado também. Aí começou a chegar pessoas com ideias diferentes, aí foi dinamizando as coisas (...). A memória, eu vejo como uma ressignificação de acontecimentos passados e do presente também, e essa abordagem pode ser feita oralmente, pode ser escrita. Acho importante a existência do Centro de Memória, porque, como dizem muitos autores, a memória oral é muito falha. Por exemplo, você hoje tem vinte e cinco anos, você tem a memória lúcida, mas quando você chegar a cinquenta anos essa memória não vai está com a mesma lucidez, aí você vai omitir alguns fatos que aconteceram. O seu Luiz, na época, contava aquela história dele com detalhes, com mais propriedade, com mais firmeza, que hoje em dia ele não tem mais, está com setenta e cinco anos. Então, eu acho que é necessário escrever, para ficar registrado. A gente vê que ao longo do tempo da criação da União do Vegetal, desde lá do Rei Inca, que ainda nem existia a escrita na época, ela vem sendo oralmente, eu acredito que ao longo desse tempo se perdeu muita coisa. Nessa encarnação do Mestre Gabriel ele recordou, mas também as pessoas que chegaram na União do Vegetal, na época do Mestre Gabriel, eles não tinham estudos. Tinham pessoas que bebiam, que fumavam. Hoje em dia têm muitas perguntas que os mestres não respondem, porque não fizeram essas perguntas para o Mestre Gabriel. Então a história oral, nesse sentido, é muita falha. Às vezes a gente tem que ter o momento para colher as informações, para as pessoas falarem, principalmente as pessoas que a gente não conhece, porque às vezes a gente quer tirar algumas informações delas, aí a gente tem que preparar todo o ambiente, porque só em a gente falar que quer fazer uma entrevista com elas, aí já vai omitir um tanto de coisa, que tu vai ficar assim... então eu acho necessário. Hoje em dia já dá para a gente fazer isso, quando criar um núcleo, a gente fazer os primeiros registros desde o início... levantar a primeira pedra fundamental, começar a fotografar, a registrar em vídeos e tudo. Eu fui responsável por uma Distribuição de Vegetal

lá em Goiânia, que hoje é o Núcleo Rainha da Luz, e quando nós começamos a criar já nomeie um fotografo profissional, para ele registrar todos os acontecimentos, e outra pessoa para escrever, e hoje ele tem tudo escrito. Eu acho que a utilidade do Centro de Memória é mais interna, das pessoas da União do Vegetal, que segue. Porque, por exemplo, a pessoa que segue o espiritismo de Allan Kardec, na Federação Espírita, a gente não vai convidar ela para visitar o nosso Centro de Memória, porque ele não vai acreditar, principalmente porque o chá, ainda hoje a gente sabe que tem pessoas que têm preconceitos com esse chá, que acha que é uma droga (...). Tem que ter alguma coisa que chame a atenção para poder prender os discípulos, assim, ter imagens, que imagens chamam a atenção, colocar de uma forma assim... porque as pessoas já têm aversão à leitura, aí já chega no lugar com aquele monte de livros, elas não vão querer ler, tem que ter umas coisas mais práticas. Então, o Centro de Memória do Núcleo Belo Jardim, por exemplo, eu achei que as pessoas foram bem criativas, fizeram painéis, que vai mostrando ali os mestres do início lá, e a gente pode fazer uma sequência nisso aí até os dias de hoje. Então o Centro de Memória serve mais para a gente. Por exemplo, para guardar a memória para aqueles que estão chegando na União do Vegetal, que ainda não conhecem bem a história e para a gente não ficar repetindo em tantas sessões a historia de como foi criado, aí tem aquele Centro de Memória para os que não estão entendendo, ir lá ler. Uma vez eu ouvi o Jucelino falando que esteve em um Centro de Memória, eu não sei se foi no Ceará, diz ele que é o Centro de Memória mais moderno e mais bonito que ele já viu, tem até fone de ouvido para a pessoa chegar e ouvir. Então eu acho que a forma auditiva é muito boa para a pessoa ouvir as coisas. Porque assim... a história do Centro de Memória na União do Vegetal ainda é uma coisa artesanal, não tem assim um modelo, cada núcleo faz do jeito que convém. Eu acho que devia ser padronizado, devia ser criado o Centro de Memória e se reunirem periodicamente, para dinamizar, elaborar um projeto com formas adaptáveis a cada realidade, porque, por exemplo, tem coisas que lá em Goiânia dá certo, mas aqui não dá. Mas a gente ter o mesmo princípio: o Centro de Memória é isso e tal, agora vamos realizar de acordo com nossas possibilidades. Eu não sei como é que está agora esse Departamento de Memória da União do Vegetal. Agora eu acho assim, o Centro de Memória é o coração do Núcleo, é o registro histórico, porque é o seguinte: chega um momento que aquele Núcleo não vai comportar tanta gente e os fundadores muitas vezes saem e chegam as pessoas novas, que querem saber da história. Aí o Centro de Memória está ali para informar tudo direitinho, desde os primeiros passos do Núcleo, é por isso que hoje em dia está mais fácil quando vão criando os Núcleos, porque aquela época o seu Luiz era um comerciante, ele não tinha muita facilidade com leitura, algumas coisas foram criadas bem depois, as pessoas foram chegando, historiadores e outras pessoas, porque antigamente tinha uma cultura aqui na União do Vegetal de que a gente não precisava ler não, porque o vegetal ensinava tudo e as

peessoas, muitas, cresceram nessa dinâmica. Então hoje, a gente vê, nos núcleos da União do Vegetal, os mestres incentivando as pessoas estudarem, a se formarem, antigamente não tinha isso. A oralidade era bem mais presente, mas a gente sabe que a oralidade também tem essa coisa... você ouve uma coisa aqui, você entende de um jeito e a outra pessoa entende de outro jeito, porque a compreensão dela é diferente da sua, e a escrita não, você ler aquilo ali de manhã, ler à tarde é do mesmo jeito, ler à noite é do mesmo jeito. Aí a oralidade tem essas vulnerabilidades. Na União do Vegetal é a oralidade que prevalece, mas a gente vê que hoje em dia tá mudando essa mentalidade na União do Vegetal, porque você já vê que já foi escrito aquele livro: “O mensageiro de Deus”, “Consolidações das Leis”, “Fundamentos e Objetivos da Hoasca” e outros, e tem os “Altos Falantes,” eu tenho uma coleção de “Altos Falantes”, desde o primeiro número, tem entrevistas com todos os mestres do Conselho da Recordação. Então é uma memória escrita, aí não dá mais para sair dali, porque o que eles falaram está ali. Aí tem essa vulnerabilidade, de você ouvir um depoimento aqui, a pessoa falar, aí você pensar: isso não está certo não, porque eu ouvi assim, assim... Aí muda, fica assim um pouco com uma memória distorcida daquela informação. Então a memória escrita ela é mais precisa, porque está com os dados ali e a gente pode pegar as informações que a gente quiser e anexar ali, dizer quem foi que falou, a pessoa vai ler e vai saber quem foi que escreveu aquilo ali, e com um tempo às vezes a gente perde isso. A oralidade prevalece na transmissão dos ensinamentos, a memória social do cotidiano, que a gente chama de memória evanescente, que são as memórias que ficam esquecidas e o objetivo dessa memória é trazer para o presente determinado período da história. Aí a gente está reconstituindo aquele período, é uma reconstituição, uma ressignificação dos dados, das vivências. Agora eu acho que o Centro de Memória não pode ser que nem uma biblioteca cheia de livros, porque a pessoa já chega com medo ali. O objetivo do Centro de Memória é reconstituir a história do Núcleo, dos acontecimentos. O que tem que ser feito é o seguinte: as coisas de uma forma objetiva, que a pessoa já chegue ali e já veja o título União do Vegetal, os objetivos, os fundamentos, para chamar a atenção da pessoa, porque o Centro de Memória é para ativar, na pessoa, a ressignificação dos acontecimentos, então a gente tem que chegar ali e ter uma objetividade para a gente. Eu era historiador quando cheguei na União do Vegetal e nem sabia, porque eu vivia acumulando coisas. Mas da mesma forma que a oralidade tem as falhas, a escrita também tem, porque assim, muitas vezes a gente está escrevendo uma informação da pessoa e a pessoa está sujeita a omitir alguma coisa, por alguma situação dele, está sujeito a não dizer algumas coisas com medo de se comprometer. E às vezes também, por exemplo, é o que a gente chama, na história, de neutralidade, que a pessoa que escreve ali, o certo mesmo é ela ser neutra, mas ele tem a interpretação dele, porque ele é o autor, muitas vezes está até sujeito escrever alguma coisa ali que não é a realidade daquilo ali, quando na realidade a

gente tem que escrever o que aconteceu o mais próximo possível da realidade e omitir os nossos depoimentos a respeito daquilo ali, a gente pode colocar algum depoimento no final, nas considerações finais, que a gente vai dizer o que a gente entendeu, o nosso olhar, mas naquele momento ali você tem que ser neutro. A história do seu Luiz, por exemplo, você não vai poder botar nada em cima da história que ele está contando, porque ele está contando a história dele ali, o que você colocar é por sua conta. Então a escrita também tem essas coisas. O que possibilita a escrita ser bem consistente é você fazer mais de uma pesquisa, três ou quatro, aí você vai comparando, a primeira da segunda, da terceira e da quarta, vai ter alguma daquelas que vai bater ali, aí você pega aquela que está mais próxima. Eu quando faço uma pesquisa, faço mais de uma entrevista, porque só uma entrevista às vezes a gente não tira aquilo que a gente quer, muitas vezes está sujeito a não tirar uma coisa verdadeira também, aí você faz uma, faz outra, aí dentro daquelas quatro ali, você vai ver que tem uma que está mais ou menos parecida com a outra... então tem isso também. Você não pode escrever a primeira entrevista que você faz, você pode fazer uma citação, escrever alguma coisa e diz que de acordo com fulano, por exemplo, aí você faz uma citação embaixo. Eu fiz um curso de fotógrafo, aí comecei a fazer fotografias, aí quando eu terminei o curso de fotógrafo, me convidaram para trabalhar no jornal, aí comecei a fazer em casamentos... eu acho que eu sou uma pessoa das que mais tinha foto, porque eu fazia muitas fotos lá do João Lango Moura, aí quando eu me separei da Elizalda, perdi muita coisa, mas ainda tenho muita coisa também.⁶⁴

Manoel da Cunha Lima é acreano, nasceu no dia 23 de dezembro de 1949, na cidade de Rio Branco. É membro da UDV há 42 anos.

A Arlete é prima do Luiz Máximo e foi criada pela mãe dele. Ela bebia o vegetal, mas quem me convidou para conhecer a União foi o seu Aquiles, o pai dela. O seu Aquiles ficava martelando: “vamos hoje?” Quando era dia de sessão, eu saía fora, saía e ia dar uma volta, enquanto ele não ia pra sessão, que era para não ficar me chamando. Na realidade, quando eu bebi o vegetal pela primeira vez foi em 1973, lá no seu Luiz, a gente bebia lá na casa dele, num quarto que tinha lá nos fundos, lá atrás da casa do Expedito. Aí então, quando concluiu a sessão o seu Luiz disse pra Arlete assim: “olhe, você está gestante”. Aí ela disse: “mas tio!” Aí quando foi com nove meses a Marlete nasceu. Foi uma coisa assim que me chamou a atenção. Daí então, quando eu retornei de novo, já foi no dia 25 de agosto de 1980. Aí eu disse: Arlete, hoje é aniversário do Luiz? Aí ela disse: “é”. Então eu disse: e porque a gente não vai pra lá? Aí ela disse: “vamos!” Aí pegamos os meninos e botamos no ônibus e fomos. Quando chegamos lá, era um preparo de vegetal, isso lá na fazenda

⁶⁴ Jonas, entrevista realizada em 21 de junho de 2014.

Varandão, aí ele distribuiu o vegetal, e aí eu perguntei para ele: Luiz, será que eu vou ver alguma coisa hoje? Aí ele disse: “hoje você não escapa!” Aí eu disse: meu Deus do céu! Aí sentei em uma rede e a Arlete sentou do outro lado. Ocorre que eu disse: Arlete chama o Luiz, porque tá muito forte! Aí ela ia lá, chamava ele, aí de novo eu pedia... aí ela dizia assim: “mas ele saiu daqui ainda agorinha, rapaz!” Aí eu disse: mas chama outra vez! Dali então, quando passou o efeito, eu senti assim dentro de mim que eu tinha nascido ali. Não é que eu nasci biologicamente, mas sim para a vida espiritual, porque o que eu vi, o que havia me mostrado foi um negócio assim fantástico, espetacular. Daí então eu comecei a me modificar. Ah, eu era uma pessoa extremamente bruta! Aí eu comecei a fazer esse trabalho dentro de mim, me modificando, procurando entender o outro, mesmo o outro estando errado. Eu pude entender que nós devemos buscar a causa e não se apegar no ato, sabemos que todos os seres humanos são passíveis de erros. Então se a gente buscar a causa: “por que você fez isso?” Aí eu baixava a cabeça e pensava: meu Deus, tu tem como ensinar tudo isso aí. Aí, daí então, isso foi o ponto chave da minha chegada na União, porque me sentia renascer e porque tinha uma convivência mais humana. Aí saímos da sessão. Ah, tem um ponto fundamental também: eu fumava duas carteiras de cigarros por dia, aí quando amanheceu o dia aquele negócio começou a me enjoar, aí quando cheguei em casa eu disse: Alerte, a partir de hoje eu não fumo mais! Aí ela disse: não acredito! Então, daquela data para cá, já está com trinta e três anos, eu deixei de fumar, não fui a médico nenhum pedir um remédio, em psicólogo, nunca fui. O próprio vegetal me mostrou que o que eu precisava era de uma palavra! Então isso é gratificante. É por isso que estou até hoje na União do Vegetal. E por quê? Pela palavra de Deus, o mestre superior que a gente tem. Isso fortalece a gente, tá fortalecendo sempre, sempre, sempre. Aí então nós começamos a frequentar lá na casa do Luiz, na Quintino Bocaiuva, aí depois nós descobrimos que estavam vendendo esse terreno aqui, aí nós dizíamos: “vamos comprar, vamos comprar!” Mas como? Sem ter dinheiro? Era pouca gente no início, mas era uns irmãos aguerridos e fortes. Aí nós dizíamos: vamos dar um jeito! Aí vendíamos bolo no estádio, churrasco, refresco... nos dias de jogos ou em qualquer atividade que o Estado fazia, como na Exposição, que nós passamos um tempão. Ali ao lado do Palácio tinha aquelas feirinhas, aí a gente ia lá ganhar um dinheirinho. E hoje a gente ver que a casa está pronta mesmo. Às vezes chega uma pessoa assim, que não viu o trabalho das pessoas do início, aí vai querer dar um ponto onde não cabe. O ponto que cabe é a pessoa auxiliar. Foi muito trabalho, mas todo mundo feliz! E a minha retribuição à União do Vegetal foi onde estive vinte cinco vezes em cargos da Diretoria. Eu acho que não tem uma pessoa aqui na região que chegue próximo disso, de ser Presidente, Vice-Presidente, tesoureiro... eu só não exerci a função de secretário, mas as demais foram todas. Eu considero como uma retribuição que eu estou dando a União do Vegetal e para as pessoas também. Sei que

aprendi muito aqui dentro, principalmente na parte de contabilidade, apesar de eu ser um leigo, mas se eu chegar a um balancete aqui nosso, eu não vou nem começar pelo começo, já vou logo para o final e já começo a sentir se está batendo ou não; eu já tenho a noção. Espelho de banco, por exemplo, tem que bater, centavos por centavos. O que foi pago, o que não foi pago, o que foi descontado... uma coisa que eu tenho sempre em meu coração é essas coisas boas que a gente recebe de Deus, a gente deve sempre permanecer, até pelo resto de nossa vida. As coisas boas que a União do Vegetal traz pra gente, inclusive, até a saúde... como o que venho recebendo com o tratamento que estou fazendo, que venho tendo resultado. Isso tudo é fruto da União do Vegetal. Fruto da palavra, porque tudo vem pela palavra. E nossas práticas tem que se parecer com a palavra. Temos que ser cumpridor de nossas próprias palavras. A palavra memória, se nós nos ligarmos nos mistérios das palavras, memória quer dizer: em mim mora. Em mim mora alguma coisa. E isso é todas essas coisas que a gente recebe, que a gente aprende. As experiências do dia a dia e de modo geral, a gente guarda essa memória. A memória é como se fosse assim um supercomputador. Você vê que às vezes é tanta coisa na nossa cabeça, que a gente diz assim: "rapaz, tu tá se lembrando de tal data?" Aí a gente para uns minutos e a memória já começa a trabalhar, aí a gente lembra que foi tal dia. Então quer dizer, tá tudo na nossa memória. É um lugar que é muito importante de a pessoa conhecer mais. O Centro de Memória, por exemplo, é onde estão as relíquias do núcleo, mas precisar do quê? De pessoas dedicadas, que faça uma preservação com carinho e dedicação, porque tudo que tem ali dentro foi um trabalho feito principalmente pela irmandade que chegou primeiro, de toda essa organização que vocês estão vendo, isso faz parte do núcleo. Sempre vejo uma boa quantidade de irmãos lá. São registros importantes, porque às vezes até coisas que a gente não lembra tá lá registrado em alguma coisa, em atas... Eu também gosto de fazer isso comigo, de pegar sempre as atas anteriores para saber o que aconteceu em 2014, 2013, 2010... tudo isso aí está dentro dessa forma de preservação. Inclusive, quando chegam pessoas de outros núcleos, eu vou lá sempre para mostrar... tem uma importância muito grande. Mudou muita coisa do início para cá. Hoje mesmo as pessoas dizem assim: nós estamos em outro momento, em outro tempo, aquele momento já passou. Isso eu não entro em questionamento, mas eu devo falar porque eu sinto, eu tenho direito de falar o que eu sinto. Aí você ver: a bíblia diz que diante de Deus não passará nenhuma vírgula, ele não põe nem a palavra, é só um pontinho ali. Então, diante disso o que é que está faltando para melhorar na irmandade? Muitas coisas, porque quando eu cheguei o ritmo era outro, a convivência... mas aí entra o fato de que era pouca gente, é fácil você comandar vinte, trinta pessoas, do que você ir comandar cem, cento e cinquenta ou cento e oitenta pessoas. Mas diante disso, todos tem que ouvir o que é que alguém está falando, porque o objetivo da União do Vegetal é que ela trabalha no seu desenvolvimento espiritual, e para gente se

desenvolver espiritualmente, precisa de um trabalho, uma dedicação, ser uma pessoa que diga assim: “meu projeto é esse!” Eu vou fazer esse meu projeto, porque é um projeto bom e a justificativa é boa. Aí vem a outra parte que é fundamental, que é a nossa guarnição, porque a minha arma maior é Deus! E como é? É o nosso praticado, o nosso coração limpo, o abraço fraterno, o abraço de irmão para irmão, sem malícia nenhuma, sem interesse nenhum, é aquele abraço de você se sentir bem e a outra pessoa também, de ver o irmão feliz da vida, aí você se sente feliz também. São coisas assim que mexem com a gente e quando mexe, a pessoa se transforma. Eu perguntei para o mestre Herculano a respeito do vegetal daquela época, aí ele disse assim: “olha, o vegetal é misterioso”. Alguma coisa está acontecendo, porque o vegetal tem que ser assim: desde o início da preparação lá na floresta até cozinhar, tem uns mistérios, e outra, aquela burracheira forte que a gente sentia no início, não era brincadeira não, era uma coisa assim de mostrar a realidade, realidade com letras maiúsculas, a realidade do que é a pessoa que se dispõe a seguir a Deus. Tem que fazer toda uma transformação dentro de si, para poder alcançar. Por exemplo, você entra na universidade, você faz provas, faz trabalhos, faz o que o professor mandar, para você poder desenvolver o seu projeto material. Então, quando a gente põe em foco isso, fica mais fácil, fica muito mais fácil. Agora tem que colocar dentro de si a palavra querer! Dizer: eu quero fazer isso. Dizer uma palavra que abre as portas. Como a gente sabe que tudo vem pela palavra. A palavra é que traz tudo.⁶⁵

Raimundo Alexandrino de Oliveira é acreano, nasceu no dia 12 de outubro de 1958, na cidade de Brasileia. É membro da UDV há 39 anos.

Eu cheguei na União antes da compra do terreno. Quando eu cheguei tinha oito pessoas, o Luiz, a Odaíza, o Alberto, o Zé Bofea, a Otilia e outros que eu não estou lembrando agora. Desde a primeira vez que eu bebi o chá, foi marcante para mim. Foi uma burracheira boa. Naquele dia, o Zé foi tratar de uma asma que ele tinha. A Odaíza que me chamou. Eu estava até com febre, aí ela disse: “Raimundinho, quer beber o vegetal?” Aí eu disse: é chá, é? Aí ela disse: “é”. “– Vamos ali com o Luiz”. Aí eu fui lá no quarto, ele estava sentado na mesa, com o Zé do lado, aí eu disse que queria beber. Aí bebi. Naquele tempo era na época da ditadura militar, em 1976, aí não podia fazer muito barulho, era um quarto pequeno, aí ele fazia a chamada bem baixinho, e aquilo eu achava era legal. Era bem calmo, bem baixinho. Aí fiquei sentido aquela coisa legal, confortável. Era aquela coisa diferente, mas sem assustar, aquela coisa boa, porque eu estava com febre... Aí depois foi com o Zé Carvalho, no sábado, aí nesse dia eu baixei a cabeça na mesa e foi bem diferente. Eu tinha dezoito anos nessa época, isso em 1976. Aí fui para Brasileia, porque eu morava

⁶⁵ Manoel, entrevista realizada em 21 de junho de 2014.

lá, aí durante esse espaço que fiquei em Brasileia tomei umas cervejas. E trabalhando lá com meu pai. Meu pai ainda bebeu o vegetal e se sentiu muito bem. Era uma pessoa que tinha muita consideração pelo Luiz Máximo, gostava mesmo. Meu pai era católico, mas não era muito de frequentar a igreja, mas guardava a semana santa, não trabalhava na Semana Santa, Corpus Cristos também; a mamãe também. A gente ia para procissão, para a missa. Dia de domingo ela mandava a gente ir para a missa. É por isso que às vezes a Odaíza chora nas sessões, lembrando. Somos nove irmãos. Eu nunca vi meu pai discutir com minha mãe, nem falar alto. Ali que era coisa admirável! Dos nove, oito beberam o chá, o mais velho não bebeu, mas eu desconfio que ele bebeu, porque uma vez ele viajou para Boca do Acre e por lá os amigos dele convidaram ele para ir beber um Daime lá do outro lado do rio. Isso antes de o Luiz trazer o vegetal para o Acre, porque antes o que tinha era o Daime. Aí ele foi, diz ele que não bebeu, mas eu até suponho que ele bebeu, porque ele tinha um medo do vegetal, tinha um respeito, que eu acho que ele bebeu (...). Memória para mim é tudo aquilo que passou, a gente sempre gosta de relatar as coisas boas, e naquela época era muito bom, nas sessões era quantidade grande de chá, até as músicas eram diferentes, as músicas vinham de acordo com a força, com a direção da sessão. A burracheira era diferente, porque era mais vegetal, era mais silêncio. A gente que é daquela época ver muita coisa diferente. Tem coisas que, mesmo dentro de uma reunião de diretoria você resolve com cinco palavras. O Mestre Gabriel era um homem inteligente. A convivência entre os irmãos era diferente, porque a gente bebia uma quantidade de vegetal e tinha aquela concentração, aí a gente via as coisas muito claras, de olho aberto ou fechado. Naquela época era muito animado! Pela quantidade de vegetal que a gente bebia, não dava nem para ter encrenca ou ter um falando do outro. Aí quando a gente comprou esse terreno aqui, dia de domingo a gente vinha para cá, aí um trazia um quilo de carne, outro trazia macaxeira (a gente assava aí), trazíamos farofa, suco, refrigerante, aí depois a gente ia arrancar mato com as mãos. O sol quente, uma hora da tarde e a gente aqui arrancando mato com as mãos, porque se fosse cortar ia ficar um toco embaixo aí ia nascer de novo. Era um mato que chamam de relógio, duro que só! Aí depois a gente ia para casa feliz (...). Em toda religião é bom ter um centro de memória, para fazer os registros históricos, para saber quem foram os primeiros. Mas precisa que as pessoas que chegaram há pouco tempo querer visitar mais, procurar saber, estudar mais isso aí. Por isso aí, eles podem até ter mais consideração pelos que chegaram primeiro. Acho que está precisando conhecer mais e ter mais consideração por essas pessoas que trabalharam para comprar aqui esse terreno. Porque ninguém sabe o que leilão americano. Quem é que sabe? A gente levava uma galinha, lá para a casa do Luiz Máximo, e às vezes levava um pudim grande, e lá a gente fazia esse leilão americano para arrecada dinheiro para a compra do terreno. Aí ficávamos: “quem dá mais? Quem dá mais?” E aquele que ia dando o lance, ele dava mesmo! Não é

que o lance do outro matava aquele não. Eu dizia assim: eu dou dez reais; aí outro dizia: eu dou quinze; aí eu dava os meus dez. Aí depois todo mundo comia. As irmãs faziam bolo, aí a gente vendia enfrente ao estádio. Era bolo, suco, cachorro quente... Aí tinha a Expoacre, aí nós íamos para lá, e quando terminava o movimento, ficava um de vigia lá, para não mexerem nas coisas, até a nova equipe chegar. E assim foi desenvolvendo. Outra coisa que a gente fazia também era pedir auxílio, a gente ia na cerâmica Flor de Maio, no Frigorífico do Betão, ele dava um quarto de boi. O dono da Flor de Maia dava dois ou três milheiros de tijolos; íamos em outro canto, aí alguém dava o cimento. A gente batalhava para construir. A gente ia buscar lenha longe. Passávamos o domingo todo trabalhando. Aqui era lotado de lenha. Dava para ano todinho. Só lenha boa! Aqui tinha ônibus, nós compramos um ônibus do SESC. Antes do núcleo, a gente ia para a Fazenda Varandão. Era quatorze quilômetros. Eu dormia lá às vezes e vinha de manhã, no ônibus que vinha de Porto Acre. O Luiz Máximo dava quatro ou cinco viagens no carro dele, à noite, para deixar o pessoal. Só quem tinha carro era ele e meu irmão Zé, no começo era só o dele, aí depois o Zé comprou uma Brasília. O do Luiz era um Passat. O Luiz tinha vontade mesmo de criar. Naquela época a gente ganhava pouquinho, mas ele já tinha uma condição maior e fazia as coisas com carinho para as pessoas.⁶⁶

Rosa Maria de Messias Alves é acreana, nasceu no dia 09 de junho de 1958, na cidade de Cruzeiro do Sul. É membro da UDV há 36 anos.

Quando eu cheguei aqui em Rio Branco, em 1979, o Gonzaga já estava na União, já era sócio. Eu já namorava com ele. Aí eles bebiam o vegetal lá na Casa Phebo e na Varandão, que era a Fazenda do Mestre Luiz Máximo. Aí quando eu cheguei na União, o Mestre Luiz tinha recebido a camisa de representante, acho que não estava nem com um mês que ele tinha recebido a camisa, ainda não era núcleo. A gente bebia vegetal na Casa dele e na Fazenda. A primeira vez que eu bebi o vegetal, o Mestre Luiz que dirigiu a sessão; a segunda vez, foi com o Mestre Paixão; e a terceira foi com o Mestre Zé Pereira. O Mestre Zé Pereira vinha de Plácido e dirigia a sessão aqui. Aí a gente ia para a Varandão. Ainda não tinha nem o terreno do núcleo, depois foi que eles compraram. Eu estava solteira ainda quando eles compraram o terreno. Eu morava lá na Casa Phebo. Aí, quando eu casei, eles já tinham construído o núcleo de madeira, o primeiro. Só que eu não ia muito para lá, porque a Sama era novinha. Eu casei em fevereiro de 1981. Casei no cartório, porque naquela época ainda não faziam casamento na União. Aí o Mestre Paixão veio para ser nosso padrinho, Mestre Paixão e Conselheira Odaíza. Aí o casamento foi lá no Fórum, depois teve o almoço lá na Odaíza e à noite teve sessão. Mestre Paixão dirigiu a sessão, e foi tanta

⁶⁶ Raimundo, entrevista realizada em 21 de junho de 2014.

burracheira nesse dia. Depois construíram o núcleo. Sei que eles compraram os terrenos, inclusive o Gonzaga comprou três, lá próximo, mas aí deu um para o Gilvan quando ele casou e os outros dois não sei o que foi feito. Mas não sei bem como foi, porque eu ficava mais em casa com as crianças. Para conseguir o dinheiro para comprar o terreno, a gente ia para a feirinha do Sebrae, montava a barraca da galinha picante, com vatapá, arroz e bolo. Menina, todo domingo a gente trabalhava e não era brincadeira não! Aí também em uma feirinha que tinha próxima ao estádio, a gente colocava lá e na Expoacre também. Era pouca gente para trabalhar e a gente dava conta! Chegou o Edivaldo, o Edson Carneiro, a Geni, que era casada com o Edvaldo. Aí depois de construído chegou a Siglia, a Ildinha, já tinha o templo de alvenaria. Para mim uma das coisas mais marcante daquela época era a burracheira; era bem mais forte. Era peia que não era brincadeira! Só ficava na União quem era para ficar mesmo, porque não era brincadeira. Era muita doutrina, trazida pelo Mestre Luiz Máximo. Aí vinha o Mestre Paixão, o Mestre Braga, só ensinamento. Foi uma época assim, muito boa. Depois das sessões a gente lanchava, cada um levava uma coisa. Saímos de lá de madrugada, e só saímos depois que deixávamos o salão limpo. A Odaíza tinha as meninas pequenas, aí no início todo mundo ia embora e a sala ficava suja. Mas se você visse a paciência que a Odaíza tinha, que eu acho que eu não teria. Mas ela nem ligava. Aí naquela época, nós bebíamos muito vegetal. A semana quase toda tinha sessão. Era para atender uma pessoa que estava doente... O Mestre Luiz fazia sessões de cura, para atender pessoas que estavam doentes. Aí depois foi que não pôde mais fazer esses tipos de sessões. Aí um dia ele falou que todos só iriam sair depois que deixássemos tudo limpo. Aí depois da sessão a gente limpava; três horas da madrugada a gente baldeando a casa. E no outro dia o Mestre Luiz tinha que acordar cedo para ir trabalhar. Trabalhava na loja. No outro dia todo mundo com sono. Isso, quando tinha sessões durante a semana, que ele fazia para atender as pessoas. Naquela época bebíamos mais vegetal. A nossa vida era essa, trabalho, casa e União. Toda noite as pessoas iam à casa do representante. O Gonzaga toda noite ia lá, só para conversar. O pessoal visitava muito a casa do seu Luiz, mas ninguém ia de bermuda para a casa dele, camiseta, shorts, porque a gente não via ele assim. Para receber as pessoas, se ele tivesse de bermuda, ele ia vestir uma calça. Ninguém nunca via ele de bermuda ou sem camisa e barbudo. Todo dia ele tirava a barba. Era o espelho dos discípulos. Aí ele tinha como doutrinar; aí podia falar a respeito de bermuda, shorts e blusinhas de alcinha. Na União a gente não ficava de calça legging, nem bermuda. Era calça comprida, saia ou bermuda, mas abaixo do joelho. Nem para tomar banho na piscina não podia usar biquíni, era de maiô ou de roupa. Pintar as unhas... Ave Maria! Porque a gente tinha nascido assim mesmo. Não tirávamos as sobrancelhas. Hoje tá muito diferente! Na época que nós chegamos era assim, ninguém usava batom, nem pintava as unhas; depilávamos as pernas porque estavam cabeludas! Isso era por conta do respeito

que o Mestre Luiz sempre teve pela União. A gente bebia vegetal e rezava o pai nosso. Isso que me cativou, sabe! Porque antes eu era católica. Aí quando eu cheguei aqui foi que o Gonzaga me trouxe para conhecer a União. Na primeira vez que eu bebi o vegetal, levei uma peia e disse que quando eu saísse dali não voltava mais! Mas quando eu fui para casa, no outro dia eu já ficava pensando no chá. Aí tinha o Alberto, que é quem me dava força. Dizia os dias que iam ter sessão e no dia ia lá me buscar. Ele era da União, mas ia também no Daime. Chamou o Gonzaga para beber o Vegetal no Daime. Então, o primeiro copo de Vegetal do Gonzaga foi no Daime. Aí o Mestre Paixão vinha, aí eu ouvi ele falando uma vez para o Gonzaga, que ia chegar um Mestre. Aí quando o Mestre Paixão veio, aí ele foi, conheceu e gostou. Mas era aqueles discípulos fieis: o Alberto, Gonzaga, Toinha, Iolanda, a família da Odaiza (Mestre Januário, Raimundo Alexandrino, o Zé Bofea); a família da Clarice; o Airton. Tenho algumas fotos da época, mas acho que não foi registrada a data que eu bebi vegetal pela primeira vez. Vou até procurar saber. Porque antes não anotavam. Aí depois que o seu Luiz colocou a Odaiza para pegar o nome da pessoa e anotar, aí começou a organizar. Não lembro o dia que bebi, só lembro que foi em 1979, na Varandão, e que estavam falando que o seu Luiz tinha recebido a camisa com a estrela de Mestre, e que foi aquela festa. Aí passei uns meses sem ir, quando foi em dezembro voltei a beber o vegetal, que foi até com o Mestre Zé Pereira. Eu achava que a gente só sentia burracheira com o Mestre Luiz Máximo. O Mestre Zé Pereira era bem pobrezinho, bem pretinho, todo rasgadinho, todo sujo, e vinha com aqueles sextos nas costas, com as coisas deles. Menina, nesse dia foi tanta burracheira, mas foi peia. Aí eu reconheci o valor do Mestre Zé Pereira. Vi que as coisas mais simples são as coisas melhores. Que essas coisas boas que a gente recebe vem da simplicidade. Eu senti nele, pela simplicidade dele o tanto de conhecimento que ele tinha. Era seringueiro e analfabeto, e naquela a simplicidade dele me ensinou. Aí eu pensei: meu Deus, nem tudo aquilo que a gente pensa é o que é. A gente pensa uma coisa, acha que é, mas não é. Aí eu ficava: meu Deus como é que pode! Porque eles explicavam que o chá era feito da folha, do cipó, água e fogo, e a gente bebia e sentia tanta coisa. Sem ter nenhum livro para o Mestre ficar falando. Que nem a bíblia, que o padre ler e celebra a missa. E na União do Vegetal, a burracheira traz tudo pela memória. Aí eu comecei a reconhecer e valorizar o chá. Gente, e era tanta burracheira. A gente bebia um copo americano, as mulheres era um dedo para chegar na risca e os homens era na risca. Hoje eu não bebo o mesmo tanto, quando está perto de chegar na risca eu já mando tirar. Acho que hoje estou mais medrosa. Quando eu cheguei na União não sabia fazer nada, nem arroz eu sabia. Aprendi na União. Aí era eu, a Toinha, a secretária da Casa Phebo, tinha a sobrinha do seu Luiz Máximo, a Odaiza, que administrava, dizia o que era para cada uma fazer. E saía para resolver outras coisas e, quando chegava, já estava tudo pronto. No dia anterior à inauguração do Templo de madeira, fomos para uma sessão e após a sessão

fomos para a cozinha preparar alimentação para o almoço e para levar para a sessão, passamos a noite todinha acordada. Era pouquinha gente, mas rapidinho construíram. Só que eu não ia muito lá, porque a Sama era novinha e a gente não tinha transporte. Quando a Sama nasceu a gente estava bebendo vegetal no núcleo de madeira e não tinha berçário. Aí, no local onde hoje é a fonte do núcleo, fizeram um puxado e construíram o berçário lá. Aí eu comecei a ir mais para as sessões. Aí foi a época que o Edvaldo Carneiro chegou na União, aí ele levava a gente de carona, porque ele morava na Habitasa, aí passava lá em casa e levavam a gente. Porque no início, no início mesmo, quando a gente bebia vegetal na casa do seu Luiz, só quem tinha carro era ele, aí depois da sessão ele ia deixar o pessoal em casa. Se tivesse dez pessoas para levar, ele ia deixar todos. O pessoal ia para a casa dele, mas depois da sessão, fora de hora, não tinha como voltar para casa, não tinha ônibus. Aí ele saía só entregando o pessoal. Enquanto ele estava levando o pessoal, a gente ficava limpando; era eu, a Toinha, a Iolanda e a Maria José. Eu morava lá na Casa Phebo. Eu vim de Cruzeiro para morar com a Jujú e o Marciel, que eles tinham casado e vieram morar em Rio Branco. E eu já namorava com o Gonzaga, que já morava aqui em Rio Branco, na casa do Arquilau. O Alberto Furtado era muito amigo do Arquilau. E o Sérgio, primo do Gonzaga, já morava lá no Arquilau; aí o Gonzaga não tinha onde ficar, aí foi morar lá também (...). Aí fui morar na Hugo Carneiro com o Maciel e a Jujú. Aí um dia o Gonzaga me chamou para beber o vegetal, aí eu disse: vamos! Ele também já tinha chamado o Maciel, mas ele era muito mundano ainda, aí não ia de jeito nenhum. Aí quando o Gonzaga me chamou, aí eu vim para a sessão. Aí ele falou: não vai de roupa sem manga. Naquela época a gente não usava nem brinco na sessão. O relógio a gente tinha que tirar antes da sessão, para não fazer barulho. Foi tempo alto de burracheira. Aí depois da sessão o Zé Bofea foi me deixar na Jujú, porque era pertinho. Isso foi um dia de sábado. Aí um dia o Maciel disse assim: “vai comprar uma cerveja pra mim”. Aí eu disse: ah, vou não! Aí ele ficou insistindo, e eu com medo, porque a burracheira já tinha me mostrado um bocado de coisas. E ele dizendo: “vai, vai, vai”. Aí eu fui, com medo né! Aí entreguei a cerveja para ele. Aí ele disse: abre aí. Aí eu disse que não ia abrir, mas ele ficou insistindo. Aí eu fui abrir com uma faca, aí quase que rola o meu dedo. Então eu disse: olha Maciel, eu não compro mais cerveja para você! Aí depois eu conversava com ele: Maciel vamos beber o vegetal. Aí ele só fazia prometer. Isso eu ainda era solteira, morava com eles. Aí o Gonzaga já tinha chamado ele. Só que para o pessoal ele dizia que quem convidou ele fui eu. Mas o convite saiu do Gonzaga, mas só que eu ficava chamando. Aí no dia que eu casei, chamei ele para ir a sessão, mas só que ele não foi. Até que quando foi um belo dia, ele bebeu o vegetal. Só que ele não dizia que tinha sido o Gonzaga que tinha convidado ele, dizia que era eu que tinha convidado. Aí depois ele trouxe a Jujú, mas ela tinha medo de beber o vegetal, mas se associou, chegou na Instrutiva. Aí depois ela se afastou. Eu conheci a Jujú e o Maciel eu

tinha uns treze ou quatorze anos, lá em Cruzeiro do Sul. O Gonzaga eu conheci lá em Cruzeiro também. A gente namorou uns cinco ou seis anos. Minha mãe deixou eu vim morar com a Jujú, porque nós fomos criadas tudo juntas, então a gente se considera como se fôssemos da mesma família, minha família gosta muito dela e a família dela também gostam muito de mim, tinham a maior confiança em mim. Eu morava no seringal, fui morar em Cruzeiro tinha de doze para treze anos. Tenho uma irmã que já bebeu vegetal também, mas aí quando ela se juntou com um policial, aí ele não deixou mais ela ir. A mamãe também bebeu uma vez, quando ela veio aqui em Rio Branco. A minha família nunca ficou me xingando, dizendo que era droga, sempre respeitaram, porque eu também sempre dei bom exemplo para eles. Minha família é bem tranquila, não seguiram na União, mas são bem tranquilos. Mas parente eu tenho muito na União, lá em Cruzeiro do Sul. Mudou muita coisa do início para cá. A burracheira não é mais como era antigamente. Ali no João Lango Moura, em dia de festa, data festiva, era alto tempo de burracheira. E só ficava na União quem era pra ficar mesmo. E era todo tempo saindo uns e chegando outros. No João Lango Moura nunca ficou pouca gente, pode sair o que sair, mas sempre chega gente; sai dez e chega vinte. Rapidinho aumenta. Eu acho que é por isso que eu gosto do Núcleo João Lango Moura. Não tenho vontade de ir para outro núcleo. Foi ótimo quando as pessoas começaram a chegar no início, porque aí dividíamos os trabalhos. Se hoje o João Lango Moura é do jeito que é, foi por conta dos trabalhos, não era de pedido de doação dos irmãos não, era trabalhando, e feliz da vida! A nossa vida era só para nossa casa e para União do Vegetal. Todo mundo feliz, trabalhávamos porque gostávamos mesmo. Ninguém se escorava, também não tinha como se escorar. No início só quem dirigia as sessões era seu Luiz, aí sempre vinha o Mestre Paixão, foi quem mais dirigiu sessão aqui. O Mestre Braga vinha também, mas quem vinha mais vezes era o Mestre Paixão; Mestre Monteiro também vinha; Mestre Florêncio; Mestre José Carvalho. Naquela época, quando o Mestre Paixão vinha de avião... um tempo os irmãos conseguiram um ônibus, aí faziam camisetas para ir receber o Mestre Paixão no aeroporto, a maioria dos sócios iam, quase todas às vezes. Eu tenho foto, qualquer dia vou procurar, quando eu achar vou te mostrar. Tenho foto de quando estavam construindo o núcleo de madeira e de alvenaria. Uma vez a Odaíza pediu umas fotos e eu dei, porque a gente tinha repetida, né?! Mas quem tinha muita foto mesmo era o Maciel. Dizem que ele tinha muita foto, aí eu não sei se a Fátima doou. Quando vinham os Mestres antigos, alguns irmãos gravavam as Sessões Instrutivas, do Corpo do Conselho e do Quadro de Mestres. Naquela época, eles gravavam. O Gonzaga gravava; ele não perdia. Até conversando em casa mesmo, lá na Casa Phebo, ele ficava com um gravadorzinho, gravando as histórias. Quando ele tinha dúvidas, ele perguntava. E o Mestre Paixão com aquela paciência dele explicava. Eles eram assim, muito unidos quando eles chegavam. Aí toda noite eles iam visitar, sempre quando tinha mestres. Conheci o Alberto

ele ainda enxergava. Quando eu cheguei na União, ele ainda enxergava. Aí uma vez quando ele já estava na União, perdeu a vista, ficou cego, aí o seu Luiz realizou uma sessão, aí ele voltou a enxergar de novo. Maninha, o seu Luiz era assim: um dia ele marcou uma sessão de cura para um senhor, que não lembro se era amigo dele, que tava com barriga d'água, com um bucho por acolá, aí teve essa sessão. Aí ele chamou pouquinho gente. Tava eu, a Conselheira Antonia, a Conselheira Odaíza, o Mestre Luiz, o Gonzaga, o Mestre Januário; eu não sei se os irmãos da Odaíza estavam, eu também não lembro se o Alberto tava; sei que era pouquinho gente. O seu Luiz era assim: ele sentia quando a gente estava com o pensamento ligado só na saúde, sabe! E se não estivesse ele dizia: eu quero que todos vocês fiquem com o pensamento positivo, ligado na saúde. Aí a gente ficava ali, mas quando tinha alguém que não estava ligado com o pensamento ali, ligado na saúde, ele já falava. O mestre Luiz tinha um poder grande, ele curava mesmo. No início mesmo, eu vi gente ser curado na casa dele. Era forte! Tinha dias que na sessão de escala, a criança começava a chorar, chorava, chorava, sem parar, aí ele ia lá, ou então chamavam ele, aí ele rezava, e tinha criança que ficava vermelha, se esticava assim... gritando, aí ele rezava e passava o vegetal na criança, e às vezes dava um pouquinho, aí a criança parava de chorar (...). Eu quase não assistia as sessões por causa das crianças. Quando a Sama tinha um ano e quatro meses eu ganhei a Serena, aí levava as duas. Aí durante a sessão era uma rede de um lado e a outra do outro. Só ia para o salão depois das dez, ou onze horas, já quase para concluir a sessão. Não tinha quem cuidasse, naquela época era a gente mesmo. Ah, hoje está muito bom, porque tem as escalas dos pais. Naquela época cada um tinha que cuidar do seu. As mães de antigamente não dava para assistir as sessões, a gente perdia alguns ensinamentos, porque tinha que cuidar, e em casa não tinha com quem deixar, aí tinha que levar. Hoje eu digo: meu Deus, como é que a gente aguentava! Cuidar de menino, dá de mamar, de burracheira. Acho que hoje não faço mais isso não! Mas era legal. Era muito diferente. Até as pessoas de hoje são melindrosas. O mestre doutrinando, falava do vício, falava de tudo, aí tinha gente que dizia assim: eu não sou assim. Aí ele dizia: não estou falando com você, estou doutrinando para todos vocês. Aí tinha gente que queria que o mestre falasse: fulano está fazendo isso e isso, mas não pode! Tem que trazer a doutrina, aí cada um que colhe, se o chapéu sentar... Só sei que era muita dedicação que a gente tinha. Hoje eu estou muito folgada. Hoje eu reconheço que eu estou muito folgada! A Odaíza é que tem muita energia. Já disse mesmo para ela que não tenho a energia que ela tem. Ela sempre foi assim. E olha, eu nunca vi a Odaíza ficar falando das pessoas. Se chegasse uma pessoa dizendo: "aí fulano..." ela já cortava logo, e dizia: não, fulano não é assim... aí começava a aconselhar. Desde que eu conheço a Odaíza, que o jeito dela é esse, assim, tranquilo. A convivência dela com o seu Luiz era sempre tranquila. Se tinha alguma coisa, ela nunca falou na frente de ninguém, resolvia as coisas dela lá no quarto dela. Nunca vi

nada. Sempre sorridente e feliz da vida. A gente podia está ruim como estivesse, mas se fosse lá, chegava na casa do seu Luiz, era uma energia tão positiva, que você saia, voltava para casa feliz da vida. Parece até que nunca tinha acontecido nada. Olha, quando eu cheguei na União, que eu vi, que o vegetal é tão perfeito, um chá tão maravilhoso, que eu achava que não tinha ninguém errado, que depois que bebesse o vegetal a gente não podia mais fazer nada errado, era tudo perfeito. Novela a gente não assistia, não podia assistir, isso na minha cabeça; não podia assistir esses filmes doidos, filmes de terror... nada! Na minha cabeça, nada disso a gente podia. Uma das coisas mais marcantes para mim daquela época é a burracheira, era alto tempo de burracheira.⁶⁷

Por se tratar de um procedimento ainda muito mal compreendido em estudos dessa natureza, antes de prosseguirmos, devemos pontuar que, ao transcrever e inserir os trechos selecionados dos relatos das mulheres e homens entrevistados durante a pesquisa de campo, como forma de elaborar o documento oral, trabalhamos com a convicção de que estamos lidando com narrativas de pessoas que refletem sobre suas próprias vivências e delas tiram ensinamentos para si e para os outros. Desse modo, não as tomamos como meras fontes de pesquisa. Sua inclusão no corpo principal desta dissertação implica em uma escolha metodológica, uma escolha política. Escolha essa, fundamentada não apenas no magistral texto de Ecléa Bosi e suas “Memórias de velhos”, mas nas formulações epistemológicas de Alessandro Portelli para quem todo tipo de diferenciação entre “fatos” e “filosofia” não passa de

um bom exemplo de uma má interpretação, que tem sido a base da recuperação das memórias e das fontes orais, na época contemporânea: de um lado, a ilusão do testemunho como uma tomada de consciência imediata, de primeira mão, autêntica, fiel à experiência histórica; e, de outro, a divisão do trabalho entre o materialismo das fontes e a intelectualidade do historiador e do sociólogo (...). No entanto, o eixo sobre o qual gira toda a questão não é nem mais nem menos que a ambígua utopia da objetividade: por um lado, a objetividade da fonte e, por outro, a objetividade do cientista com seus procedimentos neutros e assépticos. Não obstante, no espaço intermediário (na terra de ninguém dos fatos e da filosofia, e no duvidoso confim onde ambos se superpõem) se coloca o território inexplorado e exorcizado da subjetividade. O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos (...). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o

⁶⁷ Rosa, entrevista realizada em 21 de junho de 2014.

fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados.⁶⁸

Partindo dessa significativa percepção de Portelli, insistimos que a forma e o conteúdo dos depoimentos dos entrevistados, no âmbito deste texto, é parte intrínseca do mesmo, em sua dupla forma narrativa/interpretação ou narração/significação sobre o vivido ou imaginado ou dado a viver, como parte mesmo da visão que norteou desde o início a nossa investigação. Não tomamos o depoimento como expressão da realidade ou da verdade dos fatos “tal qual” aconteceram, posto que narrativa, representação sobre o vivido, captado pelas múltiplas possibilidades da rememoração, no momento mesmo de atualizar e narrar as lembranças com tudo o que aí está implicado.⁶⁹

Nossa premissa é a de que toda realidade, toda espacialidade, toda temporalidade, somente pode ser falada ou conhecida por intermédio da “linguagem” ou da “conceitualização”, no dizer de Hall. Analisamos os depoimentos como imaginação sobre o vivido ou, em alguns casos, imaginação da imaginação sobre o vivido, na proporção que o foi ouvido passa, em diversas ocasiões, a ser contado como o que foi vivido. É dessa forma que os depoimentos ganham importância, como forma de dialogarmos com as práticas discursivas dos depoentes e práticas discursivas no formato proposto por Hall, com base na análise de Bakhtin/Volochínov, isto é, na forma de luta de valores ou luta de classes em torno do signo cultural que é sempre um signo ideológico.⁷⁰ Uma luta que se estabelece sempre no “aqui e agora” da experiência humana em meio à sociedade em que vive.

⁶⁸ Portelli, A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais, 1996, pp. 59-60.

⁶⁹ Sobre essa questão de natureza epistemológica, ver Benjamin, Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura, 1994; e Hall, Da diáspora: identidades e mediações culturais, 2003.

⁷⁰ Sobre essa questão ver Bakhtin/Volochínov, Marxismo e filosofia da linguagem, 2014; e Hall, Da diáspora: identidades e mediações culturais, 2003.

3 – ENTRE LAÇOS DE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

Neste capítulo, adentraremos no universo da primeira comunidade da UDV no Acre, com o objetivo de analisarmos, a partir dos relatos e memórias dos membros que participaram do início da construção dessa primeira comunidade, as representações dos depoentes acerca dos sentimentos de pertencimento, dos processos identitários, construção da memória e do espaço de memória presente na comunidade.

Alberto Furtado, através de suas percepções, insere alguns elementos que representam dificuldades reais e concretas para a religião naquela época. A falta de conhecimento da sociedade em geral gerava preconceitos e outros estereótipos àqueles que faziam uso do chá. Ele por sua vez para ter direito a voz e contrapor essas visões estigmatizadas da sociedade fez uso do jornal “Varadouro”, no qual contava com o apoio de amigos jornalistas.

De iniciativa de um grupo do jornalismo alternativo, o jornal “Varadouro”, entre as décadas de 1970 e 1980, publicou várias reportagens sobre a prática religiosa com o uso da Hoasca no Santo Daime, que era a mais conhecida na região àquela época. Outro depoente que traz na memória relatos das dificuldades vivenciadas na UDV enquanto religiosidade é Rômulo, ao lembrar ainda as vezes que tinha receio de se identificar como pertencente da UDV:

aconteceram algumas coisas ruins também, como a interferência do CONFEN, que suspenderam por uns três meses, sei que a gente ficou um tempão sem realizar sessões. Foi a nível nacional, mas parece que Rio Branco era a mente de tudo, porque muitas das coisas de documentação saía daqui, de Porto Velho também, mas aqui tinha muita influência, acho que porque tinha as outras também, era forte, tinha o papel do Mestre Irineu, tinha todo esse pessoal. A gente ficava até constrangido de falar que era da União, que bebia o chá, porque o pessoal falava que era droga, isso e aquilo. A gente ficava assim, na da gente mesmo. Mas muita gente perguntava se a gente era crente, pelo comportamento.

Embora sofrendo preconceitos e perseguições, a UDV no Acre resistiu à pressão social e continuou suas atividades, posteriormente, buscando meios

financeiros para a construção do primeiro Núcleo em terras acreanas, um processo que está presente na fala de quase todos os entrevistados, a exemplo de Alberto, ao destacar que:

o início foi marcado por atividades comunitárias muito participativas, era um número reduzido de pessoas, mas todas imbuídas de um espírito participação, organização e crescimento. Não se pensava em que dimensão chegaria o que estamos vivendo hoje, mas era algo que havia uma forma de confraternização entre as pessoas. Ir à casa do seu Luiz era uma forma de se encontrar pessoas que estavam tendo possibilidade de conhecer uma nova forma de convivência entre as pessoas, de compreensão dos ensinamentos espirituais, uma forma também de trabalhar e organizar os procedimentos.

Outro depoente que, ao lembrar suas vivências no processo de constituição da UDV no Acre, procura deixar evidentes os fortes laços de solidariedade que foram se estabelecendo é Rômulo:

Aí eu sei que o homem lá ficou meio assim com medo, porque era negócio de espírita. Aí ele chegou uma vez e fez uma proposta de venda de doze hectares, que ia até do outro lado da estrada. Eu sei que o rapaz que vendeu lá a área ficou bem agradecido de ter vendido para a União. Disse que o dinheiro rendeu tanto, que foi bem abençoado, que gostou mesmo de ter vendido pra União aquela terra. Aí foi motivador, porque a gente pagou parcelado, a gente batalhava, batalhava... Foi trabalho! A gente ia para Exposição, vender lá; assava galinha; fazia tanta coisa. Eu era uma das pessoas que ficava lá, dormia lá para vigiar. Era intenso naquela época. Mas todo mundo feliz. Sei que a Conselheira Odaíza era a cabeça, tipo assim, era empreendedora mesmo desses trabalhos. E temperava frango de um dia para o outro, ficava bem gostoso o nosso frango; quando a gente ia assar o povo não comia só um não. A gente fazia tantos eventos. Fizemos o festival do Papai Noel lá no Horto; veio alguns irmãos de fora, faziam pintura de Papai Noel. A gente fazia várias promoções, aí nessas promoções sempre entrava a alimentação, que era o ganho maior. Foram conquistas que vieram acontecendo.

Rosa também indica os processos do fazer-se da UDV, em uma dinâmica que passou a significar um elaborar de referências que, no presente, confere sentido às suas lembranças, atualizados com um misto de dignidade e honra:

Para conseguir o dinheiro para comprar o terreno a gente ia para a feirinha do SEBRAE, montava a barraca da galinha picante, com vatapá, arroz e bolo. Menina, todo domingo a gente trabalhava e não era brincadeira não! Aí também em uma feirinha que tinha próxima ao estádio, a gente colocava lá e na EXPOACRE também. Era pouca gente para trabalhar e a gente dava conta.

Na fala de Manoel surge toda uma cartografia dos pontos/acontecimentos da cidade de Rio Branco que servem de porto seguro para suas memórias individuais/coletivas, idealizando processos identitários que marcaram o surgimento/fazer da sede do Núcleo “João Lango Moura”:

Aí então nós começamos a frequentar lá na casa do Luiz, na Quintino Bocaiuva, aí depois nós descobrimos que estavam vendendo esse terreno aqui, aí nós dizíamos: vamos comprar, vamos comprar. Mas como, sem ter dinheiro? Era pouca gente no início, mas eram uns irmãos aguerridos e fortes. Aí nós dizíamos: vamos dar um jeito! Aí vendíamos bolo no estádio, churrasco, refresco... Nos dias de jogos ou em qualquer atividade que o Estado fazia, como na Exposição, que nós passamos um tempão. Aí ao lado do Palácio tinha aquelas feirinhas, aí a gente ia lá ganhar um dinheirinho. E hoje a gente ver que a casa está pronta mesmo. Às vezes chega uma pessoa assim, que não viu o trabalho das pessoas do início, aí vai querer dar um ponto onde não cabe. O ponto que cabe é a pessoa auxiliar. Foi muito trabalho, mas todo mundo feliz.

O depoimento de Manoel encontra eco no depoimento de Raimundo, unindo os fios de lembranças partilhadas pelas experiências vividas em um tempo marcado pelo início da construção da identidade coletiva da UDV em Rio Branco:

A gente levava uma galinha, lá para a casa do Luiz Máximo, e às vezes levava um pudim grande, e lá a gente fazia esse leilão americano para arrecada dinheiro para a compra do terreno. Aí ficávamos: “quem dá mais? Quem dá mais?” E aquele que ia dando o lance, ele dava mesmo. Não é que o lance do outro matava aquele não. Eu dizia assim: eu dou dez reais,

aí outro dizia: eu dou quinze, aí eu dava os meus dez. aí depois todo mundo comia. As irmãs faziam bolo, aí a gente vendia em frente ao estádio. Era bolo, suco, cachorro quente... Aí tinha a EXPOACRE, aí nós íamos para EXPOACRE, aí terminava o movimento, aí ficava um de vigia lá, para não mexerem nas coisas, até a nova equipe chegar. E assim foi desenvolvendo.

Esses trechos dos relatos trazem um movimento comunitário, participativo no intuito não apenas de continuar bebendo o chá na casa de Luiz Máximo, onde aconteciam os rituais, mas em comprar o terreno para a construção do Núcleo. Essa dinâmica que implica a afirmação da própria UDV na capital do Acre foi marcada também por tensões frente às formas como os hoasqueiros eram vistos na cidade, no momento mesmo em que desenvolviam atividades para a arrecadação de recursos financeiros para a compra do terreno, momento em que foram tratados com desconfiança pelo proprietário do imóvel, deixando transparecer o que estava intrínseco no imaginário da sociedade, ou seja, o receio, por se tratar de “negócio de espírita”.

O erguimento da sede do Núcleo, frente ao conjunto de dificuldades, adversidades e esforços coletivos vivenciados/lembrados, pela forma como foi narrado pelos depoentes, significou uma construção física e simbólica, uma espécie de edificação nos seus membros e para os seus membros. Assim como ocorreu com o Mestre Gabriel e seus primeiros discípulos, em Rio Branco cada membro do emergente Núcleo contribuía com o que sabia fazer ou mesmo se predispondo a aprender o que fosse necessário para colaborar na aquisição e construção do espaço para a realização da prática religiosa. Todo o empenho resultou na tão sonhada compra da área de terra e a consequente construção do primeiro Núcleo.

Em uma breve descrição, o Núcleo do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, denominado de “João Lango Moura”, foi inaugurado em vinte e um de maio de 1981. Como a maioria dos núcleos da UDV, o mesmo foi construído em um local afastado da cidade, com sede própria, assentado sobre, aproximadamente, seis hectares de floresta, sendo que a parte construída para o templo corresponde a dois hectares. A outra parte do lote permanece floresta nativa, porém dentro da zona urbana de Rio Branco. Além do templo, que é destinado a realização das sessões, suas instalações possuem dois conjuntos de banheiros grandes (um masculino e um feminino), um local apropriado para a preparação do chá, uma sala para o Departamento de Memória e Documentação - DMD, um berçário, uma cozinha, um

refeitório, uma casa do zelador e um campo de futebol, para a prática de esporte, com arquibancada de madeira. A imagem a seguir traz, de forma ilustrativa, a atual estrutura física do Núcleo João Lango Moura.

Figura 3: Núcleo João Lango Moura



Núcleo João Lango Moura visto de cima.
Foto: acervo do DMD do Núcleo João Lango Moura

Alberto Furtado, presente e atuante em todo o processo de construção/constituição do núcleo, assim se manifesta sobre a arquitetura do mesmo e sua expansão para outras localidades acreanas:

a criação do nosso núcleo, é uma memória; os estatutos que vêm organizados pela Sede Geral, também é uma memória, que é o início, aí vem a criação dos núcleos, aí vem a organização dos departamentos, a organização da Diretoria, aí vem a criação dos núcleos nos municípios, como os daqui, que faz parte da memória da criação do primeiro núcleo.

Em sua fala, Alberto torna evidente que a construção do núcleo tem uma dupla dimensão ao realçar que o local e suas estruturas passaram a ser importantes para apreender como foi se estabelecendo a memória/identidade, atualmente, repassada/incorporada aos e pelos que chegam à comunidade. Para ele, a articulação do “acontecido” ganha significado não apenas como narração, mas como

elo de pertencimento, característico da dinâmica que marcou a construção da UDV no Acre. Aqui, o duo memória/identidade se confunde como forma de internalização que expressa um pouco a lógica presente na reflexão de Roger Chartier, ao imbricar “representação, prática e apropriação” como forma de dar visualidade aos processos históricos em que são tecidas as práticas culturais. Para este autor,

as representações do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social - como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas -, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais.⁷¹

As “lutas de representação”, nomeação, classificação, estão presentes nas práticas culturais/religiosas e, no caso deste estudo, na dinâmica do processo de construção física/simbólica do Núcleo “João Lango Moura” que perpassam as falas dos depoentes, determinação dos condicionantes históricos em que foram sendo estabelecidos. As primeiras experiências dos fundadores da UDV no Acre, assim como o processo de adesão dos novos adeptos aparecem nos relatos de quase todos, mas marcados pelas distintas condições de cada um, em suas distintas experiências de vida, mesmo que na condição de integrantes de uma mesma comunidade.

Luiz Máximo, cuja trajetória de vida possibilitou-lhe conhecer o Mestre Gabriel, durante uma estadia na cidade de Porto Velho, onde aguardava para seguir viagem até a cidade de Manaus, em busca de tratamento de saúde, tendo em vista

⁷¹ Chartier, A história cultural entre práticas e representações, 1990, p. 17.

que, no Acre, os médicos não tinham mais condições de tratá-lo, assim narra a sua chegada e adesão à UDV:

Eu morava aqui em Rio Branco, e passei por um período assim precisando de saúde. Eu pesava de 39 a 40 kg, era bem magrinho. Então achei que os médicos não tivessem mais condições, viajei para Manaus, mas fiquei em Porto Velho, na casa de uma senhora, que me recebeu muito bem quando estive lá. Me perguntou, porque o senhor, vendo a situação que eu estava, não procura um outro meio qualquer. Qual? Eu conheço um senhor que é muito procurado, chama-se Raimundo Pereira da Paixão. Vou te levar lá. Então vamos embora. Eu fui chegando na casa do Mestre Paixão, que conheci pela primeira vez, debaixo de chuva. Porto Velho não gosta de água... e ele me falou da União do Vegetal. Eu nunca ouvi falar. Aí ele disse: “você quer conhecer?” eu disse: quero! Aí ele: “então vou levar o senhor ao Mestre Gabriel”. Então ele marcou um dia de quarta-feira. Eu cheguei lá, eram umas cinco horas, ele mandou a gente entrar e então fomos à casa de Mestre Gabriel. Era uma casa bem simples. Ali era a Sede da União. Então chegando, o Mestre Paixão me apresentou logo ao Mestre Gabriel, dizendo que eu vim do Acre a procura de saúde aí o mestre Gabriel levantou-se me deu a mão e disse: “deu pra chegar aqui, não morre mais” o senhor quer beber o vegetal? - Não, eu não sabia o que era. Ele disse: “no acre tem. Mas o senhor aguarde aí”. Então serviram um cafezinho, então chegou a hora da sessão, ele me deu um copo de vegetal. Aí meu amigo, eu senti o efeito... aí no meio da sessão, o Mestre Gabriel chegou pra mim e disse: “então, o senhor tem burracheira? Eu não sabia o que era burracheira. Tem miração? Nunca ouvi falar. Aí ele explicou o que era miração e burracheira”. Aí depois da sessão ele disse: “então venha sábado”. Sábado estava lá com Mestre Paixão; ele fazia tudo por mim. Aí rapaz, cheguei lá, bebi um copão. Então nesse dia recebi uma cura. Fiquei mais ou menos um ano bebendo o vegetal lá, aí depois voltei para o Acre, em 1971... Falei com o Mestre Gabriel que queria voltar para o Acre, porque já fazia tempo que estava longe da minha família, dos meus pais. Isso era em um sábado após a sessão. Aí ele falou: o senhor vai quando? Aí eu disse: amanhã! Aí ele pegou uma garrafa com Vegetal e me deu e disse: seu Luiz, pegue, leve, beba e dê pra quem você quiser! Aí quando eu cheguei aqui, passei um tempo bebendo o vegetal sozinho, mas já fazia todo o ritual. Com um tempo depois o Alberto Furtado veio. No ano seguinte casei com a Odaíza, aí ela começou a beber o Vegetal, depois veio os irmãos dela, os funcionários da loja.

A partir desse trecho, Luiz Máximo tece sua chegada à UDV pela busca por saúde e, tendo “recebido a cura”, solução para o problema de saúde em sua segunda experiência com o chá, no momento em que decide retornar à cidade de Rio Branco, recebe uma “garrafa com o Vegetal” das mãos do próprio mestre fundador e, de posse dessa garrafa, uma espécie de missão: “pegue, leve, beba e dê pra quem você quiser...”, um gesto que faz lembrar a tradição cristã do discípulo a quem o mestre envia na condição de missionário, que deve sair pelo mundo “pregando a boa nova”. As representações são articuladas em discursos/vozes que ecoam outros discursos/vozes no entrecruzamento que produz sentido à consciência individual que é sempre um “fato socioideológico”.⁷²

“Deixa eu lhe contar a minha história”. Assim, Antonia inicia a narrativa de sua chegada à UDV a partir de toda uma trajetória de vida, traçando um percurso que vai desde seus avós, seus pais, o seu nascimento, o lugar onde nasceu, como chegou ao Acre, até conhecer a casa de Luiz Máximo e a UDV. É interessante observar, que a forma como ela conta sua trajetória nos passa a impressão de que todos os acontecimentos lhe direcionaram para a chegada à UDV, conforme os trechos que seguem:

Eu cheguei aqui no Acre eu tinha uns nove anos pra dez, vim com uma tia minha que estava morando aqui, aí ela arranhou um emprego pra mim em uma casa de família. Sou amazonense, do município de Boca do Acre. Nasci em Boca do Acre, minha mãe me ganhou lá, mas a referência é o seringal Valparaíso, mas que eu nasci mesmo foi no seringal Valparaíso, na Colocação por nome Escondido, bem distante (...). A minha mãe se juntou com meu pai ela tinha uns dezesseis anos. O meu pai é filho de cearense, o pai dele era seringalista, tinha dois seringais. O meu avô quando conheceu a minha avó, ela era filha única, casou com ela aí quando ela casou, o pai dela deu um seringal de presente pra ela, aí quando ela morreu, o meu pai e meu tio eram pequenos, meu avô se juntou com uma mulher que era muito ruim, era uma madrasta muito ruim, aí meu pai fugiu de casa, ele tinha uns oito anos (...). No dia que eles mudaram para a Casa Phebo, a Odaíza me chamou para morar lá. Morei quatorze anos com eles e trabalhei quatorze anos com seu Luiz na loja... Ele dava o vegetal na época e a casa dele era sempre cheia de gente. A primeira vez que eu bebi foi na casa dele, no ano de 1975, eu tinha dezesseis pra dezessete anos.

⁷² Bakhtin/Volochínov, *op. cit.*, p. 35.

As lembranças são cruzadas e, com simplicidade e intensa paixão, Antonia fala de sua família, tecendo toda uma árvore genealógica que a faz percorrer estradas de seringa e varadouros de seringais e colocações na companhia de seu pai, mãe, avô e avó. A geografia da seringa e do seringal, com seus topônimos, antecede a da cidade e de sua inicialização na hoasca ou no vegetal, como prefere. Natureza e cultura enquanto mundos que se articulam em trocas recíprocas parecem conferir sentido à fala da depoente. Antonia vai traçando todo um percurso para falar de sua chegada à UDV, indicando que sua inserção nessa prática religiosa está assentada no plano material e no simbólico. Não por acaso, sua maior influência foi o meio familiar em que estava vivendo, na família de seu Luiz Máximo, a casa que lhe abrigava.

O percurso de Antonia e seu encontro com o vegetal é diferente dos percursos de outros hoasqueiros. A narrativa de Alberto Furtado sobre sua chegada à UDV envolve um interesse despertado a partir de informações que ouvira de um amigo. Além disso, ele também já tinha escutado falar no Daime e no Mestre Irineu, que conhecia desde sua infância, ele narra:

A primeira vez que ouvi falar do vegetal, foi através de um amigo meu de um grupo de jovem da Igreja Católica. Nós conversando, aí ele falou de irmão de amigo dele que trabalhava com o Luiz Máximo, e falou pra ele que o Luiz Máximo tinha ido a Porto Velho e tinha conhecido um chá de um aspecto bem interessante. Foi quando eu me interessei, e também eu já tinha escutado falar alguma coisa do Daime aqui do Acre, do Mestre Irineu, que eu conheço desde menino, mas nunca tinha ido ao Centro do Daime. Aí me interessei em procurar o Luiz Máximo, na época, através de contatos familiares que a gente tinha. Cheguei pra ele e disse: Luiz, dizem que tu bebe um chá aí bem interessante, que as pessoas podem de ter algumas percepções de coisas espirituais. Aí ele foi e falou a respeito do Mestre Gabriel, da União do Vegetal, aí eu me interessei e fui beber com ele. Então a primeira pessoa aqui do Acre, que iniciou com ele e se associou na União, fui eu. Mas no início ainda não era a sociedade oficial ainda, e eu também ainda não era sócio oficial, eu me considerava porque estava junto...

Em seu relato Alberto parece escolher as palavras, insistindo em um modo de contar que organiza, sistematiza uma trajetória já marcada pelo intenso trabalho

de construção do primeiro Núcleo “João Lango Moura”, re-atualizando e revivendo os processos iniciais de seu contato com o chá e com a União do Vegetal. Em seu imaginário, desde criança, povoa ou habita a figura central do Mestre Irineu, o fundador da doutrina do Daime, “um homem da oralidade, da escola oralidade em suas múltiplas dimensões”, nas palavras de Albuquerque, destacando sua capacidade de “compreender os significados dos sopros e apelos da floresta com seus segredos, suas visualidades, suas invisibilidades”, um homem diaspórico cujos “saberes formulados nos muitos intercâmbios cultura-natureza, natureza-cultura produziram materialidades/espiritualidades transmitidas por palavras, sons, gestos, olhares, corpos em movimento”.⁷³

Ecléa Bosi chama a nossa atenção para o relevante aspecto de que “quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício”.⁷⁴ Em certo sentido, é isso o que faz Odaíza, detalhando com passional rigor os momentos iniciais de constituição/instituição da UDV em Rio Branco, nas confluências entre a cidade, o rio e a floresta, assim como no trânsito de diferentes saberes e práticas culturais daqueles que se empenharam nesse processo:

Quando a gente bebia o vegetal aqui em casa, foi assim: o Alberto já bebia com o Luiz, aí eu casei com o Luiz e ele me falou algumas coisas sobre a União Vegetal, aí com dois meses depois eu comecei a beber. No início eu ficava só olhando, porque eu era Católica, depois comecei a beber. Aí chegou o Aquiles, que o Luiz mandou buscar ele no seringal. Aí nós tínhamos diversos funcionários: a Antonia e a Rosa, que moravam com a gente; a Angela Brasil; o Januário, que morava aqui em casa; Pedro Ribeiro, que passou um tempo; a Sonia Cavalcante, que trabalhava com a gente também. Aí a gente foi trazendo os mais próximos, os meus irmãos e os funcionários, para beber Vegetal junto com a gente. Na época nós tínhamos a participação de pessoas, como o Mestre Paixão, que vinha e ficava aqui um mês, dois meses, para dá assistência. O Mestre Braga também. O Mestre Adamir, quando veio a primeira vez ficou bem umas duas semanas com a gente. Os Mestres foram chegando também e dando assistência. A Mestre Pequenina veio para cá também. Então assim, nós tivemos uma grande participação dos Mestres, discípulos do Mestre Gabriel, que vinham para dá assistência. O Mestre Paixão foi o que ficou mais

⁷³ Albuquerque, *op. cit.*, 2010, p. 21.

⁷⁴ Bosi, *op. cit.*, 1987, p. 399.

tempo dando auxílio para o Luiz; trazendo os ensinamentos nas sessões. O Mestre Braga também, que era o Representante na época. Aí vinham também o Mestre Monteiro, Mestre Pernambuco, Mestre Joanico. A Mestre Pequenininha veio muitas vezes. Ficava aqui em casa, dirigia sessão, ia para Vila Plácido, ia lá para onde ela morou, para o seringal. Sempre que eles vinham, eles iam lá. O Mestre Zé Luís também veio algumas vezes; Mestre Florêncio; Mestre Herculano também vinha. Nos aniversários do Luiz, tinham vezes que tinham quatro ou cinco mestres do Conselho da Recordação. Vinham para os casamentos aqui também. Nós tivemos muita assistência. E com isso, foram trazendo as pessoas, os irmãos; os funcionários já iam trazendo suas famílias. É uma grande vitória! Porque a gente pôde ver as pessoas chegando. O Maciel foi uma pessoa que deu muita assistência. O Gonzaga foi o segundo mestre aqui, depois do Luiz, aí depois o Mestre Maciel. Era os três Luís: Luiz Máximo, Luís Gonzaga e Luís Maciel. Ficaram durante um bom tempo, os três comandando. A gente tinha muitas alegrias.

Esta narrativa possibilita acompanharmos o quanto a inserção ou adesão de novos membros ao núcleo da UDV, que se iniciava, passava pela ruptura com as barreiras e estereótipos historicamente produzidos nas subjetividades locais/regionais sobre o Daime. Ela própria evidencia isso ao contar que, no início, “ficava só olhando, porque eu era Católica”. Daí por diante foi o trabalho de envolvimento de amigos, parentes e pessoas que trabalhavam com ela e seu marido, em um significativo trânsito entre o seringal e a cidade. Trânsito de mestres de outras localidades, especialmente, de Porto Velho, trânsitos de alegrias. A partir da rememoração de Odaíza, ganha sentido falar de produção das práticas de sociabilidade como parte da memória coletiva que funda e refunda o Núcleo “João Lango”. Cultura e identidade se movimentando na dinâmica do fazer que transforma as pessoas e as insere como integrantes de uma comunidade regida por laços afetivos, valores, convenções, normas, disciplina, ou seja, práticas culturais e discursivas, mas que não encerram ou enclausuram o todo que aí se faz presente, posto que, seguindo as reflexões de Paul Ricoeur, o terreno das coisas que envolvem o sagrado, não pode ser reduzido linguisticamente ao campo da discurso. Para ele, em diálogo com Mircea Eliade,

o elemento numinoso não é primeiramente uma questão de linguagem, se é que alguma vez se torna efectivamente uma, pois falar de poder é falar de algo completamente diferente do discurso, mesmo se ele implica o poder de

falar. Este poder como eficácia por excelência é o que não transita completamente para a articulação do sentido.⁷⁵

Com o processo de construção da UDV no Acre, foram sendo produzidos objetos e documentos de memória, assim como documentos escritos, fonográficos e fonográficos, que compõem o acervo documental do denominado Departamento de Memória e Documentação (DMD). Por escolha metodológica, escolhemos não falar ou analisar diretamente esse acervo, mas trabalhar com o modo como os depoentes se manifestam sobre o mesmo, procurando apreender os sentidos de um centro de memória escrita e imagética em meio a uma comunidade que se originou de práticas de oralidade e que preserva e transmite seus mais importantes saberes por práticas de oralidade. A imagem a seguir traz, de forma ilustrativa, um pouco da estrutura física do espaço de memória (DMD).

Figura 4: Espaço de memória (DMD) do Núcleo João Lango Moura



Espaço de memória (DMD) do Núcleo João Lango Moura
Foto: acervo do DMD do Núcleo João Lango Moura

⁷⁵ Ricoeur, Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação, 2009, p. 87.

Segundo consta nos documentos presente no acervo documental da UDV, o Centro de Memória e Documentação – DMD é o órgão incumbido de zelar pela memória institucional da UDV. Cabendo-lhe cuidar de toda a parte documental, direta ou indiretamente, relacionada à história da entidade, bem como a de seu fundador, Mestre Gabriel. O DMD tem como principal ferramenta de intercâmbio de informação o Jornal Alto Falante – o porta-voz oficial da UDV -, editado sob a responsabilidade do DMD da Sede Geral, como forma de estabelecer uma aproximação com os Núcleos das demais regiões administrativas da UDV. O DMD tem sede em Brasília, mas mantém ligação com os DMDs dos demais Núcleos da UDV. Além dos registros vindos da Sede Geral, cada irmandade é incentivada a fazer os registros dos “acontecimentos relevantes que constituem, ou virão a constituir”, suas próprias histórias, “através de depoimentos, fotografias, vídeos e outros meios que possibilitem a reconstituição de sua memória” (Jornal Alto Falante, 1989, p. 07).

Sobre a questão da memória na UDV, podemos observar na fala de Alberto, que ela não se limita a um espaço físico de paredes ou no espaço físico-social da escrita, mas está, sobretudo, ancorada em cada indivíduo membro. Alberto distingue dois tipos de memória e estrutura sua fala em torno dessa distinção para se referir à importância do DMD:

A memória na União possui dois aspectos: a memória voltada para o aspecto espiritual, com a assimilação dos ensinamentos, que são transmitidos de forma oral; e a memória voltada para o aspecto material, com os registros históricos, que é da sociedade em si. Por exemplo, a criação do nosso Núcleo, é uma memória; os estatutos que vêm organizados pela Sede Geral, também é uma memória, que é o início, aí vem a criação dos núcleos, aí vem a organização dos departamentos, a organização da Diretoria, aí vem a criação dos núcleos nos municípios, como os daqui, que faz parte da memória da criação do primeiro núcleo. Outro exemplo que me recordo, em relação à memória relacionada aos aspectos materiais, é dos registros em cartório dos primeiros casamentos realizados em nosso núcleo e alguns outros acontecimentos dentro das práticas cotidianas que estão na memória da sociedade.

Esta fala traz um pouco das relações que são estabelecidas entre o oral e o escrito, pontuando que as duas estão presentes nas práticas cotidianas da UDV, nas

quais a memória se apresenta em dois aspectos: “a memória voltada para o aspecto material (documentos) e a “memória voltada para o aspecto espiritual, com a assimilação dos ensinamentos que são transmitidos de forma oral”. Outro aspecto que fica perceptível na fala de Alberto é que a UDV para ser considerada uma sociedade precisa estar organizada por registros escritos, isto é, se não houver os registros escritos, a mesma pode não ter valor para sociedade em geral.

Em seu depoimento, Antonia diz acreditar que a necessidade de ter um espaço como o DMD está estritamente relacionada ao esquecimento do que se viveu ou ainda pela ausência e desaparecimento de muitos daqueles que foram percussores:

tinha alguma coisa assim... as pessoas recordavam tudo que tinha acontecido, porque a maioria estava ali. Hoje é que tem a necessidade, porque as pessoas esqueceram das coisas. Por exemplo, tem coisas que ninguém se lembra mais, tem pessoas que não se lembram mais, então é necessário que exista um arquivo que registre os acontecimentos da época.

É possível perceber na fala de Antonia certa preocupação com um lugar que guarde materialmente a memória daqueles que vivenciaram desde o princípio a construção da UDV, porque para ela a memória biológica está sujeita ao esquecimento e podem se perdidas lembranças de acontecimentos importantes para a história da comunidade. Não muito diferente Jonas também apresenta a mesma preocupação:

acho importante a existência do Centro de Memória, porque, como dizem muitos autores, a memória oral é muito falha. Por exemplo, você hoje tem vinte e cinco anos, você tem a memória lúcida, mas quando você chegar a cinquenta anos essa memória não vai estar com a mesma lucidez, aí você vai omitir alguns fatos que aconteceram. O seu Luiz, na época, contava aquela história dele com detalhes, com mais propriedade, com mais firmeza, que hoje em dia ele não tem mais, está com setenta e cinco anos. Então, eu acho que é necessário escrever, para ficar registrado. A gente vê que ao longo do tempo da criação da União do Vegetal, desde lá do Rei Inca, que ainda nem existia a escrita na época, ela vem sendo oralmente, eu acredito que ao longo desse tempo se perdeu muita coisa.

Para Antonia e Jonas, o DMD é uma garantia que a memória não se perderá e que todos que vierem posteriormente conhecerão a trajetória e tudo o que foi importante na construção da mesma. A questão central, no entanto, é que a UDV, desde o seu início, se fundamenta na tradição oral: é pela oralidade que os ensinamentos são transmitidos. Porém, para fazer parte do meio urbano houve a necessidade de uma maior organização institucional, ocasião em que a escrita passou a fazer parte de sua constituição, com a elaboração de textos normativos, documentos institucionais e boletins. A escrita nesse sentido tem um valor secundário. O que cada núcleo mantém ou utiliza nas sessões é o legado deixado por Mestre Gabriel.

Os saberes e conhecimentos da herança cultural, que outrora eram transmitidos e compartilhados através da narração e rememoração, o que se ver, desde o surgimento da escrita, é a busca pela a captação e preservação da herança cultural através de registros escritos, surgindo assim, os lugares/espacos para organização desses registros. Odaíza pontua como foi surgindo o lugar/espaco de memória da UDV no Acre:

Quem começou a fazer o trabalho de anotar os nomes dos sócios que iam chegando foi o José Alexandrino, meu irmão. Mas aí não fazíamos muitos registros fotográficos, isso foi gradativamente, conforme as pessoas vinham chegando. Hoje, com o Departamento de Memória, existem algumas fotos, algumas coisas registradas. As visitas ao DMD acontecem mais em época de sessões festivas, que aí vêm visitantes.

Da mesma maneira, Rômulo procura destacar a importância do DMD:

naquela época foi um movimento mesmo para a União chegar onde chegou. O meu pai tinha uma amizade com o Mestre Herculano, porque o Mestre Herculano era amigo dele. O Mestre Herculano era fotógrafo também na época. Assim, a memória... tudo que era datas o meu pai fazia foto, eu não tenho muitas fotos, porque muita coisa se perdeu e nessa época a gente ainda não tinha o Centro de Memória, ficava mais com as pessoas mesmo, cada um ficava com algumas, mas ele doava mais os quadros, ele fazia os quadros quando chegava algum mestre antigo.

A forma de organização do acervo histórico do Núcleo Mestre Gabriel, que é a sede histórica da UDV, serviu de modelo para os demais núcleos, posteriormente, construídos. Parte dos registros de memórias presentes nesse acervo, principalmente, os relacionados à trajetória do Mestre Gabriel durante o processo de construção da UDV, são copiados e repassados para os demais núcleos. Cada núcleo possui seu próprio acervo, com registros históricos de suas construções e do cotidiano dos membros que deles fazem parte. São, nesse sentido, documentos que uniformizam memórias e podem concorrer para a instituição de uma memória histórica por demais restrita à palavra escrita ou à imagem fotografia como supostas maneiras de condensar o “congelar” e preservar de forma objetiva uma memória do vivido, como aparece na forma como alguns dos depoentes se referem ao acervo do DMD. O próprio pode público trabalha com essa lógica e a incentiva, pois trabalha com uma noção hierarquizada de memória. Noção essa que supervaloriza o escrito e o imagético em prejuízo direto ao oral, que sempre foi o mais forte elo de ligação, transmissão de conhecimentos e afirmação identitária na UDV, assim como em outros ramos das comunidade ayahuasqueiras/hoasqueiras.

Essa percepção nos leva a retomar as reflexões formuladas por Edgar de Decca, em “Memória e cidadania”, que tem como ponto de partida uma problematização sobre o que classifica de “aceleração desmesurada da história” durante o século XX e, acrescentamos, nesse começo de século XXI. Nesse acelerar da história, passou a ocorrer um processo de “ruptura definitiva com o passado e o tradicional sentimento de continuidade” entre este e o presente que vivenciamos, imersos em tecnologias de comunicação que tendem a um isolamento cada vez maior das pessoas em relação às experiências/vivências comunitárias. Nesse processo, afirma de Decca, passou a predominar uma busca em diferentes setores da sociedade (associações, sindicatos, grupos minoritários, igrejas, etc) em preservar seu passado, constituindo centros de memória que acabam por enclausura a memória coletiva, social e plural em uma memória histórica, caracterizada por sentidos únicos e, por isso mesmo, limitados, prontos a serem tomados como a história, como uma espécie de “verdade” única, desautorizando outras formas de lembranças e rememoração das experiências vividas.⁷⁶

⁷⁶ De Decca, *op. cit.*, 1992.

Como forma de provocar um debate mais fecundo sobre essa questão, o autor faz uma importante diferenciação entre os sentidos da memória histórica/finita e a memória coletiva/infinita, em uma tomada de consciência que história e memória são, muitas vezes, coisas opostas, que não devem ser tomadas como sinônimos, como se refletissem a mesma coisa. Para ele: “o tempo desta história que se acelera vertiginosamente em nosso século é o tempo das mudanças, das transformações e da destruição, ao passo que o tempo da memória coletiva é o da permanência e o da continuação”.⁷⁷ E, em citação de Pierre Nora, enfatiza:

A memória é a vida, sempre guardada pelos grupos vivos e em seu nome, ela está em evoluções permanente, aberta á dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e de súbitas revitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que já não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente; a história é uma representação do passado. Porque ela é afetiva e mágica, a memória se acomoda apenas nos detalhes que a conformam; ela se nutre de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toda transferência, censura ou projeção. A história, porque operação intelectual e laicizante, exige a análise e o discurso crítico... A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. A história não se liga a não ser em continuidades temporais, nas evoluções e relações de coisas. A memória é um absoluto, a história não conhece mais do que o relativo. No coração da história trabalha um criticismo destruidor da memória espontânea. A memória é sempre suspeita à história, donde sua verdadeira missão é a de destruí-la e de rechaçá-la. Nos horizontes das sociedades de história, nos limites de um mundo completamente historicizado, haveria a dessacralização última e definitiva de toda a memória. O movimento da história e a ambição da história não são a exaltação daquilo que já passou, mas sim a sua nulificação”.⁷⁸

A longa citação de Nora, em meio à reflexão de de Decca, serve de apoio para a formulação de uma discussão em torno do problema e mesmo paradoxo que

⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 130.

⁷⁸ *Ibidem*, pp. 130-131. Ver também Pierre Nora, *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, tradução de Yara Aun Khoury, 1993, pp. 7-29.

significa e construção de “espaços de memória” em comunidades caracterizadas pela oralidade, como é o caso da comunidade religiosa que está organizada em torno do Núcleo “João Lango Moura” da União do Vegetal na cidade de Rio Branco. Mais que isso, possibilita apreendermos as dimensões pulsantes, vivas dos depoimentos coletados durante a pesquisa de campo, como forma de, talvez, propiciar à própria comunidade uma reflexão sobre sua trajetória histórica marcada por determinado tipo de narrativa, que, na atualidade, desperta interesses de setores do estado e da imprensa, e sua memória coletiva, presente nas formas de lembrar e rememorar das mulheres e homens que integram essa comunidade. Lembranças e rememorações ancoradas em um passado aberto, infinito, como ressaltou Maria Célia Paoli.⁷⁹ Um passado sobre o qual todos podem se debruçar e se reinventar identitariamente no campo da linguagem, do discurso e da representação, mas, também no campo do sagrado, um universo que, como afirmou Ricoeur, “a capacidade de falar funda-se na capacidade que o cosmos tem de significar, por conseguinte, a lógica do sentido deriva da estrutura real do universo sagrado”. Universo esse, prossegue o autor, no qual a lei “é a lei das correspondências, correspondências entre a criação *in illo tempore* e a ordem presente das manifestações naturais e das actividades humanas”.⁸⁰

⁷⁹ Paoli, *op. cit.*

⁸⁰ Ricoeur, *op. cit.*, pp. 88-89

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo, que teve como base a trajetória de construção da identidade religiosa hoasqueira União do Vegetal na Amazônia acreana, e a partir das narrativas sobre essa construção, foi possível fazer algumas reflexões acerca dos elementos que contribuíram para o seu início, bem como das representações identitárias feitas pelo filtro de memórias individuais e coletiva dos membros que acompanham essa trajetória de construção.

Os resultados contribuíram para a compreensão da pluralidade de identidades existentes nas Amazônia, especialmente na Amazônia acreana, enquanto espacialidade e temporalidade vivida pelos membros participantes desse estudo, cujas narrativas de memórias, trajetórias e experiências individuais e coletivas contribuíram para essa compreensão.

Verificou-se que os elementos característicos de diferentes matrizes culturais que transitaram/transitam pelos espaços amazônicos, em especial na Amazônia acreana, marcaram o início da construção das religiões hoasqueiras. Sendo o chá hoasca, proveniente da cultura dos diversos povos indígenas, que segundo dados históricos, habitavam os espaços amazônicos desde antes da chegada da colonização portuguesa. O chá é utilizado pelos povos indígenas desde épocas imemoráveis. Não se sabe ao certo como esses povos, em meio à imensidão da floresta amazônica, descobriram as plantas que dão origem ao chá. Estudos atribuem essa descoberta às “experiências e conhecimentos adquiridos com os contatos espirituais com a floresta e com os animais, na sua evolução”,⁸¹ no entanto, cada cultura indígena possui uma história mítica acerca dessa descoberta.

A oralidade, enquanto elemento constitutivo das religiões hoasqueiras, foi bastante enfatizada no decorrer deste estudo. Primeiro, porque, conforme se pôde constatar na fala dos depoentes, a UDV desde o seu início se fundamenta na tradição oral. É por meio da oralidade que os ensinamentos são transmitidos, pela palavra falada, “de boca a ouvido”. Fazendo assim, com que os discípulos exercitem a memória. Conforme podemos constatar na fala de Alberto Furtado, quando diz que “os ensinamentos são distribuídos de acordo com os graus de memórias, que é a capacidade de assimilar os ensinamentos sobre/sob o efeito do chá”, isto é, a transmissão

⁸¹ Ribeiro, Mergulho no ser, 2014, p. 54.

oral e captação dos ensinamentos pela memória durante o efeito do chá nos rituais da UDV é parte do sistema de crença, o que reforça a razão do predomínio da tradição oral. Segundo, porque escolhemos como metodologia de abordagem a história oral, que facilitou na produção do documento oral, principal fonte deste estudo, e nos permitiu um entrecruzar de olhares/interpretações sobre o vivido.

Contudo, tivemos o cuidado de deixar claro que, embora sendo um dos assuntos mais enfatizado ao longo desse estudo, ao abordarmos a cultura oral não estávamos querendo dizer que a cultura escrita deva ser excluída desse universo, quando a intenção é justamente buscar “explicar que a cultura oral e cultura escrita letrada não são campos opostos, se não, práticas intercambiáveis, cujas relações assumem significados específicos nas relações diárias”.⁸²

Por essa razão, um dos assuntos abordados no terceiro capítulo desse estudo é o espaço de memória presente na comunidade, cujo acervo é composto também por documentos escritos. Mas inicialmente o terceiro capítulo abordou questões relativas às percepções dos membros acerca da trajetória de construção da UDV no Acre, representações sobre os sentimentos de pertencimento, dos processos identitários e do espaço de memória presente na comunidade.

Sobre as percepções da trajetória de construção da UDV, os depoentes são quase unânimes em pontuar que os momentos que marcaram o processo de construção da UDV na cidade de Rio Branco estão relacionados às atividades realizadas para arrecadar recursos para a compra de um terreno e construção do templo da UDV. As atividades, em sua maioria, estavam voltadas para o preparo e venda de alimentos em eventos da cidade. Então, na memória coletiva, as atividades cotidianas que envolvem um espírito participativo foi um dos marcos principais. Algo que também foi enfatizado em algumas falas foi a interação entre os sócios. Como foi pontuado em algumas falas, quando disseram que eles se encontravam com maior frequência, principalmente no âmbito no Núcleo, conversavam até o dia amanhecer, após as sessões.

A partir das representações que cada depoente faz de si mesmo, foi possível perceber a forte ligação entre a memória individual que cada indivíduo traz da experiência primeira com o chá e constituição coletiva da própria religião que, entre si, se misturam. Cada indivíduo se identifica como sendo hoasqueiro e, a partir de

⁸² Portelli, *op. cit.*, 2010, p. 11.

sua primeira experiência, de certo modo, a representa. É por meio dos significados produzidos pelas pessoas que representam a UDV que se dá sentido às suas experiências e aquilo que são. E, como uma prática cultural, essa representação estabelece identidade, seja individual ou coletiva, pois gera respostas às suas questões. Nesse processo, o chá cria uma relação de pertença e a UDV se constitui como um ambiente social que os ajuda a enfrentar muitos desafios da vida cotidiana. Para além da questão religiosa, o que se estabelece é, lançando mão das reflexões de Hall, um conjunto de “certas identidades sociais”.⁸³

Em relação à adesão à UDV, foi possível verificar na maioria das narrativas que esse processo está relacionado a uma busca de alguma resposta espiritual, ou ainda para resolver problemas de saúde, largar vícios, dentre outros. As narrativas que cada um fez de sua história pessoal, dentro da instituição reflete e refaz suas próprias identidades.

No terceiro capítulo, foram abordadas também as percepções dos membros sobre o espaço de memória presente na comunidade. Como vimos anteriormente, a UDV, embora sendo de tradição oral, possui um espaço de memória que decorre do seu processo de construção, que ao longo do mesmo foram sendo construídas memórias, dentre a memória histórica, que se encontra materializada em documentos escritos, fotográficos, fonográficos, dentre outros, que compõem o acervo documental do espaço de memória construído na comunidade, denominado Departamento de Memória e Documentação (DMD). Sobre esse acervo, em algumas falas é possível perceber certa preocupação com um lugar que guarde materialmente a memória daqueles que vivenciaram, desde o princípio, a construção da UDV, porque para alguns deles a memória está sujeita ao esquecimento e podem ser perdidas lembranças de acontecimentos importantes para a história da comunidade. Nessa direção, o DMD é visto como uma necessidade, uma garantia de que a memória não se perderá e que todos que vierem posteriormente conhecerão a trajetória e tudo que foi importante na construção da comunidade. Mas, conforme diz Nora sem deixar de fazer a distinção entre memória e história, que a primeira traz consigo o modelo e ao mesmo tempo guarda o segredo do mesmo e a segunda está presa ao esquecimento por conta das constantes mudanças.⁸⁴

⁸³ Hall, *op cit.*, 2003, p. 285.

⁸⁴ Nora, *op. cit.*, 1993, p.08.

Para finalizar estas considerações finais, reafirmamos que as vozes e memórias que os sujeitos trazem consigo apresentam uma carga de subjetividade, o que faz deste estudo um conjunto de representações e interpretações do vivido narrado por quem viveu, e que aqui buscamos dar importância como dimensões da experiência humana. Contudo, acreditamos que um maior aprofundamento acerca das identidades individuais e coletivas dessa comunidade religiosa, na espacialidade da Amazônia acreana, deva ser pertinente, pois, considerando que o processo identitário é algo constante, não seria possível analisar todos os aspectos referentes a tais identidades em um único estudo. Com isso, concluímos que sempre existirão memórias a serem atualizadas, sentidos a serem re-significados, histórias a serem escritas e re-escritas, posto que vivemos em um mundo de linguagens e estas se deslocam sempre como o próprio movimento da vida.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. R. **Trabalhadores do Muru: o rio das cigarras**. Rio Branco (AC): Edufac, 2005.
- ALBUQUERQUE, G. R. “Escutar Interpretações e Interpretar: memórias do ‘Povo da Ayahuasca’”, In: NEVES, M. V.; SOUZA, M. L. (org.). **Comunidades Tradicionais da Ayahuasca: construindo políticas públicas para o Acre – Seminário**. Rio Branco: Assembléia Legislativa do Estado do Acre, Fundação Garibaldi Brasil, 2010.
- ALENCAR, M. S. de O. (org.). **A Expansão da UDV no Estado de Acre**. Rio Branco, AC: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal em parceria com a Fundação Garibaldi Brasil, 2007.
- ALMEIDA, M. F. **Santo Daime: a colônia Cinco Mil e a contracultura (1977- 1983)**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- ANTONACCI, M. A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2ª edição, São Paulo: Educ, 2014.
- ARAÚJO, W. S. “A Barquinha: espaço simbólico de uma cosmologia em construção”, In: LABATE, B.; ARAÚJO, W. S. **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.
- ARAÚJO, W. S. **Navegando Sobre as Ondas do Daime: História, Cosmologia e Ritual da Barquinha**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- ARENDT, H. **A vida do espírito**. Tradução de Cesar Augusto R. Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- AZÚA, F. “Sempre em Babel”, In: LARROSA, J. & SKLIAR, C. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2001, pp. 31-44.
- BAKHTIN, M. / VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16ª edição, São Paulo: Hucitec, 2014.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet, 7ª. Ed – São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNARDINO-COSTA, J. (org.). **Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. 3ª edição, São Paulo: Cia das Letras, 1998.

- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2ª edição, São Paulo: T. A. Editor, 1987.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. 2ª edição, São Paulo: Ateliê, 2003.
- CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL: **Hoasca**: fundamentos e objetivos. Brasília: UDV, 1989.
- CERTEAU, M. **A Cultura no Plural**. Tradução: Enid Abreu Dobransky, Campinas, SP: Papirus, 2011.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes do fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 5ª edição, Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHARTIER, **A História Cultural** – entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo, Rio Janeiro, RJ: Bertrad Brasil, S.A., 1990, p. 17.
- COSTA, J. (org.) **Hoasca**: ciência, sociedade e meio-ambiente. Campinas: Mercado das Letras, 2011.
- COSTA, J. C. **A conquista do deserto ocidental**: subsídios para a história do Território do Acre. 2. ed., Brasília: Editora Nacional, 1973, p. 24.
- COUTO, F. R. **Santos e xamãs**: Estudos do uso ritualizado da ayahuasca por caboclos da Amazônia, e, em particular, no que concerne sua utilização sócio terapêutica na doutrina do Santo Daime. Brasília: UnB, 1989. (Dissertação de mestrado em Antropologia). Disponível em: <http://goo.gl/Qir9IB>. Acessado em 25/04/2015, às 21h.
- DE DECCA, E. S. “Memória e cidadania”, In: **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico, 1992, pp. 129-136.
- FRÓES, V. F. **História do Povo Juramidam**: introdução à cultura do Santo Daime. 2. ed. Manaus: SUFRAMA, 1986.
- GLISSANT, E. **Introdução a uma poética de diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.
- GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. 2ª ed., Manaus: Valer, 2007.
- GOULART, S. L. **Contrastes e continuidades em uma tradição Amazônica**: as religiões da Ayahuasca. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, pp. 25-128
- LABATE, B. C. e Araújo, W. S. (orgs). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.
- LABATE, B. C. **A reinvenção da ayahuasca nos centros urbanos**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 2ª edição, Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LUZ, P. “O uso ameríndio do caapi”, In: LABATE, B. C. e Araújo, W. S. (orgs). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.
- MACRAE, E. **Guiado pela Lua: Xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MOTA, L. R.; SOUZA, J. C. A.; OLIVEIRA, P. A. R. **Religião e cultura: memórias e perspectivas**. Belo Horizonte: Editora da PUC – MG, 2012.
- NORA, P. “Entre memória e história: a problemática dos lugares” In: **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC – SP, nº 10, 1993, pp. 7-28.
- OLIVEIRA, I. **Santo Daime: um sacramento vivo, uma religião em formação**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- OLIVEIRA, R. M. **De folha e cipó é a Capelinha de São Francisco: a religiosidade popular na cidade de Rio Branco – Acre (1945 – 1958)**. Dissertação de Mestrado em História do Brasil, Universidade Federal de Pernambuco, UFAC/UFPE, Recife, 2002.
- PAOLI, M. C. “Memória, história e cidadania: o direito ao passado”, In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico, 1992, pp. 25-28.
- PEREIRA, J. C. **Interfaces do sagrado: catolicismo popular, o imaginário religioso das devoções marginais**. Aparecida (SP): Editora Santuário, 2011.

- PORTELLI, A. “A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”, In: **Revista Tempo**. Rio de Janeiro: UFF, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.
- PORTELLI, A. “Forma e significado da História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade”, In: **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC – SP, nº 14, 1997, pp. 7-24.
- PORTELLI, A. “O que faz a história oral ser diferente”, In: **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC – SP, nº 14, 1997, pp. 25-39.
- PORTELLI, A. **Ensaaios de história oral**. Tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PRATT, M. L., **Os olhos do Império**: relatos de viagens e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre, Bauru: EDUSC, 1999.
- RABELO, M. C. “**Religião, ritual e cura**”, In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. (Eds.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.
- RABELO, K. B. **Daime música**: identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina do Daime. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- RIBEIRO, C. S. **Mergulho no ser**: corpo e memória em cerimônias indígenas com o Huni. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo, 2014.
- RICCIARDI, G. S. **O uso ritual da ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura, na União do Vegetal (UDV)**. Salvador: UFBA, 2008. (Mestrado em Ciências Sociais), Disponível em: <http://goo.gl/XXVI7z> e <http://goo.gl/7n4GBn>.
- RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2009.
- ROCHA, F. R. L. **Inaudíveis e invisíveis**: representações de negros na historiografia acreana. Rio Branco: UFAC, 2011. Dissertação de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade.
- SARLO, B. **Tempo passado**: a cultura da memória e a guinada subjetiva. São Paulo: Cia das Letras/Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- SILVA, C. M. **O Palácio de Juramidan – Santo Daime**: um ritual de transcendência e despoluição. Dissertação de mestrado em Antropologia Cultural. Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

SOUZA, V. M. **Ayahuasca, identificando sentidos**: o uso ritual da bebida na União do Vegetal, São Luís: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFMA, 2010.

UNIÃO DO VEGETAL. **Site oficial da UDV**. Disponível em: www.udv.org.br. Acessado em 22/04/2015, às 15h27min.